

organizadoras

Suely Emilia de Barros Santos

Jullyane Chagas Barboza Brasilino

O COTIDIANO COMO HORIZONTE DE PESQUISA



organizadoras

Suely Emilia de Barros Santos

Jullyane Chagas Barboza Brasilino

O COTIDIANO COMO HORIZONTE DE PESQUISA



cultural
pimenta
2025
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C844

O cotidiano como horizonte de pesquisa / Organização Suely
Emilia de Barros Santos, Jullyane Chagas Barboza Brasilino.
– São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-502-2

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-502-2

1. Psicologia Social. 2. Interdisciplinaridade. 3. Saúde Mental.
4. Cotidiano. 5. Políticas Públicas. I. Santos, Suely Emilia de
Barros (Org.). II. Brasilino, Jullyane Chagas Barboza (Org.).
III. Título.

CDD 301.15

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicologia Social

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	rawpixel.com, vector_corp - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Candara, Magno
Revisão	Milena Domingos
Organizadoras	Suely Emilia de Barros Santos Jullyane Chagas Barboza Brasilino

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza
Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioqueta Lorenetz
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecília Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos
Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

- Elena Maria Mallmann**
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Eleonora das Neves Simões**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Eliane Silva Souza**
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
- Elvira Rodrigues de Santana**
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Estevão Schultz Campos**
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil
- Éverly Pegoraro**
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Fábio Santos de Andrade**
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
- Fábricia Lopes Pinheiro**
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Fauston Negreiros**
Universidade de Brasília, Brasil
- Felipe Henrique Monteiro Oliveira**
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Fernando Vieira da Cruz**
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
- Flávia Fernanda Santos Silva**
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
- Gabriela Moysés Pereira**
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Gabriella Eldereti Machado**
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Germano Ehler Pollnow**
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
- Geuciane Felipe Guerim Fernandes**
Universidade Federal do Pará, Brasil
- Geymesson Brito da Silva**
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
- Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Handherson Leylton Costa Damasceno**
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Hebert Elias Lobo Sosa**
Universidad de Los Andes, Venezuela
- Helciclever Barros da Silva Sales**
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil
- Helena Azevedo Paulo de Almeida**
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
- Hendy Barbosa Santos**
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil
- Humberto Costa**
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges**
Universidade de Brasília, Brasil
- Inara Antunes Vieira Willelding**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Jaziel Vasconcelos Dorneles**
Universidade de Coimbra, Portugal
- Jean Carlos Gonçalves**
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Joao Adalberto Campato Junior**
Universidade Brasil, Brasil
- Jocimara Rodrigues de Sousa**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Joelson Alves Onofre**
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
- Jónata Ferreira de Moura**
Universidade São Francisco, Brasil
- Jonathan Machado Domingues**
Universidade Federal de São Paulo, Brasil
- Jorge Eschriqui Vieira Pinto**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Juliana de Oliveira Vicentini**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Juliano Milton Kruger**
Instituto Federal do Amazonas, Brasil
- Julianno Pizzano Ayoub**
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
- Julierme Sebastião Morais Souza**
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
- Junior César Ferreira de Castro**
Universidade de Brasília, Brasil
- Katia Bruginski Mulik**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Laionel Vieira da Silva**
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
- Lauro Sérgio Machado Pereira**
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil
- Leonardo Freire Marino**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Leonardo Pinheiro Mozdzenski**
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
- Letícia Cristina Alcântara Rodrigues**
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil
- Lucila Romano Tragtenberg**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
- Lucimara Rett**
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
- Luiz Eduardo Neves dos Santos**
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
- Maikei Pons Giralt**
Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil
- Manoel Augusto Polastreli Barbosa**
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
- Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

- Márcia Alves da Silva**
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
- Marcio Bernardino Sírino**
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Marcos Pereira dos Santos**
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México
- Marcos Uzel Pereira da Silva**
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Marcus Fernando da Silva Praxedes**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
- Maria Aparecida da Silva Santadel**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
- Maria Cristina Giorgi**
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil
- Maria Edith Maroca de Avelar**
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
- Marina Bezerra da Silva**
Instituto Federal do Piauí, Brasil
- Marines Rute de Oliveira**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
- Mauricio José de Souza Neto**
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Michele Marcelo Silva Bortolai**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Mônica Tavares Orsini**
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Nara Oliveira Salles**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Neide Araujo Castilho Teno**
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
- Neli Maria Mengalli**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
- Patricia Biegling**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Patrícia Flavia Mota**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Patrícia Helena dos Santos Carneiro**
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
- Rainei Rodrigues Jadejski**
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
- Raul Inácio Busarello**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Ricardo Luiz de Bittencourt**
Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
- Roberta Rodrigues Ponciano**
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
- Robson Teles Gomes**
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
- Rodiney Marcelo Braga dos Santos**
Universidade Federal de Roraima, Brasil
- Rodrigo Amancio de Assis**
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
- Rodrigo Sarruge Molina**
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
- Rogério Rauber**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Rosane de Fatima Antunes Obregon**
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
- Samuel André Pompeo**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Sebastião Silva Soares**
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
- Silmar José Spinardi Franchi**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Simone Alves de Carvalho**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Simoni Urnau Bonfiglio**
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
- Stela Maris Vaucher Farias**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Tadeu João Ribeiro Baptista**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
- Taíza da Silva Gama**
Universidade de São Paulo, Brasil
- Tania Micheline Miorando**
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Tarcísio Vanzin**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Tascieli Fetrin**
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Tatiana da Costa Jansen**
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil
- Tayson Ribeiro Teles**
Universidade Federal do Acre, Brasil
- Thiago Barbosa Soares**
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
- Thiago Camargo Iwamoto**
Universidade Estadual de Goiás, Brasil
- Thiago Medeiros Barros**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Tiago Mendes de Oliveira**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Vanessa de Sales Marruche**
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
- Vanessa Elísabete Raue Rodrigues**
Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil
- Vania Ribas Ulbricht**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Vinicius da Silva Freitas**
Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Lagos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Servetaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Lagos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuelo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suélén Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

APRESENTAÇÃO



O cotidiano, enquanto espectro, episteme e lócus de enunciação, é uma janela sensível que possibilita pensar o nosso comprometimento científico com os diferentes grupos e sujeitos, desde o aprendizado da pesquisa. A experiência, elo entre o fazer e o conhecimento, organiza a imagem das prática e das lutas sociais enquanto uma oportunidade para compreender as multiplicidades de aspectos e sentimentos que compõem a vida das pessoas e que, em diversos sentidos, escapam ou são desconsiderados pelas lógicas redutoras e os cânones racionalistas.

É nesse sentido que as opções metodológicas, éticas e políticas que são adotadas na academia para traçar os caminhos nos territórios têm sido, nos últimos tempos, um dos principais desafios quando se trata da produção e difusão científica. As necessárias críticas às formas extrativistas de investigar deram, pois, a oportunidade de estruturarmos e disputarmos o reconhecimento das narrativas sobre o cotidiano e as experiências, sobretudo de sujeitos subalternizados, por um ponto de vista não linear, aberto, fluido. As práticas sociais, os processos de resistência, as emoções e os desejos, ao invés de serem assimiladas como categorias e fronteiras fixas, passaram a significar, cada vez mais, uma forma potente de dissidir.

Como as experiências dos sujeitos estão implicadas com o território? O que anunciam as narratividades e as cotidianidades para um *outro saber-fazer* na Ciência? Estas perguntas podem ser consideradas por você leitor(a) como forma de imaginar que conexões serão imagináveis a partir do presente livro. Nele, as abordagens e perspectivas trabalhadas permitem uma compreensão mais dinâmica e criativa do mundo, onde as vivências dos diferentes grupos e sujeitos com os quais os(as) autores(as) dialogam são forças



que movimentam e transformam o nosso olhar e os espaços que habitamos na academia.

As pesquisas que compõem o livro sugerem pensar a vida, os atravessamentos dos sujeitos, em contato com perspectivas teóricas e metodológicas que enunciam narrativas dissidentes e reposicionam premissas de um modo criativo e inovador. A opção de valorizar as experiências de indivíduos e comunidades marginalizadas, ao questionar estruturas de poder-saber e promover o diálogo sobre temas complexos e sensíveis, torna a obra um arcabouço interdisciplinar para pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Dividido em duas partes, "O Cotidiano de Profissionais Avistado nas Pesquisas" e "A Pesquisa Atravessada por Diversos Cotidianos", o livro intui o contato com práticas de investigação ainda pouco exploradas e que alargam o quadro metodológico com o qual temos acesso tradicionalmente ao longo de nossas formações acadêmicas.

Os autores articulam a pesquisa científica como uma abordagem metodológica que exige cuidado, empatia e responsabilidade ao lidar com temas delicados, relacionados às vivências, às vulnerabilidades, à produção de subjetividades e às lutas sociais. Reconhecem a complexidade e a profundidade das questões abordadas, buscando problematizar as nuances e os significados que os participantes atribuem às suas práticas e narrativas. Com a obra é possível que você se aproxime de pontos de vista que realçam um fazer sensível para a pesquisa ao passo que sugerem modos variados para o estabelecimento de uma relação de ética e de confiança com pessoas participantes de suas pesquisas. O cotidiano, do modo como é explorado nos capítulos, emerge enquanto um caminho para a consideração de uma escuta ativa e uma análise cuidadosa, valorizando as vozes dos grupos e sujeitos, sobretudo como pista para que evitemos em nossas investigações interpretações acríticas ou estigmatizantes.



O livro é um convite, uma carta endereça. A partir dos seus capítulos, o que está em jogo é a sua abertura, leitor(a), às afetações e sentidos que também fazem parte do método, da Ciência. Inversamente às ideias de neutralidade e afastamento (racional) do campo, o ato de investigar é retomado pelos autores na intenção de que para você seja lido como um processo de valorização da vida e da criatividade do pensamento, em que a adoção de perspectivas dissidentes para a produção do conhecimento possibilitará viver a experiência de pesquisar como um ato político.

Portanto, no presente livro você verá estudos que buscaram redimensionar suas metodologias e apostas teórico-epistêmicos e pôr em evidência aquilo que os sujeitos e os seus modos de existir apresentam para a pesquisa. Afinal, o saber, ou o contato com o território, não se molda à mera descrição e classificação da realidade pesquisada, lembre-se disso!

Afinal, é no cotidiano que, atento aos movimentos, pessoas e práticas, aprendemos outras formas de ver e de pensar.

Boa leitura!

Fernando da Silva Cardoso

SUMÁRIO

PARTE 1

O COTIDIANO DE PROFISSIONAIS

AVISTADO NAS PESQUISAS.....15

CAPÍTULO 1

Jhenyffer Lays Ribeiro Silva

Juliana Catarine Barbosa da Silva

Trabalho, saúde mental

e pandemia da COVID-19:

um olhar para os(as) trabalhadores(as) de equipes

multiprofissionais no agreste pernambucano.....16

CAPÍTULO 2

Juliano Almeida Bastos

Eduardo Matos Oliveira

Maria Cauane da Silva Souza

Flávia Manuela Uchôa de Oliveira

Uberização do trabalho a ação

política dos trabalhadores:

resistência e luta de classes no Brasil contemporâneo

33

CAPÍTULO 3

Jaíze de Andrade Araújo

Bruno Robson de Barros Carvalho

Jailton Bezerra Melo

Larissa Raposo Diniz

O “social” e o “político” no cotidiano

das políticas públicas de assistência social:

experiências de profissionais de psicologia

no interior do sertão de Alagoas.....

49

CAPÍTULO 4

*Jaileila de Araújo Menezes
Tathyane Gleice da Silva Lira
Rebeca Kelly Gomes da Silva
Daniela Leal Dantas Vasconcelos
Jade Sarmento Santana
Ludmila Menezes de Oliveira*

**Poéticas e políticas em torno
dos muitos tempos de uma pesquisa 70**

CAPÍTULO 5

*Gisele Michele da Silva
Juliana Catarine Barbosa da Silva*

Gordofobia e trabalho:

compreensão de sentidos de mulheres gordas
no contexto laboral..... 90

PARTE 2

A PESQUISA ATRAVESSADA

POR DIVERSOS COTIDIANOS 105

CAPÍTULO 6

*Maria Isabel Cavalcante Almeida
Jorge Edielson Costa Gueiros
Maria Eduarda Sobral F. Sá Barreto
Hémerson Carlos Dovoezem Costa
Jullyane Chagas Barboza Brasilino*

**O cotidiano entre normas
e resistências:**

subjetividades de gênero e sexualidade
sob olhares construcionistas 106

CAPÍTULO 7

Heloisa Gabrielle Alves Pontes Silva Flayban

Suely Emilia de Barros Santos

Antônio Genaldo Fagundes de Miranda

Giselle Oliveira Santos

Ingrid Jessiane Vieira Lima

Thalita Analyane Bezerra de Albuquerque

Revisão crítica de literatura:

acesso às políticas de ações afirmativas

étnico-raciais por jovens quilombolas no Brasil.....131

CAPÍTULO 8

Danielle de Andrade Paes Leme

Anael Robson Barbosa Ferreira

Suely Emilia de Barros Santos

Clarissa Marques

**Gritaram fim do mundo,
cadê minha psicóloga:**

desafios da psicologia diante da crise climática149

CAPÍTULO 9

Bárbara Oliveira de Moraes

Flávia Manuella Uchôa de Oliveira

Um breve retorno à estamira:

a noção de corpo-território no Jardim Gramacho164

Sobre os autores e as autoras.....180

Índice remissivo.....189



1

Parte

O COTIDIANO DE PROFISSIONAIS AVISTADO NAS PESQUISAS

1

*Jhenyffer Lays Ribeiro Silva
Juliana Catarine Barbosa da Silva*

TRABALHO, SAÚDE MENTAL E PANDEMIA DA COVID-19:

UM OLHAR PARA OS(AS) TRABALHADORES(AS) DE EQUIPES
MULTIPROFISSIONAIS NO AGreste PERNAMBUCANO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-502-2.1



De acordo com Fernandes, Gedrat e Vieira (2023, p. 99), o trabalho se refere “a uma atividade complexa, multifacetada, polissêmica, que não apenas permite, mas exige diferentes olhares para sua compreensão”. Ainda segundo os autores, o trabalho pode adquirir diferentes significados para a vida do trabalhador: de um lado pode ser compreendido enquanto uma forma de obter renda; por outro, como uma prática que visa a realização pessoal, status social e o estabelecimento e manutenção de relacionamentos interpessoais. Ao discorrermos sobre trabalho, não podemos deixar de discutir sobre a precarização do trabalho, sendo essa caracterizada pelos ritmos intensos, falhas na prevenção e diluição de responsabilidades em relação a acidentes de trabalho, falta de reconhecimento e valorização profissional, aumento da competitividade, fragilização de vínculos, dentre outros aspectos (Silva; Bernardo; Souza, 2016).

A precarização do trabalho, ainda que sempre tenha existido, é acentuada com o surgimento da pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, uma vez que trouxe diversas reordenações em relação ao contexto de trabalho e influenciou negativamente a saúde mental dos trabalhadores (Barros, 2019). Definir saúde mental não é algo fácil, já que se trata de um conceito amplo, nesse sentido, escolhemos trazer a definição atribuída pela Organização Mundial da Saúde (2022), que o comprehende enquanto um estado de bem-estar mental, físico, social e ambiental. Cada pessoa pode vivenciar esse bem-estar de modo diferente levando em consideração os distintos contextos de vida e graus variados de dificuldade e sofrimento.

Considerando tudo isso, o presente capítulo busca apresentar os resultados de uma pesquisa desenvolvida entre 2021 e 2022, cujo objetivo geral foi compreender como o trabalho e a saúde mental dos profissionais de serviços públicos, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), atuantes no Agreste Pernambucano, foram influenciados



pelo contexto da pandemia de COVID-19 e pela localização territorial na qual estavam inseridos.

Antes de nos debruçarmos sobre a metodologia do estudo, nos cabe aqui trazer o que são os CRAS e CAPS. Os CRAS fazem parte das políticas de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) sendo responsáveis pela identificação e acompanhamento de pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade (Araújo *et al.*, 2022). Já os CAPS, compõem uma rede substitutiva aos hospitais psiquiátricos proporcionando um atendimento efetivo às pessoas que apresentam sofrimento psíquico, tendo como foco a garantia de direitos e cuidado humanizados (Silva; Lucena Filho, 2020; Rocha; Pegoraro; Próchno, 2022). Ambos os serviços contam com equipes multiprofissionais que atuam de modo interdisciplinar, ou seja, apresentam profissionais de distintas áreas que buscam juntos uma atuação integrada com compartilhamento de objetivos, informações e ações, bem como a centralidade nos cuidados com os usuários (Martins, 2021).

Referente à metodologia utilizada em nosso trabalho, seguimos uma abordagem qualitativa que, de acordo com Pereira, Rasera e Pegoraro (2024), diz respeito a um método de caráter reflexivo e interpretativo que apresenta diferentes estratégias e métodos. Para esses autores, o método qualitativo ressalta a importância de se pesquisar com e não sobre as pessoas, e foi partindo desse princípio que buscamos realizar o nosso estudo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco e durante todo o processo de sua realização seguimos as orientações das resoluções nº466/2012 e nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas com seres humanos. O município, foco da pesquisa, conta com oito CRAS e dois CAPS. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, nós realizamos duas etapas e para cada uma delas os participantes leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



Durante a primeira etapa do estudo nós entramos em contato com os profissionais dos CAPS e dos CRAS da cidade, por telefone ou por e-mail, os convidando para participar de entrevistas semiestruturadas. De acordo com Pinheiro (2013), as entrevistas se caracterizam como práticas discursivas em que há interação, essa, por sua vez, ocorre em um determinado contexto e em uma relação que é constantemente negociada. Dessa forma, em relação aos centros mencionados, conseguimos realizar nove entrevistas com diferentes trabalhadores: (3) educadoras sociais, (1) psicólogo, (2) coordenadoras, (2) assistentes sociais e (1) técnico de enfermagem. As temáticas abordadas nas entrevistas corresponderam a: contexto de trabalho, território, pandemia da COVID-19, saúde mental e autocuidado.

Na segunda etapa, convidamos os profissionais dos serviços para participar de um grupo operativo de aprendizagem. Esse tipo de grupo tem como objetivo promover um processo de aprendizagem para as pessoas envolvidas, aprender em grupo é uma atitude investigadora, uma abertura para dúvidas e também para novas inquietações (Sangioni; Patias; Pfitscher, 2020). Foram realizados três grupos operativos: um foi realizado em um dos CAPS, contando com cinco participantes, e os outros dois em diferentes CRAS, cada um contando com seis participantes, além disso, seis das pessoas anteriormente entrevistadas também participaram de alguns desses grupos. Cabe mencionar que todos os grupos foram conduzidos por duas facilitadoras.

Para iniciar a discussão nos grupos operativos de aprendizagem, contamos com uma história fictícia de sensibilização envolvendo questões cotidianas relacionadas ao trabalho, como a pandemia o modificou e as repercussões dessas mudanças na saúde mental. Ao final dos grupos, foi proposto aos trabalhadores uma atividade na qual eles deveriam retratar – por meio de recortes, desenhos, escritas – a sua prática cotidiana em relação ao contexto trabalhista e/ou até mesmo sobre as repercussões que nossos encontros tiveram para eles. Tanto as entrevistas quanto os grupos



operativos ocorreram de forma presencial seguindo todos os protocolos de segurança recomendados pelas autoridades sanitárias municipais em relação à COVID-19.

Todos os encontros foram gravados com a autorização dos participantes e os dados produzidos foram armazenados em drive institucional de acesso restrito às pesquisadoras envolvidas. As gravações foram transcritas e submetidas à análise do discurso, seguindo as orientações teórico-metodológicas da psicologia discursiva de origem inglesa (Potter; Wetherell, 1987). No que concerne à análise do discurso, Potter e Wetherell (1987) nos descrevem dez etapas a serem seguidas, essas, por sua vez, não devem ser consideradas sequenciais, “mas como uma forma didática de compreender as várias questões e tarefas comuns ao trabalho de análise” (Rasera, 2013, p. 820).

A primeira etapa se refere às questões de pesquisa que devem estar ligadas ao discurso, como ele está organizado e qual a sua função; a segunda diz respeito à seleção do material onde pode existir uma variabilidade, vai desde um texto até várias entrevistas; a terceira relaciona-se com a coleta de registros e documentos que contribuem para a análise construída do discurso; a quarta diz sobre a realização de entrevistas, essas sendo realizadas de maneira conversacional, ou seja, através delas espera-se que seja gerada uma multiplicidade de práticas discursivas; a quinta corresponde às transcrições se atentando para “as pausas, as hesitações, a entonação, e a sobreposição das falas” (Rasera, 2013, p. 821); a sexta é a codificação, análise preliminar da análise propriamente dita; a sétima é a análise, essa envolvendo uma leitura intensiva e cuidadosa e considerando as nuances dos discursos; a oitava é a validação das interpretações analíticas; a nona refere-se ao relato da pesquisa; e a décima é a aplicação, isto é, o conhecimento que foi produzido a partir de tudo que foi analisado.



Com a realização das entrevistas e grupos operativos de aprendizagem, procuramos compreender vários aspectos que permeiam o trabalho dos profissionais nos serviços, desde características individuais, até as relacionadas ao âmbito coletivo e a questões institucionais desses espaços. Além disso, como já apontado anteriormente nesse capítulo, tentamos analisar se e como o fazer desses trabalhadores tem sido influenciado pela localização territorial em que estão inseridos e pela pandemia da COVID-19. A partir disso, organizamos as informações produzidas em três tópicos de debate: 1. Tecendo sentidos sobre o trabalho na pandemia; 2. Território, Pandemia e suas repercussões na saúde mental; e 3. Produzindo autocuidado: estratégias desenvolvidas. Com o objetivo de garantir o sigilo sobre as identidades das pessoas entrevistadas, não divulgaremos seus nomes, idades, profissões e locais de trabalho. Desse modo, atribuímos números de 1 a 14 aos participantes e descrevemos se os discursos foram produzidos durante entrevistas ou grupos operativos. Cada ponto de debate será apresentado a seguir.

TECENDO SENTIDOS SOBRE O TRABALHO NA PANDEMIA

Segundo Gondim e Borges (2020), falar em significados e sentidos do trabalho é entender que ambos se tratam de conceitos que estão inter-relacionados e que se revelam tanto como manifestações singulares, refletindo as trajetórias individuais, quanto socio-culturais, no que se refere a formas diferenciadas de inserção social. Já segundo Spink (2010), falar em sentido é entendê-lo enquanto uma construção social que se dá em um determinado contexto e é atravessado por questões históricas e culturais. Diz respeito também a um empreendimento coletivo e interativo, já que segundo a autora, ninguém produz sentido individualmente, estamos a todo tempo



produzindo sentidos que, por sua vez, não é algo que acontece de repente. Produzir sentidos no cotidiano é o que nos permite lidar com situações e fenômenos decorrentes do dia a dia.

Nessa perspectiva, de acordo com Gondim e Borges (2020) e Rodrigues *et al.* (2020), com a pandemia da COVID-19 e as modificações nos contextos de trabalho decorrentes dela, houve uma contribuição para que os modos de pensar, sentir e agir dos trabalhadores em relação ao seu fazer também sofresse mudanças. Dessa forma, é esperado que os sentidos que eles atribuíam ao trabalho também tenham sofrido alterações. Considerados trabalhadores essenciais pelo Decreto Federal nº10.282 de 20 de março de 2020, os profissionais dos CAPS e CRAS trouxeram que a busca dos usuários pelos serviços aumentou durante a pandemia, e mesmo compreendendo os riscos que envolviam trabalhar no referido contexto, foi unânime entre os participantes o entendimento de que as unidades deveriam permanecer abertas.

A fim de protegerem a si e aos usuários, os profissionais tiveram que fazer uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), exigir o uso de máscaras às pessoas que se deslocavam até os serviços, disponibilizar álcool em gel e até mesmo fazer uso de equipamentos que permitissem o distanciamento. Outras readaptações incorporadas foram: os colaboradores passaram a se organizar em forma de rodízio se dividindo em grupos para irem aos serviços em diferentes dias da semana ou em horários distintos; houve aqueles que trabalharam em *home office* existindo também um revezamento entre a equipe; as visitas/atendimentos domiciliares foram diminuídas e os grupos suspensos ou reduzidos; os atendimentos e internamentos – no caso do CAPS – também tiveram de ser limitados, assim como o tempo de permanência dos usuários no serviço teve que ser diminuído. Podemos notar tais configurações no discurso de um dos participantes abaixo:



Em questão de...de...de fazer um rodízio de equipe, uns trabalhavam em um horário, outros em outro horário, tinha que ter uma redução da carga horária, né... porque é... não podia fechar o CRAS, mas também todo mundo não... num... tinha direito de trabalhar todos os dias. Tinha o pessoal que ficava online, entendeu? Fazia o revezamento, enquanto uns estavam aqui, outros trabalhavam em casa. E assim ia (*Participante 1 da entrevista*).

Esses desafios impostos aos trabalhadores dos CAPS e CRAS foram corroboradas por diversos autores, como Silva e Lucena Filho (2020), Vedovato *et al.* (2020), Santos, Ferreira e Caneda (2020), e Sena *et al.* (2021), o que nos mostra que tais situações foram vivenciadas e compartilhadas entre os mais diversos profissionais de saúde mental e assistência social. Além de todas essas readaptações no/do ambiente de trabalho, os participantes tiveram que lidar constantemente com a angústia, estresse, medo de contagiar a si mesmo, a membros da equipe e também familiares.

Pronto, é... depois da pandemia assim o que aconteceu comigo em relação ao atendimento foi aquele distanciamento o medo... né, a-aquele cuidado com... com atendimento em relação a uma, a uma série de coisas assim e até você tá isolado, e vim trabalhar, né mesmo que seja assim num num num, num intervalo menor porque eles reduziram o o horário assim me deu muito medo, muito medo de trabalhar com o público em atendimento e tal, mas depois foi assim, foi passando sabe, porque você foi mai, né? você vai se acostumando, mesmo tomando todos os cuidados ainda havia um medo (*Participante 4 da entrevista*).

Apesar dos desafios enfrentados, os colaboradores da pesquisa trouxeram que estar nos serviços se caracterizava por vezes como gratificante: acolher e ser acolhido pelos usuários, ter liberdade e autonomia para escolher a atividade que iriam desenvolver nos serviços, a adesão das pessoas nessas atividades, o sentimento de contribuição na vida dos usuários, a própria equipe, além do fato de seguirem trabalhando mesmo diante do contexto pandêmico, foram fatores apontados como positivos.



Tem sido (pequena pausa) gratificante e ao mesmo tempo desafiador. Gratificante por quê? Porque a gente continuou... mesmo com as, as adversidades trazidas pela pandemia, a gente... se manteve, né, se manteve trabalhando, se manteve trabalhando (*Participante 5 da entrevista*).

Por último, no que diz respeito à segurança dos trabalhadores dos CAPS e CRAS pesquisados, podemos trazer de modo geral que nenhum deles se sentiram seguros em trabalhar nesse contexto, o medo do contágio foi agravado pelo relato sobre a falta de Equipamentos Individuais de Proteção (EPIs) em alguns desses locais, levando os profissionais a arcar com o custo da compra desses equipamentos. Outros modos de precarização descritos foram equipes com número insuficiente de profissionais, fator que se intensificou com o aumento de trabalho decorrente da pandemia e a falta de reconhecimento financeiro e estrutural.

TERRITÓRIO, PANDEMIA E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE MENTAL

Para Oliveira (2020), o território representa um conceito multidimensional, uma vez que, é constituído por diferentes dimensões, dentre elas: o espaço físico-geográfico, a dimensão social, política, econômica, dentre outras. O território é um espaço onde se faz presente não só as relações de poder, como também a constituição de identidades, afetos, experiências e sentimento de pertencimento. A partir disso, procuramos investigar em nossa pesquisa se a localização territorial do município e dos serviços em que os profissionais se encontravam, bem como o fenômeno da COVID-19, apresentava influência na saúde mental deles. Sobre a localização territorial, a maior parte das pessoas participantes afirmou que ela não apresentava nenhuma influência na vida laboral, outras por sua vez, a observou como um elemento positivo e, apenas uma pessoa viu a questão



geoespacial como negativa para o trabalho realizado. No discurso que segue abaixo, podemos notar elementos positivos em relação à localização do serviço:

Sim. Quando eu digo, por exemplo, do tempo passar mais devagar, de estar mais agradável, tem como a gente sair pra respirar aqui, se tiver estressante lá dentro ~risos~. Tem como a gente ir até uma árvore, comer, respirar, sentar no chão. Isso... alivia e ajuda bastante a saúde mental, num tem... a gente não fica presa. Num é? Então isso influencia positivamente ~risos~ (*Participante 3 da entrevista*).

Um ponto de discordância apresentado em relação ao território se referiu às diferenças entre o trabalho realizado em cidades do interior e capitais: uns achavam que a vida nas pequenas cidades promove mais saúde mental do que a vida nas metrópoles, enquanto outros achavam o oposto, como podemos notar nos discursos que seguiram:

Porque aqui a gente ainda tem qualidade de vida né, eu consigo (P9: Exatamente) eu não quero eu não tenho estresse do trânsito, eu durmo um pouco mais ou fico na cama se não durmo, mas fico na cama um pouco mais, eu tô em casa mais cedo com a minha família né eu tenho esse contato familiar (P9: A qualidade de vida é melhor, pelo menos em alguns aspectos) com mais, eu acho eu acho... (*Participantes 8 e 9 do grupo operativo de aprendizagem*).

Tem. Tem assim, porque querendo ou não, o interior querendo ou não tem um déficit de serviços, né... Aí isso acaba atrapalhando em relação ao tratamento, do usuário né... o acompanhamento. Já... eu acredito, eu não conheço, né... a rede dos grandes centros, mas assim, mas pelo o que eu conheço, é uma rede que é mais fortalecida. A rede do interior é mais fragilizada (*Participante 10 da entrevista*).

No que se refere à influência da pandemia da COVID-19 sobre a saúde mental das pessoas participantes, notamos que ela trouxe repercussões negativas. Alguns dos pontos que contribuíram



para o sofrimento mental delas foram: solidarização em relação ao sofrimento dos usuários que, em sua grande maioria, apresentavam-se fragilizados; a dupla jornada entre conciliar trabalho e cuidados familiares; estresse e medo de contrair o vírus e repassar para entes queridos. Uma dessas situações é exemplificada pela fala da participante 13:

[...] Aí eu tive por duas vezes e, e como mexeu com, realmente com a gente não, fica com várias sequelas e uma delas pra mim foi a insônia, que eu não tenho. [...] eu me desesperei, porque como eu nunca passei né noite em branco ia chegar a ver o dia clarear, e é MUITO horrível, e eu fiquei louca, [...] eu fiquei muito preocupada, aí diante assim, de eu saber que tanto foi né a sequela do Covid como também, a mente né de ver tanto o que a gente vivenciou tantas mortes, tantas perdas, perdi pessoas da minha família, amigos próximos e todo dia aquela, aquele né? [...] várias pessoas morrendo por dia até chegar a vacina [...] (*Participante 13 do grupo operativo de aprendizagem*).

Bezerra *et al.* (2020), Schmidt *et al.* (2020) e Cavalcante (2022), nos auxiliam a compreender a situação mencionada pela participante 13, quando relatam através de revisões integrativas da literatura, o aumento da incidência de transtornos mentais em profissionais da área da saúde e da assistência durante a pandemia. Segundo esses pesquisadores, os transtornos mais referidos foram a ansiedade, depressão, distúrbios do sono, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), síndrome de *Burnout* e Transtorno Compulsivo Obsessivo (TOC). Diante de todo o contexto de pandemia e também dos aspectos que podem ser considerados causadores de sofrimento mental no contexto laboral, pensar em estratégias de cuidado consigo e com o outro se faz de suma importância. Na seção a seguir vamos trazer algumas das práticas de autocuidado relatadas pelas pessoas participantes da pesquisa.

PRODUZINDO AUTOCUIDADO: ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS



De acordo com Moura (2018), as estratégias de enfrentamento ao sofrimento no ambiente laboral apresentam quatro aspectos: primeiro, o enfrentamento é um processo situacional; segundo, é uma atitude orientada e não um automatismo; terceiro, é uma ação afirmativa e não prediz o seu resultado, pois varia de acordo com o contexto e situação psicológica; e quarto, o manejo da situação é que caracteriza o enfrentamento, para o qual não necessariamente a extinção do estressor é esperada. À vista disso, ao questionar as pessoas participantes da pesquisa quais estratégias de cuidado indicariam para alguém que apresentasse adoecimento em decorrência do contexto de trabalho, a grande maioria indicou a procura por ajuda profissional.

O trabalhador de apoio mais mencionado foi o psicólogo, o CAPS foi mencionado como possível local de ajuda pelos próprios trabalhadores dos referidos centros. Outras sugestões foram: revisar a rotina e repensar as escolhas, incluindo as profissionais, viajar, sair com os amigos, fazer atividade física, tirar férias, possuir um ambiente laboral mais saudável com acesso a uma estrutura e materiais de qualidade, e enxergar a própria equipe de trabalho como uma forma de cuidado, por meio da escuta atenta e da partilha conjunta. Muitas dessas estratégias indicadas eram também utilizadas pelos próprios trabalhadores.

Outras práticas de autocuidado que os participantes apresentavam para consigo eram: ir ao médico, ir à igreja, assistir filmes e séries, cozinhar, estar com a família, pintar, bordar, fazer crochê, meditar, dentre várias outras possibilidades. Para exemplificar, trazemos os trechos de discursos que seguem:



Tenho, saúde física, eu... todos os dias eu... eu treino... né, musculação... e... eu costumo, é, meditar, fazer meditação, é algo que me ajuda bastante, procuro muito me encontrar nessa questão espiritual. É... eu trabalho muito esse lado, então, é... são as formas que eu encontro pra melhorar... enquanto ser humano e profissional também, né (*Participante 1 da entrevista*).

Eu tô vovozinha, ou eu vou lá, vou assistir alguma coisa, entendeu? Eu fico assistindo e fazendo meu crochê (*Participante 8 do grupo operativo de aprendizagem*).

Também nos foi trazido o cuidar do outro e o deixar ser cuidado como uma prática de cuidado consigo. Cabe ainda mencionar, que algumas das atividades que os profissionais gostavam de realizar não eram mais possíveis devido a questões de saúde, financeiras e até mesmo em razão da pandemia. Em outro momento, quando perguntamos aos participes do estudo se eles conheciam algum serviço da cidade voltado para a saúde do trabalhador, a maioria alegou desconhecimento. Alguns trouxeram que existem equipamentos para eles enquanto usuários, como o CAPS e academias da cidade por exemplo, mas que enquanto servidores públicos, esses serviços não existem, assim como podemos notar no discurso abaixo:

Nenhum. Dos trabalhadores, tem as academias, né, que a gente tem acesso. Tem, é... os ambulatórios que a gente tem acesso como qualquer cidadão, mas não com o cuidado com o trabalhador do município. Não, não tem (*Participante 2 da entrevista*).

Foi notório, através das práticas discursivas presentes em grande parte das entrevistas e dos grupos operativos de aprendizagem, a necessidade de algum serviço voltado para a saúde do trabalhador, sobre a importância de ter esse cuidado e reconhecimento – muitas vezes mencionado como inexistente – para com esses profissionais. Muitos relataram o cansaço físico e sobretudo emocional, o sentimento de parecer invisível, não vistos enquanto servidores, apresentavam a necessidade de serem cuidados assim como cuidam



do outro. Um dos participantes lançou um questionamento que, aparentemente, simbolizava uma inquietação da grande maioria, senão de todos: "Aí fica o questionamento: [...] Quem vai cuidar de quem cuida?" (*Participante 9 do grupo operativo de aprendizagem*).

De acordo com Bezerra *et al.* (2020), Schmidt *et al.* (2020) e Cavalcante (2022), é urgente que intervenções com o intuito de promover maior saúde mental a esses trabalhadores sejam implementadas. Como medidas a serem tomadas, Bezerra *et al.* (2020, p. 14) nos trazem como exemplo a "melhoria das condições de trabalho [...] disponibilidade de recursos para prestação da assistência, treinamentos adequados, otimização das exaustivas jornadas de trabalho e meio propício ao descanso dos profissionais".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa nos permitiu concluir que para as pessoas participantes, trabalhar na pandemia da COVID-19 tornou-se sinônimo de medo, preocupação e desafio, porém, também foi visto como gratificante. A localização territorial foi descrita por alguns como não apresentando influências negativas para a saúde mental. Outros, afirmaram que trabalhar no interior promove mais saúde mental e qualidade de vida do que se estivessem nas grandes cidades, mesmo que essas últimas apresentem maior disponibilidade de recursos laborais como foi mencionado por alguns deles. Pôde-se ainda analisar que a saúde mental dos trabalhadores é influenciada pelo trabalho, tanto de forma negativa quanto positiva. No que se refere à pandemia da COVID-19, percebeu-se que ela trouxe repercussões majoritariamente negativas para a vida profissional, pessoal e saúde mental das pessoas participantes. A partir disso, com o objetivo de promover autocuidado e reduzir as situações causadoras de sofrimento, os profissionais apresentaram algumas estratégias de enfrentamento



individuais tais como ler, meditar, viajar, estar com a família, cuidar de plantas, fazer alguma atividade física; e estratégias coletivas, como a promoção de cuidado realizado entre a própria equipe. Ressaltou-se na pesquisa, sobretudo, a falta de reconhecimento e valorização do trabalho realizado por esses profissionais dos CAPS e CRAS.

Outrossim, ciente de que a saúde desses trabalhadores deve ser sempre um dos objetivos primordiais dentro do ambiente de trabalho, evidenciou-se a necessidade do desenvolvimento de ações de promoção e prevenção voltadas para a saúde deles. Tais ações são de extrema importância, visto que a qualidade de vida desses colaboradores vai ter influência direta na qualidade do trabalho desempenhado por eles. Por fim, espera-se que este capítulo, ao apresentar os resultados da nossa pesquisa, tenha contribuído para fomentar reflexões e debates sobre as inter-relações entre trabalho, saúde mental, território e pandemia da COVID-19, conceitos centrais que nortearam nosso estudo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. A. *et al.* Condições e práticas de trabalho das equipes do CRAS: políticas, direitos e alcance dos serviços. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1-25, 2022.
- BARROS, C. R. O apocalipse dos trabalhadores: breves considerações sobre o mundo do trabalho na pandemia. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-74, 2019.
- BEZERRA, G. D. *et al.* O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais da saúde: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual In Derme**. Edição Especial Covid19. v. 93, 2020.
- CAVALCANTE, A. C. **Heróis que adoecem?** Uma revisão integrativa da literatura acerca das repercussões à saúde mental de trabalhadores da saúde durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Monografia (Residência Multiprofissional em Atenção Básica) - Escola Multicampi de Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2022.

- FERNANDES, F. R.; GEDRAT, D. C.; VIEIRA, A. G. O significado do trabalho: um olhar contemporâneo. **Cadernos da FUCAMP**, v. 22, n. 56, p. 99-106, 2023.
- GONDIM, S.; BORGES, L. O. Significados e sentidos do trabalho do home-office: desafios para a regulação emocional. In: BIZARRO, L. (Coord.). **Orientações técnicas para o trabalho de psicólogas e psicólogos no contexto da crise COVID-19**. Sociedade Brasileira de Psicologia, Artmed, Ribeirão Preto, 2020.
- MARTINS, F. A. **O trabalho interprofissional em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no contexto de pandemia: Covid-19**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- MOURA, A. Adaptação ao estresse: breve revisão sobre as estratégias de enfrentamento (Coping). **GEPPS – Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia da Saúde**, 2018. Disponível em: <<https://gepps-ufs.blogspot.com/2018/11/adaptacao-ao-estresse-breve-revisao.html>>. Acesso em: 2 maio 2025.
- OLIVEIRA, N. M. TERRITÓRIO: contributo sobre distintos olhares. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 9, n. 17, p. 43-62, 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde Mental. Brasília: **OPAS**, 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental>>. Acesso em: 01 maio 2025.
- PEREIRA, E. R.; RASERA, E. F.; PEGORARO, R. F. Uma aproximação inicial ao campo da pesquisa qualitativa em Psicologia Social e Saúde. In: PEREIRA, E. R.; RASERA, E. F.; PEGORARO, R. F. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Psicologia Social e Saúde**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2024.
- PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.
- POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and Social Psychology: beyond attitudes and behaviour**. London: Sage, 1987.
- RASERA, E. F. A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 815-834, 2013.
- ROCHA, P. L. R.; PEGORARO, R. F.; PRÓCHNO, C. C. S. C. Centros de Atenção Psicossocial segundo Seus Usuários: Uma Revisão Integrativa. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 2, p. 151-164, 2022.

RODRIGUES, A. C. A.; MOSCON, D. C. B.; QUEIROZ, G. C.; SILVA, J. C. Trabalhadores na Pandemia: Múltiplas Realidades, Múltiplos Vínculos. In: MORAES, M. M. (Org). **Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2020.

SANGIONI, L. A.; PATIAS, N. D.; PFITSCHER, M. A. Psicologia e o grupo operativo na atenção básica em saúde. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 23-40, 2020.

SANTOS, L. D.; FERREIRA, L. C.; CANEDA, C. R. G. Centro de Referência Social (CRAS) e as práticas frente ao novo normal: pandemia Covid-19. **Congresso Internacional Interfaces da Psicologia: aproximando distâncias**, 2020.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de psicologia**, Campinas v. 37, 2020.

SENA, U. O. et al. Vivências de um trabalhador de saúde na rede de atenção psicosocial durante pandemia de COVID-19. **Conjecturas**, v. 21, n. 3, p. 711-724, 2021.

SILVA, I. L.; LUCENA FILHO, E. L. Saúde Mental e Assistência Social: Desafios durante a COVID-19. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 19, p. 138-146, 2020.

SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A. Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 41, p. 1-12, 2016.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

VEDOVATO, T. G. et al. Trabalhadores(as) da saúde e a COVID-19: condições de trabalho à deriva? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, p. 1-15, 2021.

2

Juliano Almeida Bastos

Eduardo Matos Oliveira

Maria Cauane da Silva Souza

Flávia Manuela Uchôa de Oliveira

**UBERIZAÇÃO DO TRABALHO
A AÇÃO POLÍTICA
DOS TRABALHADORES:**

**RESISTÊNCIA E LUTA DE CLASSES
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-502-2.2

APRESENTAÇÃO

Nos diálogos que se estabelecem a partir das pesquisas apresentadas nos capítulos deste livro, o trabalho compreende ponto de intersecção entre as diferentes questões sociais que são tratadas. Atravessando contextos diversos, às vezes explicitamente e às vezes como pano de fundo, o trabalho comparece sempre nos cotidianos das pessoas que participam dos estudos e as intervenções desenvolvidas pelo Laboratório de Ações Coletivas e Saúde, o LACS, reafirmando-se assim o seu lugar central na constituição de subjetividades e nos modos de fazer andar a vida.

Neste capítulo apresenta-se o recorte de um estudo desenvolvido enquanto exercício introdutório ao trabalho de pesquisa, com a participação expressiva de uma aluna e de um aluno do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco, que, já nos primeiros semestres do curso, puderam se aproximar de atividades de pesquisa.

Os estudos produzidos pelos pesquisadores que, no Brasil, se vinculam à Psicologia Social do Trabalho, são as referências que inspiraram e orientaram a produção desse texto. Nesse sentido, o artigo intitulado “Uberização: precarização do trabalho e ação política dos trabalhadores no Brasil de 2020” (Uchôa-de-Oliveira; Bastos, 2022) foi nosso ponto de partida. No entanto, aqui o objetivo é analisar a ação política dos movimentos sociais que denunciam os problemas sociais advindos da uberização e reivindicam direitos para os trabalhadores, tendo o período compreendido entre 2021 e 2023 como referência.

SOBRE A REALIZAÇÃO

A partir da segunda década do século XXI, a uberização emergiu como um novo modo de organização do trabalho. Embora a expressão uberização esteja diretamente relacionada à empresa Uber, esse neologismo faz referência a um modelo de negócio baseado em plataformas digitais que conectam prestadores de serviços diretamente aos consumidores, sem reconhecer a subordinação dos trabalhadores à plataforma (Abílio, 2020). Esse modelo foi inaugurado em nosso país primordialmente pela Uber em 2014, mas tem sua origem na Alemanha, em 2011, a partir da incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como meio para fortalecer a geração de valor em detrimento da mão de obra formal (Antunes, 2020).

Entre suas características, destaca-se a confusão que se opera na definição dos papéis que caracterizam as relações de trabalho. Se antes tínhamos clareza acerca das posições ocupadas, empregadores de um lado e empregados do outro, configurando-se com precisão o clássico conflito capital – trabalho, com a uberização essa compreensão é ofuscada. As plataformas digitais se posicionam como mediadoras da relação entre trabalhadores e consumidores, abrindo-se um vácuo na gestão do trabalho, que passa a ser totalmente atribuída ao trabalhador, mesmo este tendo que se submeter às normas da empresa-aplicativo. É o que Ludmila Abílio (2019) nomeia de autogerenciamento subordinado.

As plataformas digitais que se proliferaram com o rápido avanço das TICs, embora não se reconheçam como empresas, são o cenário onde os atores se encontram para o trabalho. Para Ludmila Abílio (2019), socióloga pioneira no Brasil no estudo do fenômeno, a uberização traz consigo também uma relação de trabalho que se estabelece – de maneira bem-sucedida – acima de direitos trabalhistas já regulamentados, uma vez que não há um vínculo formal e,



com isso, há perda de identidade desse trabalhador devido à ausência de uma norma que defina o *status* dessa nova categoria de trabalhadores. Assim, a representação tradicional que é feita por sindicatos se torna, frente a face da uberização, obsoleta (Uchôa-de-Oliveira; Bastos, 2022). Nessa nova dinâmica de trabalho, a precarização do trabalho se aprofunda e se intensifica (Uchôa-de-Oliveira, 2020).

O Brasil, com a recessão econômica e a instabilidade política das últimas décadas, tendo como corolários o desemprego e o aumento da informalidade, mostrou-se um terreno fértil para a expansão das plataformas digitais que se apresentam como soluções inovadoras para os desafios do mercado de trabalho (Abílio, 2019; Zamora, 2022).

A PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO

A leitura crítica dos fenômenos sociais que caracteriza a psicologia social produzida no Brasil e na América Latina é o alicerce a partir do qual emerge a Psicologia Social do Trabalho – PST (Bernardo, 2015; Esteves; Bernardo; Sato, 2018). Trata-se de uma perspectiva que tematiza e focaliza o trabalho procurando compreender os problemas, e que toma por objeto de estudo os fenômenos psicosociais.

Ao longo de seu desenvolvimento alguns princípios se consolidaram, a saber: a indissociabilidade entre as condições macropolíticas que regulam a vida social e as microcondições que dão forma à vida cotidiana; a consideração pelo saber do trabalhador, que assume um lugar de protagonista na construção do conhecimento; a multi- e interdisciplinaridade e o uso de diferentes referências teóricas e metodológicas, estes sempre adotados considerando-se sua adequação à leitura das questões estudadas e, ainda, a proposição



de investigações comprometidas com a transformação e, nesse sentido, a relação estreita entre pesquisa e intervenção (Bernardo *et al.*, 2015; Bernardo *et al.*, 2017; Sato; Oliveira; Bernardo, 2008).

A PST, pode então ser caracterizada como uma espécie de psicologia do trabalhador, tendo em vista que é a partir da perspectiva da classe trabalhadora que produz conhecimento e propõe intervenções, sempre com o objetivo de atender aos interesses da população trabalhadora nos mais variados segmentos, reafirmando constantemente seu compromisso ético-político com quem precisa trabalhar para sobreviver (Bastos, 2024).

PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da PST e do objetivo delineado, definimos a necessidade de levantar o cenário contemporâneo acerca das pautas expostas e as formas de expressão de movimentos sociais que lutam pela melhoria nas condições de trabalho de trabalhadores uberizados. Assim, optamos por acompanhar a movimentação desses coletivos organizados através da rede social Instagram, um dos canais mais expressivos de comunicação em massa em nossos dias.

Nessa direção, dois movimentos sociais foram selecionados para que pudéssemos compreender as ações políticas empreendidas: o Movimento dos Entregadores Antifascistas, e o Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos. Ademais, as reivindicações e posicionamento de Paulo Galo – um dos principais símbolos de resistência à uberização no Brasil e fundador do Movimento dos Entregadores Antifascistas – em seu perfil oficial, também foram acessados.

O critério de escolha desses perfis foram: credibilidade e representatividade. A identificação do perfil como oficial e conteúdo

veiculado, aliados à quantidade de seguidores e fluxo de interações por meio de *likes* e compartilhamentos validaram a escolha. Definidos esses pontos, foi possível então fazer o mapeamento das pautas debatidas por cada um dos movimentos.

Com a definição dos critérios de seleção das fontes, o passo seguinte foi a utilização de *software* para construir tabelas e armazenar informações como: conteúdo de cada postagem no período de 2021 a 2023, data de publicação, *link* para acesso, quantidade de curtidas e de comentários, observações acerca da articulação entre os dados da postagem e o cenário social e, por fim, a data do acesso. Ao todo foram analisadas um total de 1.849 postagens.

Além desse material catalogado, foram acessados reportagens, documentários e *podcasts* cujo conteúdo dialogasse diretamente com a movimentação verificada nas redes sociais. Considerando o espaço disponível, elegemos quatro postagens que se mostraram emblemáticas para o alcance do objetivo aqui proposto. Assim, antes de avançarmos para os resultados, cabe apresentar os movimentos sociais estudados.

Uchôa-de-Oliveira e Bastos (2022) explicam o surgimento do Movimentos dos Entregadores Antifascistas a partir de dois momentos. O primeiro está diretamente relacionado ao bloqueio indevido sofrido por Paulo Galo enquanto entregador pela empresa aplicativo Uber Eats em março de 2020. Esse episódio motivou o então entregador a iniciar um movimento de denúncias nas redes sociais sobre as condições por ele enfrentadas e a impossibilidade de negociação com a plataforma que até então se apresentava como “parceira”. Ele também reuniu 550 mil assinaturas em um abaixo-assinado reivindicando que as empresas-aplicativo fornecessem equipamentos de higiene e alimentação para os entregadores.



O segundo momento diz respeito ao reconhecimento de Paulo Galo como uma liderança entre os entregadores em decorrência de suas iniciativas e, sobretudo, da repercussão de seu discurso sobre as condições de trabalho dos entregadores em um dos protestos pró-democracia ocorridos em junho de 2020 na cidade de São Paulo. Após esse ato, Paulo Galo e mais 29 trabalhadores iniciaram o Movimento de Entregadores Antifascistas.

Já o Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos – MTSD, surgiu em maio de 2022 no centro de São Paulo. Gilvania Gonçalves, trabalhadora ambulante, apresentou-se como coordenadora do movimento que reuniu neste ato inaugural em torno de 100 pessoas. A pauta definida naquele momento foi a precarização e a informalidade e o objetivo proposto foi reivindicar direitos para os trabalhadores informais. O MTSD surgiu já com a participação de trabalhadores de quatro estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco (Outras Palavras, 2022).

Em documento intitulado "Carta às Trabalhadoras e aos Trabalhadores do Brasil" o movimento informa seus propósitos: "Nós queremos direitos! Queremos respeito!". Em seu site, o MTSD elencou 18 propostas para a criação de uma Política Nacional da Economia Popular, dentre as quais destacam-se:

Criação de Agência Reguladora Nacional para Empresas de tecnologia que operam por plataforma; Ouvidoria Nacional para Conflitos entre Trabalhadores e Trabalhadoras de Rua e forças policiais e de segurança dos diversos entes federados; Reforma Tributária Justa para geração de empregos; Regulação da propaganda das big techs exploradoras; Aprovação da Lei Geral de Proteção aos Comerciantes Ambulantes (PL 5922/2019); Criação de um Fundo de Garantia para o Trabalho da Economia Popular (MTSD, 2025).

MOBILIZAÇÕES COLETIVAS AMPLIADAS

No perfil oficial do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos – MTS defense, na rede social Instagram, a primeira postagem data de 03 de maio de 2022, na qual é explicitada de forma enfática a proposta do movimento, como pode ser observado na Imagem 1.

Imagen 1 - Movimento dos Trabalhadores Sem Direito



Fonte: Instagram @trabalhadoressemdireitos, 2022.

Ao analisar o perfil desse grupo, evidencia-se a proposta do movimento em sensibilizar e alertar a sociedade de maneira geral, e o poder público mais detidamente, sobre as implicações sociais do trabalho sem direitos. A crescente e significativa presença desses trabalhadores no contexto de trabalho do Brasil aponta também para sua importância na economia do País. Em 2024, 40 milhões de trabalhadores (IBGE, 2025), nos mais variados segmentos da economia, vivenciam o trabalho à margem da legislação trabalhista.

O MTS defense visa fomentar discussões acerca da necessidade de proteção social e garantia de direitos para os trabalhadores informais, além de buscar soluções para assegurar condições mais justas



e equitativas nos diferentes contextos de trabalho em que os trabalhadores exercem suas atividades.

Sob essa ótica, de acordo com o Professor Otávio Pinto e Silva, em entrevista ao Jornal da USP (2022), a reforma trabalhista feita em 2017 contribuiu para a perda de direitos que tinham a função de proteger o trabalhador, para a precarização e também para o crescimento do trabalho informal no mercado brasileiro.

Observa-se então duas movimentações em sentidos contrários. Os governos brasileiros entre 2016 e 2022, marcados por uma postura conservadora e antidemocrática, além da austeridade em relação às pautas sociais e o compromisso com as elites empresariais, promoveu o avanço do processo de precarização do trabalho, empurrando milhares de trabalhadores regulados para a condição de trabalhadores parciais ou trabalhadores por demanda. Essa política de governo, longe de proteger a classe trabalhadora, contribuiu massivamente para a vulnerabilização social de um significativo contingente de trabalhadores que passaram a viver um cotidiano de incertezas e inseguranças.

Por outro lado, em reação a esse processo, tem-se a emergência de coletivos organizados de trabalhadores precarizados que, se em um primeiro momento reuniram-se em torno de algumas categorias específicas, em seguida reconheceram-se como uma comunidade mais ampla, compondo um coletivo com maior poder de enfrentamento, que passou a buscar – através da luta por direitos – condições minimamente dignas de existência. Como propõe Abílio em entrevista ao jornalista Camilo Rocha (2020): “Toda nova forma de dominação traz novas formas de resistência”.

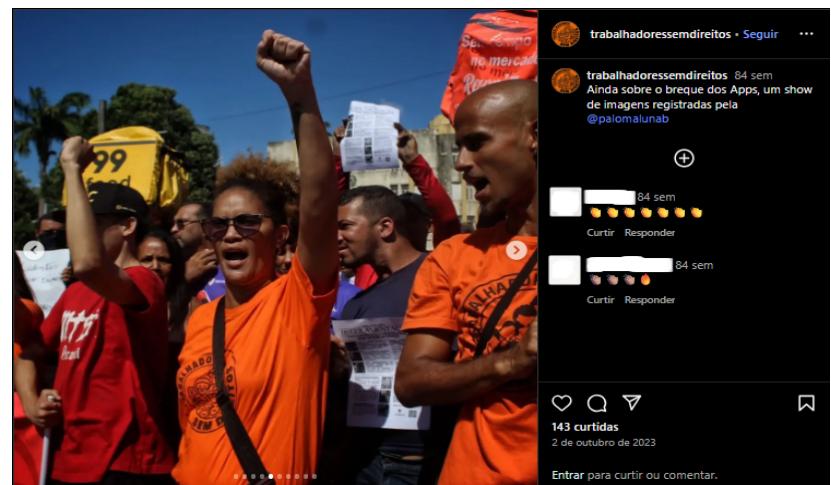
Em postagens do dia 02 de outubro de 2023, o MTS defense divulgou imagens dos vários atos que aconteceram em diferentes cidades brasileiras. Mobilização que ficou conhecida como “Breque dos Apps”. Nas imagens 2 e 3, pode-se visualizar a grande movimentação que os trabalhadores alcançaram na cidade de Recife.

Imagen 2 - Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos



Fonte: Instagram @trabalhadoressemdireitos, 2023.

Imagen 3 - Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos



Fonte: Instagram @trabalhadoressemdireitos, 2023.

Assim como verificou-se no estudo de Uchôa-de-Oliveira e Bastos (2022), os trabalhadores que se reuniram no MTSD vêm denunciando as condições precárias com que exercem seus trabalhos e difundindo novas formas de organização coletiva, a partir do uso de redes sociais. No entanto, com o MTSD observa-se uma



ampliação considerável das categorias de trabalhadores que se juntam à luta por direitos. Se, em 2020, o Movimento dos Entregadores Antifascistas, buscava especificamente a melhoria nas condições de trabalho de motoristas, motoboys e bikeboys, a partir de 2022 o MTSD incorpora esses trabalhadores em suas lutas e reúne reivindicações que se voltam para outros trabalhadores informais, fortalecendo a coletivização das pautas e ampliando significativamente o contingente de trabalhadores implicados com o movimento.

AS PROPOSTAS DO PODER PÚBLICO E SUAS CONTROVÉRSIAS

Visando promover a regulamentação do trabalho mediado por aplicativos, em 2020 foi proposto o Projeto de Lei (PL) N° 3.754, o qual reconhece que o trabalhador precarizado não ocupa uma posição de autônomo, microempreendedor ou que os aplicativos não atuam apenas como intermediários, mas sim promovem subordinação desses indivíduos (Agência Senado, 2020). Já em março de 2024, o governo de coalizão Lula-Alckmin, apresentou à sociedade o Projeto de Lei Complementar – PLP nº 12 de 2024 que:

Dispõe sobre a relação de trabalho intermediado por empresas operadoras de aplicativos de transporte remunerado privado individual de passageiros em veículos automotores de quatro rodas e estabelece mecanismos de inclusão previdenciária e outros direitos para melhoria das condições de trabalho (Brasil, 2024a, p. 01).

O Projeto de Lei proposto criou uma nova categoria de trabalhadores no Brasil: o Trabalhador Autônomo Por Plataforma. Apesar de uma nova categoria ser criada para os trabalhadores uberizados, as regras estabelecidas no projeto que está em tramitação no Congresso Nacional não configuram ao motorista um vínculo regido

pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), assim, esses trabalhadores continuariam na condição de autônomos, mas com mínimas garantias acerca de seu ofício (Catto, 2024).

Todavia, representações da resistência à uberização no Brasil, se mostraram contra ao projeto, pois consideram que ele atuará como um facilitador para que as plataformas continuem a explorar a força de trabalho desses trabalhadores ao legalizar jornada de trabalho de até 12 horas por plataforma e não exigir que as empresas reconheçam o vínculo trabalhista (Esquerda Diário, 2024).

Paulo Galo, principal liderança do Movimento dos Trabalhadores Antifascistas, publicou em seu perfil @galodelutaoficial, no dia 03 de abril de 2024, uma convocação para o Ato contra o PL da Uberização – Imagem 4.

Imagen 4 - Paulo Galo



Fonte: Instagram @galodelutaoficial, 2024.

O Ato teve a presença de diversos especialistas, juristas, pesquisadores e lideranças que se reuniram na Faculdade de Direito da USP (Imagen 2). Trata-se de um manifesto que, a partir de um debate crítico, assume uma posição contrária ao fenômeno da terceirização e da precarização do trabalho. Ademais, defendem a garantia



de direitos trabalhistas para os trabalhadores impactados pelo fenômeno da indústria 4.0, até o dia 11 de abril de 2024, a petição – feita pela organização desse Ato do dia 03 – contava com 2.950 assinaturas de apoiadores.

Em 22 de maio de 2024, o Ministério Público do Trabalho emitiu Nota Técnica sobre o PL nº 12 de 2024, na qual aponta alguns problemas verificados a partir do que nomeiam como: “questões estruturais que merecem atenção por trazer conceitos fundantes a respeito da atividade do motorista que atua por meio de plataformas digitais que se dissocia da realidade verificada no mundo dos fatos” (Brasil, 2024b, p. 2).

Entre as questões apontadas, destacam-se algumas contradições: a caracterização das empresas como intermediárias, quando deveriam ser caracterizadas como empresas de transporte; a caracterização do trabalhador como autônomo, quando na verdade, como as empresas decidem unilateralmente as regras de uso e gestão da mão de obra, não há autonomia. Ao comparar a PL com outras legislações internacionais, a nota técnica conclui que:

“no âmbito internacional, o PLP 12/2024 se afasta das melhores inovações construídas para regular o trabalho via plataformas digitais e se aproxima de iniciativas que não estão funcionando para oferecer algum patamar de proteção social a esses trabalhadores” (Brasil, 2024b, p.21).

Apesar da proposta de regulação do trabalho exercido a partir das empresas-plataformas e da tentativa de garantir direitos apresentados no PLP 12/2024, as controvérsias identificadas não satisfazem os anseios dos trabalhadores uberizados. Ademais, o projeto é dirigido apenas a uma categoria, deixando de fora milhares de trabalhadores sem direitos que vêm buscando acessar direitos trabalhistas que lhes deem condições mínimas de dignidade no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização coletiva entre os trabalhadores uberizados tem se ampliado, uma vez que se em um primeiro momento as ações políticas focalizavam apenas a categoria de motoristas, motoboys e bikeboys, em um segundo movimento, trabalhadores dos mais variados segmentos se uniram em busca de direitos mínimos para o exercício do trabalho com dignidade. Pode-se ainda afirmar que os movimentos sociais têm alcançado êxito em suas ações políticas, tendo em vista que o poder público tem elaborado propostas para atender a suas pautas.

No entanto, uma série de contradições têm se verificado nas propostas apresentadas, sobretudo no PL 12/2024 apresentado pelo governo Lula-Alckmim que propõe a criação da categoria “trabalhador autônomo por plataforma”. Vários pontos controversos no texto do projeto têm mobilizado reações de resistência dos trabalhadores e de especialistas (pesquisadores e juristas) que têm se posicionado contra a aprovação e exigido alterações substanciais no texto.

Portanto, a vulnerabilidade social e a vida cotidiana marcada por incertezas e inseguranças são a realidade dos trabalhadores sem direitos, que têm se esforçado em encontrar novas formas de organização coletiva para lutar por melhores condições de trabalho e de vida nesse primeiro quarto do século XXI.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

AGÊNCIA SENADO. Projeto regulamenta regime de trabalho em aplicativos. **Senado Federal**. 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/28/projeto-regulamenta-regime-de-trabalho-em-aplicativos>. Acesso em: 18 mai. 2025.

ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 2º edição. São Paulo: **Boitempo**, 2020.

BERNARDO, M. H.; SOUSA, C. C.; PINZÓN, J. G.; SOUZA, H. A. A práxis da psicologia social do trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. In: COUTINHO, M. C.; FURTADO, O.; RAITZ, T. R. (Orgs.). **Psicologia social e trabalho: perspectivas críticas**. Florianópolis: Abrapso, 2015.

BERNARDO, M. H.; OLIVEIRA, F.; SOUZA, H. A.; SOUSA, C. C. Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 34, n. 1, p. 15-24, 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. **Projeto de Lei Complementar nº 12, de 2024**.

Brasília, DF: Congresso Nacional, 2024a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2419243>. Acesso em: 17 de maio 2025.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho (MPT). **Nota Técnica PLP nº 12/2024**. 2024b.

Disponível em: <https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nt-plp-12-2024.pdf>. Acesso em: 18 de maio 2025.

CATTO, A. Motoristas de apps: entenda o projeto e veja argumentos a favor e contra – e qual o caminho até virar lei. **G1**, 08 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/03/08/motoristas-de-apps-entenda-o-projeto-e-veja-argumentos-a-favor-e-contra-e-qual-o-caminho-ate-virar-lei.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2025.

BERNARDO, M. H. et al. A práxis da Psicologia Social do Trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. In: COUTINHO, M. C.; FURTADO, O.; RAITZ, T. R. **Psicologia social e trabalho: perspectivas críticas**. Florianópolis: ABRAPSO Editora / Edições do Bosque, 2015.

ESQUERDA DIÁRIO. Precarização: Ato contra o PL da uberização, por plenos direitos trabalhistas para os trabalhadores de app. **Esquerda Diário**, 27 mar. 2024. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Ato-contra-o-PL-da-uberizacao-por-plenos-direitos-trabalhistas-para-os-trabalhadores-de-app>. Acesso em: 02 de abr. 2024.

ESTEVES, E. G.; BERNARDO, M. H.; SATO, L. Fontes do pensamento e das práticas em psicologia social do trabalho. In: COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H.; SATO, L. **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: retrospectiva 2012-2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 31 jan. 2025. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/909b3d2bff4841b86578575cbbfb43a.pdf. Acesso em: 17 mai. 2025.

JORNAL DA USP. Impacto no mercado de trabalho cinco anos depois da reforma trabalhista. **Jornal da USP**, 02 ago. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/actualidades/impacto-no-mercado-de-trabalho-cinco-anos-depois-da-reforma-trabalhista/>. Acesso em: 18 de maio 2025.

OUTRAS PALAVRAS. Trabalhadores Sem Direito: surge novo movimento social. **Outras Palavras**, 05 mai. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/trabalhadores-sem-direito-surge-um-novo-movimento-social/>. Acesso em: 16 de maio 2025.

ROCHA, C. 'Toda nova forma de dominação traz novas formas de resistência'. **Nexo**, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/06/30/%E2%80%98Toda-nova-forma-de-domina%C3%A7%C3%A3o-traz-novas-formas-de-resist%C3%A3ncia%E2%80%99>. Acesso em: 18 de maio 2025.

SATO, L.; BERNARDO, M. H.; OLIVEIRA, F. Psicologia social do trabalho e cotidiano: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. **Psicología para América Latina**, México, n. 15, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 de maio 2025.

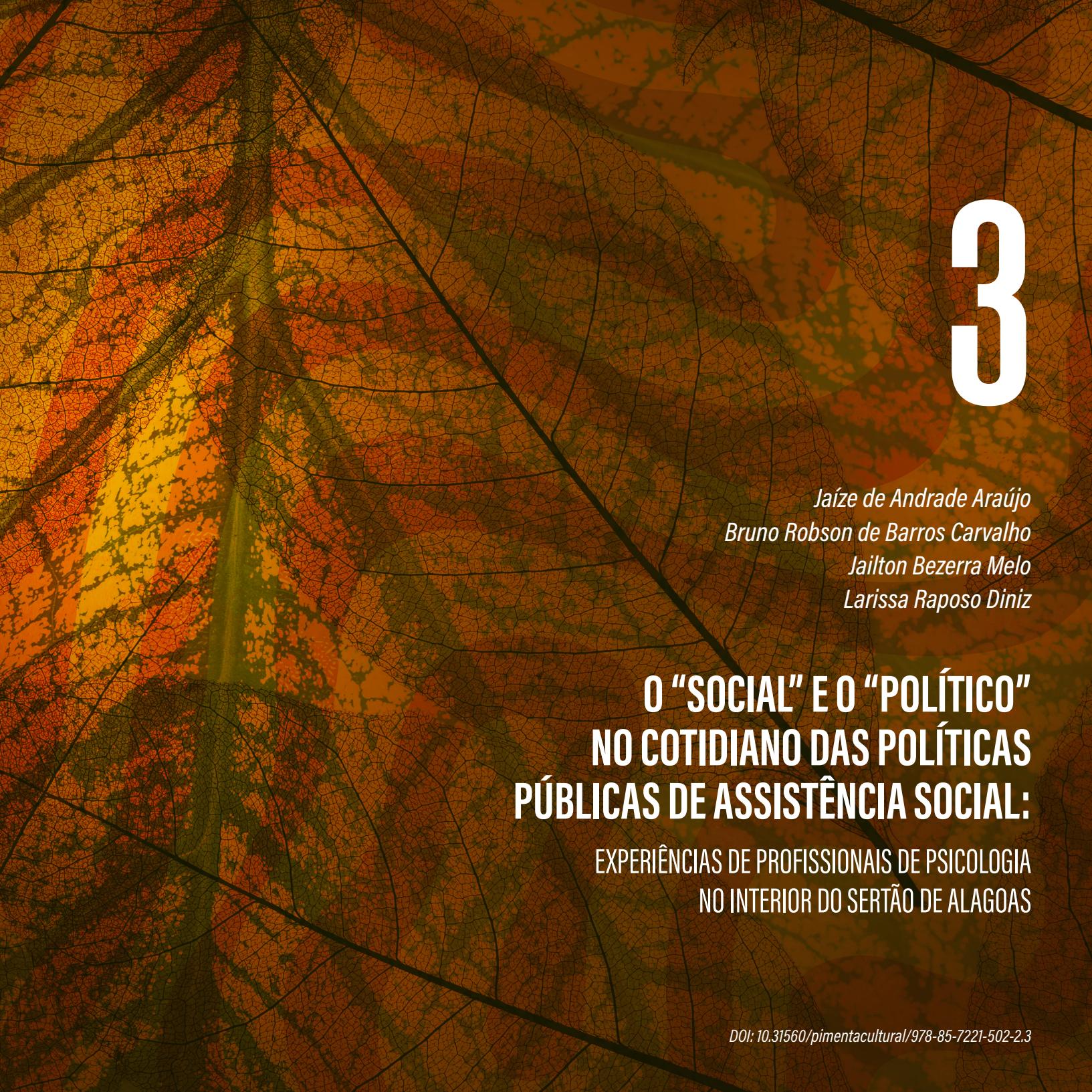
SATO, L.; UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M.; BASTOS, J. A. Entrevista: o desenvolvimento da Psicologia Social do Trabalho no Brasil a partir da trajetória de Leny Sato. **Cadernos de Psicología Social do Trabalho**, v. 27, 2024.

TRABALHADORES SEM DIREITOS (MTSD). Propostas para uma Política Nacional para o Trabalho da Economia Popular. **Trabalhadores sem Direitos**, 2025. Disponível em: <https://trabalhadoressemdireitos.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2025.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, 2020.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M.; BASTOS, J. A. Uberização: precarização do trabalho e ação política dos trabalhadores no Brasil de 2020. **Cadernos de Psicología Social do Trabalho**, v. 25, 2022.

ZAMORA, M. A. M. **Uberização do trabalho no contexto brasileiro**: articulação do arcaico e do moderno no século XXI. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.



3

Jaíze de Andrade Araújo

Bruno Robson de Barros Carvalho

Jailton Bezerra Melo

Larissa Raposo Diniz

O “SOCIAL” E O “POLÍTICO” NO COTIDIANO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL:

EXPERIÊNCIAS DE PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA
NO INTERIOR DO SERTÃO DE ALAGOAS

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta reflexões em torno do entendimento de psicólogas e psicólogos acerca da dimensão política e social em suas práticas cotidianas, com foco naqueles que trabalham nas políticas públicas. Trata-se aqui de investigar e entender as perspectivas políticas e sociais presentes no fazer profissional dos atuantes nos setores de assistência social no sertão de Alagoas.

O estudo do compromisso social na psicologia não é algo novo, pelo contrário, é um campo de pesquisa que é mantido em ênfase por décadas, no entanto o que se propõe aqui é investigar como a prática de psicólogas do Sertão de Alagoas é atravessada pelas dimensões social e política. Leite *et al.* (2013) apresentam um estudo sobre a formação de profissionais de psicologia em contextos rurais, nele evidenciam o caráter urbano da psicologia, como seu direcionamento prático e teórico estavam historicamente para cidades industrializadas, mais ricas e próximas ao modelo que países desenvolvidos oferecem.

Em estudos mais recentes do CensoPsi (Sandall; Queiroga; Gondim, 2022) é possível encontrar dados que indicam, que do total de profissionais brasileiras, 44% das psicólogas estão na região Sudeste e a região Nordeste apresenta 26%. Apesar da diferença, os autores do CensoPsi enfatizam o aumento significativo de profissionais na região Nordeste ao ser comparado com censos anteriores. Todavia, a mesma pesquisa nos informa que os profissionais do Nordeste são os que mais se encontram desocupados, 11,9%.

Alagoas, estado para o qual voltamos nosso olhar, historicamente teve 590 profissionais registrados em 1987; 1.859 em 2009; e 5.317 em 2022 (Sandall; Queiroga; Gondim, 2022). Bastos, Oliveira e Soares (2022), ao abordarem as áreas de inserção das psicólogas brasileiras, nos informam que o campo social é o segundo que



mais emprega psicólogas (20,1%) e olhando especificamente para o Nordeste temos 22,8% atuando no social.

Leite et al. (2013) ao se depararem com a expansão da psicologia para outras regiões e municípios de menor porte, segundo o censo de 2010, questionavam por qual direção essa participação teria se dado, se contribuiu para a produção de sujeitos mais participativos e reconhecedores de seus direitos ou se repetiu a tendência histórica de selecionar e adaptar pessoas frente às exigências do mundo de trabalho precarizado visando melhorar seu padrão de respostas.

Além disso, colocar profissionais da psicologia nesse lugar de objeto de pesquisa implica o movimento, o voltar o olhar para a profissão no cerne da prática, e é através dessa escuta de experiências que há possibilidade de permear entre as percepções e formas de atuar na psicologia (Carvalho, 2020).

Para Martín-Baró (1996, p. 7): "O trabalho profissional do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender". Nessa perspectiva, para o autor, as psicólogas devem ajudar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social, em um movimento de transformação das condições opressivas do seu contexto, o que expressivamente pode começar no município que mora e/ou atua, com as pessoas que conhece, no bairro ou povoado que habita. Esta caracterização comunica com práticas que têm o caráter político como balizador das relações, sejam estas entre profissionais ou no cotidiano vivido, como cidadãos.

Dessa forma, a problemática de como a dimensão política e social atravessa a prática das(os) psicólogas(os) nos seus fazeres profissionais no sertão alagoano estará no cerne deste escrito. A escolha de realizar a pesquisa em cidades do sertão de Alagoas se deu através das observações da primeira pesquisadora, ao constatar a aproximação das características econômicas, sociais e geográficas locais.



Com isso levantaram-se curiosidades a respeito da atuação de psicólogas em cidades com esses perfis atrelado ao movimento de inquietação para investigar como a política e o social atravessam as práticas em setores de políticas públicas.

O saber mais importante do ponto de vista psicológico não é o conhecimento explícito e formalizado, mas esse saber inserido na práxis quotidiana, na maioria das vezes implícito, estruturalmente inconsciente, e ideologicamente naturalizado, enquanto adequado ou não às realidades objetivas, enquanto humaniza ou não as pessoas, e enquanto permite ou impede os grupos e povos de manter o controle de sua própria existência (Martín-Baró, 1996).

O intuito de ouvir as experiências e a partir delas possibilitar um estudo delineado em torno de realidades práticas da psicologia, para além das produções teóricas, apoia-se ao que o autor Martín-Baró diz a respeito do saber em psicologia. A este autor, soma-se também a necessidade das diretrizes e resoluções do Conselho Federal de Psicologia, que aponta para a constante reinvenção do fazer psicológico a partir das insurgências de um campo, grupo ou comunidade.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa o estudo qualitativo contemplou as intenções propostas já que, segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2009), esse estudo se apoia num nível de realidade que não pode, ou ao menos não deveria, ser quantificado. Configura-se, assim, como descritivo, que de acordo com Gil (2008, p. 28) "tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno".



Os participantes do estudo foram profissionais da psicologia (independente do gênero) que atuavam na Assistência Social, mais precisamente em Centros de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e em Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), em seis cidades do sertão de Alagoas. Os municípios se aproximam em população, condições socioeconômicas e geográficas. O número de entrevistadas(os) foi de 11 profissionais, 9 mulheres e 2 homens. A idade dos participantes variou entre 25 e 38 anos com tempo de formação entre 1 e 10 anos.

Optou-se por profissionais de psicologia de todas as identidades de gênero, raças, etnias e classes sociais, tendo no mínimo um ano de atuação em serviços de políticas públicas de assistência social (CRAS e CREAS). O único critério de exclusão consistiu no tempo de trabalho inferior a um ano.

O instrumento de coleta utilizado foi a entrevista semiestruturada, que de acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2009, p. 64) constitui-se por “perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e antes de iniciar as entrevistas, além da apresentação da carta de anuência assinada pelos secretários municipais de assistência social, foi explicado também sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que continha informações relevantes sobre o projeto, dados das pesquisadoras responsáveis, o comprometimento do sigilo e a possibilidade de desistência da participante a qualquer momento. Após a leitura deste documento abria-se espaço para tirar qualquer dúvida que tivesse surgido sobre a pesquisa.

Com o consentimento das(os) participantes, a entrevista foi gravada e armazenada em computador pessoal das pesquisadoras responsáveis para a posterior transcrição que ocorreu de forma literal.



Foi assegurado que sua utilização seria somente para os fins da pesquisa e que após ela seriam devidamente armazenadas com todo sigilo, assim como as identidades que tiveram substituições por nomes fictícios.

Ancorados em Gomes (2011), as análises foram produzidas a partir da análise de conteúdo entendida como um método de interpretação de sentidos. Segundo Minayo (2006, p. 307) esse modo de analisar é optado pelos pesquisadores quando “buscam a compreensão dos significados no contexto da fala, em geral, negam e criticam a análise de frequência das falas como critério de objetividade e científicidade e tentam ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem”.

Este método perpassa por três fases, que de acordo com Gomes (2011), consistiria, em sua primeira etapa, de uma leitura compreensiva para identificação dos temas; segunda fase, recortes de trechos para criação da estrutura da análise com a identificação de ideias implícitas e explícitas; e terceira etapa, construção dos sentidos onde se articula a) fundamentação teórica, b) depoimentos e observações e c) objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pergunta que norteou esta pesquisa indagava “como a percepção de política e de social atravessa a prática de psicólogas(os) que atuam na assistência social no sertão alagoano?”. Salientamos que neste capítulo apresentamos os resultados que dialogam com o cotidiano das profissionais entrevistadas. Análises sobre outros pontos podem ser encontradas no trabalho de conclusão de curso, cujo link de acesso encontra-se nas referências.



No entanto, vale ressaltar que toda reflexão e discussão construída a partir dela não pretendeu ou pretenderá cessar as inquietações que podem e vão surgir sobre esse assunto. Os resultados também serão construídos em um tom de impermanência, provisoria, estabelecidos por uma perspectiva que abrange o fenômeno interrogado e vivido coletivamente entre quem pesquisa e o grupo que depõe acerca dessa experiência que se quis saber.

A POLÍTICA NO COTIDIANO: PÚBLICA, PARTIDÁRIA E TERCEIRIZADA

As políticas públicas, segundo Romagnoli (2022), são o meio de concretizar os direitos sociais garantidos por lei a partir da Constituição Cidadã de 1988, que visa assegurar as conquistas e atender às demandas que emergem no contexto social brasileiro profundamente desigual. A presença de profissionais da psicologia nesses espaços é indispensável e para a autora requer novas intervenções e referenciais técnico-práticos.

Lívia: A política que eu tenho entendimento assim na minha prática é a política pública, o atendimento à lei, mas que eu vejo que é muito... muito falha, em que ela é muito bonita em escrito, no papel, mas que pra acontecer realmente ela não é, ela não acontece, assim, eu acho que não parte somente de um fazer, um só... como diz né? Uma andorinha só não faz verão, então necessita de mais e que todos se articulem pra que realmente aquela política pública ela possa ser realizada, mas aqui eu vejo ainda muito como leis, leis que estão no papel, leis que regimentam, um conselho que chega aqui e escreve uma lei. "Ah, o ECA diz que artigo tal assim, assim... a política pública tal forma", mas pra mim ainda é muito falho, é tanto que assim o desfile que teve agora recente da assistência ele falava sobre autismo, era o tema, mas aí qual a lei? Várias né? Pra regimentar, pra incrementar, pra incluir, mas aqui a gente não tem o que oferta, então é você mostrar uma



realidade que não existe, que não existe como oferta pra essas crianças, pra esse adolescente que necessita ser atendido, então como política pra mim tá nesse padrão de "falhitude" mesmo, sabe? De falha (29 anos, CREAS).

Lívia compartilha acerca das consequências de uma política pública fragilizada e de uma rede que não funciona. Motta, Brandolt e Pizzinato (2021) destacam como as políticas públicas sociais no Brasil, em especial a assistência social, são caracterizadas pela desregulamentação, flexibilização e precarização. Apesar da precarização, os autores chamam a atenção para a crescente inserção das psicólogas na assistência social nas últimas décadas. Segundo por esta direção, a presença da psicologia nas políticas públicas, e vice-versa, para Romagnoli (2022, p. 3) desestabilizou o modo dominante de fazer, para ela "as práticas dos psicólogos nas políticas públicas se opõem frontalmente a um conhecimento que se impõe como verdade, generalizante e simplificado, herdeiro do paradigma moderno, a uma lógica transcendente e a uma forma de pensar somente por interioridade".

Pensar em rede nas políticas públicas é entender que as ações são realizadas através da articulação de diversos equipamentos e segmentos. Barreto (2011) fala sobre os choques e abismos nas relações interinstitucionais e intersetoriais e como os dilemas que permeiam esses abismos levantam opções criativas de solidariedade e apoio, mas também demonstram os confrontos sequenciais com os limites dos aparatos públicos. Para o autor, são "abismos e lacunas que sentenciam o descaso com muitas vidas" (Barreto, 2011, p. 418), especialmente para vidas que são ameaçadas por diversas vulnerabilidades, tendo em vista a particularidade das instituições nas quais estas psicólogas trabalham (CRAS e CREAS).

Sobre as angústias de se deparar uma rede "furada", Lívia relatou:

Lívia: Eu me vejo muitas vezes enxugando gelo, tentando muitas vezes fazer aquele serviço, mas como se ele fica estagnado, não vai, não vai pra frente, fica ali parado



querendo solucionar, mas ao mesmo tempo... então vejo que tem casos antes que eu entrei aqui e não foram solucionados porque tem uma falta da assistência, tem uma falta da justiça, tem uma falta da saúde que deveria também, que é toda rede e aí a rede como a gente sempre diz "a rede é que tá furada" precisava mais ela tá unida né? E aí não tá, então assim muitas vezes é difícil e até mesmo em equipe, em cada um saber realizar o que é de sua atribuição como coordenador, como educador social e aí muitas vezes se vê fazendo o trabalho do outro, então eu vejo dificuldade, não é: "ah, fácil assim" nunca é (29 anos, CREAS).

O discurso está marcado pela frustração de se deparar com um serviço precarizado, em mau funcionamento, bem como pelo acúmulo de funções para tentar atender às demandas que lhes chegam. Por isso Romagnoli (2022, p. 9) pontua como a prática se alimenta da força coletiva, como as relações aparecem como possibilidade de criar, de não deixar paralisar a resistência e sustentá-la em práticas inventivas e coletivas, "em redes que afirmam a vida e apontam para a construção de atos de criação".

A percepção partidária sobre a política também foi algo bem notável nas narrativas das participantes, como segue:

Catarina: [...] necessária, importante, são as políticas públicas que... elas refletem no trabalho, é importante eu acho que assim como as pessoas não têm a noção do quanto têm direitos, a questão da política é importante também pra gente escolher melhor os gestores, os políticos que... isso vai influenciar na vida das pessoas (35 anos, CREAS).

Stella: Eu creio que política é importante nessa questão de nos ajudar a desenvolver alguns projetos, de sua parceria facilitar também o nosso trabalho, alguns projetos têm a questão da verba, deles ter a parceria. Muitas vezes dificulta, a gente quer fazer um curso, viajar, reuniões aí a gente deixa de participar por questões assim de política, questões de não dar aquela importância, aquele assunto que a gente como profissional sabe que é importante, mas às vezes eles visam os custos, aí eles atuam mais



na questão do que for mesmo necessário, obrigatório. Por questões assim de conhecimento, de enriquecer até nosso município né? Meu trabalho, tudo, aí perde oportunidade pela disponibilidade, mas aí varia né? De região, de gestão, de tudo. Às vezes quer participar, comunica e “não, não dá...” aí fica complicado, a gente também não pode tudo arcar, não dá (38 anos, CRAS/CREAS).

A política surge nessas duas narrativas com aspectos aproximativos. Elas entendem a política através da noção partidária, da escolha de bons gestores, frisando que esses políticos quando possuem bons ideais/entendimentos sobre políticas públicas, assistência social, saúde e educação facilitam as possibilidades de boas condições de trabalho. Compreendem essa escolha de representantes como o que vai afetar diretamente na vida das pessoas, ou seja, uma boa ou má gestão sentencia os rumos que uma família em vulnerabilidade vai tomar, dificulta ou facilita os meios práticos da rede profissional que visa garantir todo acolhimento e direitos pertencentes ao povo.

Em outros momentos das entrevistas, as participantes relataram pontos de dificuldades e empecilhos na realização de um bom trabalho que estão atrelados à gestão, à política partidária, entre eles o transporte para as visitas domiciliares, que na maioria dos casos relatados apareceu como tendo um único carro na cidade compartilhado para diversos setores, acarretando a dificuldade de acesso da equipe e dos usuários de comunidades distantes da zona urbana. Apontam também para a falha na rede, seja de educação ou de saúde, relatando que as necessidades dos usuários sejam atendidas em todas as esferas urgentes, de maneira integral e articulada. Além disso, as participantes relatam dificuldades no apoio logístico e financeiro para projetos que objetivam conscientizar as pessoas e prevenir violências, abusos etc., bem como a falta de investimento na formação continuada, cursos de capacitação, palestras, entre outros espaços formativos que auxiliam no processo de desenvolvimento de um trabalho efetivo em grupo e em rede.



Atrelado às condições de trabalho difíceis, o vínculo empregatício apareceu como sendo por meio de contrato terceirizado (das 11 entrevistadas apenas um entrou por meio de processo seletivo). O contrato terceirizado não garante os direitos trabalhistas como décimo terceiro, licença, férias etc., além disso, os salários são baixos, em sua maioria até dois salários-mínimos.

Elis ao ser perguntada como entendia a política na psicologia e na sua prática respondeu:

Elis: Que tipo de política? Porque assim a nossa situação é bem complicada, questão de política partidária, entendeu? Refaça a pergunta, por favor. Bom, eu sei que... políticas públicas você quer falar né? Eu sei que em relação à política eu não posso falar sobre isso, sabe que tá no código de ética né? Psicólogo não se envolver em política, mas... eu não sei o que responder sobre isso, sinceramente não sei o que responder sobre isso, vai ficar sem essa resposta (29 anos, CRAS).

Elis ao deparar-se com a pergunta inicialmente associou à política partidária e explicou que a situação era "complicada" o que, de acordo com informações colhidas em outras indagações e em conversas para além do roteiro da entrevista, indica que a sua condição de trabalhadora terceirizada a impediria de tecer comentários mais incisivos sobre política nesta perspectiva partidária. Apesar de todas as informações acerca das identidades das profissionais serem devidamente preservadas, houve muito receio na fala de algumas participantes devido ao modelo empregatício em que elas se encontravam e pelo tamanho das cidades em que ocorreu a presente pesquisa. A identificação dos seus nomes, em último caso, poderia acarretar a perda de seus cargos, teria, portanto, efeito prejudicial em níveis profissional e pessoal. Por isso, foram completamente entendidas e respeitadas nas limitações estabelecidas ao longo das respostas.

Ao longo das entrevistas surgiram momentos em que as participantes, ao se depararem com uma estudante de psicologia



indagando questões acerca da atuação, viam-se numa posição necessária de aconselhamento, perguntavam se interessava atuar na assistência social e obtendo resposta positiva logo relatavam problemas e angústias que ultrapassavam as perguntas realizadas. Grande parte das psicólogas entrevistadas ao final das gravações falavam de forma mais fluida, em tom mais íntimo, confidenciando críticas, dificuldades, percursos pessoais e conselhos.

O que surgia para além do que pôde ser transscrito dizia, sobretudo, sobre as lacunas que as políticas de assistência social iam deixando não só para os usuários dos serviços, mas também para as próprias trabalhadoras. Deparar-se com um cenário de fome, violência, vulnerabilidade e não encontrar meios efetivos o suficiente para a construção de uma intervenção ativa, coletiva e transformadora, como Macedo e Dimenstein (2012) constataram em suas entrevistas, mexe com a dimensão dos afetos que, por sua vez, atingem diretamente a qualidade da prática, a forma com que se lida com situações extremas.

A impotência, a frustração e o ressentimento foram alguns dos afetos observados por Macedo e Dimenstein (2012) que puderam igualmente ser constatados nesta pesquisa. A maior parte desses afetos foram verbalizados após as gravações, por isso, não houve registro para além de algumas anotações da pesquisadora. Houve, no entanto, uma exceção em que a participante ainda em gravação, em um tom de conselho, falou por uma ótica mais pessoal sobre como é estar atuando em um espaço que lida com pessoas vulnerabilizadas e que não dispõe de recursos que atendam concretamente à essas necessidades. Relata como isso lhe atravessava e como quem pretende trabalhar nesse espaço, ou se porventura quem “cair de paraquedas” nesse espaço, precisaria estar “avisado” das limitações e dificuldades que permeiam as instituições, frisando que o que está proposto pelas políticas públicas nos textos oficiais muitas vezes é impossibilitado de ser efetivado.

"QUESTÃO SOCIAL": COMPROMISSO, CUIDADO ÉTICO COM O COLETIVO

Em nossa análise a "questão social" é pensada a partir de Santos (2012), um conceito de natureza reflexiva e intelectiva, que nos permite delinear não o problema em si, mas suas expressões determinadas pela desigualdade que fundamenta o modo de produção capitalista.

O "social" se apresenta na experiência cotidiana de profissionais de psicologia como um compromisso social a partir do acolhimento e da garantia de direitos. O espaço de atuação (CRAS ou CREAS), por lidar com fenômenos que são expressões da questão social, requer deles uma ação profissional de efeito acolhedor, humanizador e emancipatório.

Isis: Compromisso social tá em toda minha prática né? Quando eu assumi essa responsabilidade de ser psicóloga acredito que em qualquer ambiente que eu esteja, principalmente aqui no CRAS que é muito essa questão do social, eu já entro aqui com esse compromisso, sabe? De fazer valer a minha profissão e de chegar a quem mais precisa... e como é que eu posso tá fazendo isso? facilitando o acolhimento, facilitando a garantia de direitos, sempre quero bater nessa tecla da garantia dos direitos porque eu acredito que quando a gente consegue, sabe? Trazer pra eles o entendimento do que eles precisam, do que eles querem e de como eles podem conseguir de alguma forma eu tô garantindo pra eles a garantia dos direitos e tô trabalhando com o compromisso social (26 anos, CRAS).

As profissionais se veem convocadas a uma responsabilidade ético-profissional de estabelecer ações que visem o acolhimento máximo e humanizado, a garantia de direitos e a possibilidade de transmissão de conhecimentos que necessitam estar nítidos aos usuários para que eles mesmos consigam lutar pelos



seus direitos, ou seja, há o estímulo pelo exercício de sua autonomia enquanto cidadãos.

Nesta perspectiva, as narrativas a seguir dizem sobre implcação, em alguma medida, apesar da falta de meios e recursos para realizar um trabalho efetivo:

Paola: Em alguns momentos vão além das minhas possibilidades, mas o meu compromisso social com as pessoas é que independente das minhas limitações e das limitações que são impostas pra mim, seja dos próprios órgãos, seja da própria prefeitura, do município, enfim, do juiz o que for, eu tento fazer o meu melhor pra manter o meu compromisso com as pessoas que são atendidas aqui porque também elas não têm culpa da rede ter seus furos, das leis ter suas brechas, então pra aquelas pessoas que passam aqui eu tento manter o meu compromisso de acolher e fazer um bom trabalho independente de qualquer coisa (26 anos, CREAS).

Eloísa: Principalmente ajudar eles a entender que eles têm direitos e que merecem receber o que tem pra receber, porque muitas vezes eles chegam lá, tipo o BPC mesmo, benefício de prestação continuada, quando eles chegam pra gente eles chegam "eu passei pelo advogado e o advogado disse que queria metade do valor que eu receber" sendo que é um direito deles, que eles têm direito a receber aquilo, mas não sabem aí é bem complicado... quando chegam que a gente vai explicar que é um direito deles, tem que receber, aí até eles entenderem... mas é bem difícil isso. E a gente tava até pensando em fazer dentro dos sítios um momento com eles pra explicar o que a gente oferta porque não sabem, pra explicar e eles entenderem quais são os direitos deles (25 anos, CRAS).

As duas entrevistadas compartilham de uma ação profissional extensiva, que ultrapassa os limites impostos pela má funcionalidade da rede, pois partem do próprio funcionamento dos recursos disponibilizados pelo Estado que tendem a deixar suas brechas.



A falta de recursos teórico-técnico e gerencial para que as profissionais desenvolvam suas funções, somado à precarização das condições de trabalho acarretam frustrações. Percebe-se, com isso, que o sentimento de impotência e frustração pode impelir psicólogos a realizarem somente suas funções técnicas a fim de se manter em um nível de segurança diante de um território tão diverso e problemático quanto o campo das políticas sociais (Macedo e Dimenstein, 2012).

Entretanto, as entrevistadas partem de um lugar que demonstra que a transformação social é dificultada pelos próprios aparatos do Estado e ao deparar-se com essas limitações, apesar delas, as trabalhadoras escolhem manter um posicionamento profissional que visa – seja pela continuação técnica do trabalho enquanto psicóloga, seja em planejamentos de reuniões coletivas para expor direitos – transpor barreiras que retiram a possibilidade de garantir que a atuação de psicólogas junto à assistência social produza o fortalecimento dos usuários como sujeitos de direitos e fortalecimento das políticas públicas (CFP/CEFESS, 2007).

O compromisso social também foi entendido como cuidado ético:

Jorge: Compromisso social eu acho que é atuação mesmo, se for falar eticamente né? Eticamente a gente tá dentro da casa de uma pessoa praticamente todos os dias, então a gente tem esse compromisso mesmo social, porque vamos dizer assim a gente tá entrando não apenas pra identificar uma vulnerabilidade, mas pra estar na privacidade de alguém né? Muitas vezes é o que escuto normalmente "não repare a bagunça" a gente entra assim... e não é a bagunça, é a carência que eu encontro, não é a má vontade de construir uma casa bonita, é a ausência dos recursos. E estar dentro disso e saber que ali você não tem que tocar no assunto, saber que aquilo ali é uma situação que aquela pessoa está passando e é ter esse compromisso social de ajudar da melhor forma possível, eticamente falando, institucionalmente falando, através do equipamento, do que rege o equipamento do CRAS, talvez seja esse o compromisso social que eu como



psicólogo também me predisponho a fazer, identificando, inclusive, muitas vezes determinados transtornos, claro que a gente não vem com um diagnóstico, mas a gente vem com um olhar da psicologia pra determinada questão que vai além também da vulnerabilidade, que é uma questão de saúde mental (31 anos, CRAS).

Otávio: [...] muito difícil e tem uma coisa que vou dizer a você, CREAS não funciona correndo CREAS é processo, é aos poucos. Você não vai me ver chegar numa casa em que a higienização dos filhos, a higienização da família que não é nem uma perspectiva nossa, é da saúde né? Influência dizer: "ah, limpe, ah faça" nunca faria uma coisa dessa, eu tenho que aprender a conversar com as pessoas, sem a conversa não adianta, imposição não resolve [...]. Então é processo, ouvir a família, ouvir os demais, organizar-se também pra saber ouvir as pequenas coisas que vão fazendo pequenas ações e pequenas ações vão fazendo pequenas mudanças, a gente vai construindo, CREAS é isso, fazer as coisas com calma, cuidado, ética, porque você está mexendo com pessoas que já vivem uma violação de direitos, quem vem pra cá é porque já vive uma violação de direitos seja ela qual for, independente você precisa ouvir, precisa acolher pra que ela se sinta confortável em dizer e consequentemente aderir aquilo que for proposto a ela [...] (26 anos, CREAS).

As duas perspectivas de compromisso social foram construídas em torno de experiências vivenciadas ao longo da rotina de trabalho. Entrar na casa das pessoas e recebê-las nas instituições, por exemplo, são fazeres semanais de trabalhadores do SUAS. O que chama atenção, no entanto, é o reconhecimento do quão íntimo é entrar em contato com a vida das famílias, com suas dores, preocupações, com sua falta de recursos mínimos, com sua bagunça.

Macedo e Dimenstein (2012) dizem que o encontro das psicólogas com o campo das políticas sociais exige o reconhecimento de como se dá a reprodução nesses espaços. Atentam que são campos que pedem profissionais que circulem pela comunidade:



"ruas, becos, esquinas, casas, praças etc. Portanto, uma profissão que possa se misturar com o cheiro, o suor e o sol impiedoso da rua" (Macedo e Dimenstein, 2012, p. 190).

Os autores consideram ainda que se houver a continuação de uma ação nos espaços de políticas sociais pouco sensíveis a produzir potenciais de diferença em como se reconhece/intervém nos problemas, haverá a perpetuação de um modo clássico de atuação que, supõe-se aqui, prioriza o distanciamento e a neutralidade. Romper com clichês, para eles, abre possibilidades do surgimento de coletivos, dizem ainda que ter em mente que:

Como operadores de uma micropolítica cotidiana, não podemos esquecer que na medida em que interferimos na forma como as pessoas vivem, pensam, sentem, sofrem, agem e se relacionam, estamos em nosso trabalho, constantemente, enredados em algumas encruzilhadas. Ora fazemos o jogo da reprodução de modelos de forma a serializar e fixar identidades a partir de modos de vida hegemônicos, ora experimentamos modalidades de ação que favorecem o encontro de outros possíveis ou novas configurações que agenciam processos de luta e singularização, mesmo que provisórios (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 190).

Macedo e Dimenstein (2012, p. 190) apostam no modo como profissionais da psicologia são afetados e como problematizam suas experiências, para eles há uma implicação direta e coletivamente "na produção de interferências aquilo que está instituído, cronificado no cotidiano desses serviços". Entrar em uma casa e não reparar a bagunça, mas sim o produto de um sistema que maltrata a vida e coloca-se como natural e imutável é o que aponta para a contribuição social e política da psicóloga: ou seja, como é adentrar o cotidiano, a vida vivida, a sutileza das relações.

Autores como Romagnoli, Neves e Paulon (2018) nos ajudam e convocam a problematizar aquilo que aparece como instituído no cotidiano. Práticas de cuidado em assistência social sem crítica



alguma produzem a normalização do "fato de que a constituição subjetiva se estrutura também por meio de relações de violência e de exclusões" (Silva; Carvalhaes, 2016, p. 251).

Macedo e Dimenstein (2012) dizem sobre a necessidade de ter profissionais de psicologia que circulem na comunidade, nas casas, ruas e becos. Tal necessidade implica pensar que se não houver essa relação aproximativa a psicologia acabará constituindo-se em um saber engessado, inquestionável, onde aplica-se métodos sem o conhecimento prévio de quem irá recebê-los; uma prática que pensa intervenções antes mesmo de se conhecer sobre um campo e uma realidade social.

Para falar em modo de saber/fazer crítico-transformador há de se considerar que Silva e Carvalhaes (2016, p. 253) defendem a necessidade de o psicólogo reconhecer-se como agente político capaz de contribuir "para as construções coletivas de mudanças na realidade das comunidades onde atua, como também contribuir para que os moradores destas localidades se reconheçam como sujeito de direitos".

As possibilidades de construção coletiva apresentam-se, para Silva e Carvalhaes (2016), como um desafio às psicólogas que precisam entender a importância do exercício grupal que situa o usuário como aquele que propõe, articula e sugere, juntamente com os profissionais técnicos, estratégias que ampliam as formas de participação e intervenção nos espaços de controle e deliberação. Acrescentam que suas apostas se pautam em práticas que extrapolam os serviços e atendimentos dos usuários, e que, junto com eles, contribuam para desestabilizar mecanismos e estruturas, sutis e/ou explícitas, que interferem na vida de grande parte da população (Silva; Carvalhaes, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito refletiu sobre as experiências de psicólogas e psicólogos que trabalham nas políticas públicas de assistência social no sertão de Alagoas, tomando as dimensões política e social em suas práticas cotidianas. O social e o político, são reiterados, em seus lugares de constituintes do humano, não existe vida sem a política e não existe um ser não social.

Evidencia-se como urgente a produção de uma ação profissional coletivizada, com fundamento crítico para enxergar os impasses/impossibilidades encontradas na execução de um trabalho efetivo e satisfatório no cotidiano de um CRAS ou CREAS; assim como, perceber as lacunas profundas produzidas pelo Estado que sustentam e tentam conciliar um sistema capitalista que produz o desespero em todas as instâncias da vida. Lançar um olhar atento ao que nos é apresentado como estruturalmente falho evita frustrações e pode produzir uma ação inovadora que convoque as pessoas à participação nas decisões de suas vidas, a produzir/criar saídas para suas realidades sofridas, uma ação que não se acomode ao que está dado, ao que está imposto, mas possibilita saídas de onde não há porta.

A psicologia e suas profissionais continuam sendo uma das agentes que podem ser resistência, que podem produzir dignidade a partir de ações informativas, mobilizadoras, revolucionárias nos espaços de atuação. Este trabalho desenhou-se como um convite para que, enquanto ciéncia e profissão, a psicologia questione mais o que estrutura e mantém a realidade como está, como se apresenta nas histórias que chegam nos espaços de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. F. Sobre a dor e a delícia da atuação psicológica no SUAS. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31 n. 2, p. 406-419, Recife, 2011.

BASTOS, A.V. B; OLIVEIRA, I. F.; SOARES, I. S. D. O Trabalho em Psicologia: em que áreas de atuação nos inserimos? In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira?** Um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho. Vol. 2. condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social. 1. ed. Brasília: CFP, 2022.

CARVALHO, B. R. B. **Por uma psicologia não-fascista para um mundo catastrófico:** a experiência de profissionais de psicologia face a lgbtfobia. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL/ CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Parâmetro para atuação de assistentes sociais e psicólogos(as) na Política de Assistência Social.** Brasília: CFP/CEFESS, 2007.

GIL, A. C. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL.** 6 ED. SÃO PAULO: ATLAS, 2008.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEITE, J. F.; MACEDO, J. P. S.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C. A formação em psicologia para a atuação em contextos rurais. In: LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. (Orgs.). **Psicologia e contextos rurais.** Natal: EDUFRN, 2013.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. O trabalho dos psicólogos nas políticas sociais no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 30, n. 1, p. 182-192, 2012.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos de psicologia.** Natal, v. 2, p. 7-27, 1996.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. Rev. e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTA, R. F.; BRANDOLT, C. R.; PIZZINATO, A. Trabalhadoras(es) do SUAS: Quem são as(os) psicólogas(os) da proteção social básica (PSB). **Psicologia: ciência e profissão**, Rio Grande do Sul, v. 41, pág. 1-15, 2021.

ROMAGNOLI, R. C. Psicologia Brasileira e Políticas Públicas: Capturas e Resistências. **Psicologia: ciência e profissão**, Minas Gerais, v. 42, p. 1-12, 2022.

ROMAGNOLI, R. C.; NEVES, C. E. A. B.; PAULON, S. M. Intercessão entre políticas: psicologia e produção de cuidado nas políticas públicas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 236-250, 2018.

SANDALL, H; QUEIROGA, F; GONDIM, S. M. G. Quem somos? Caracterizando o perfil das(os) psicólogas(os) no Brasil. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira?** Um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho. Vol. 1. formação e inserção no mundo do trabalho / Conselho Federal de Psicologia. 1 ed. Brasília: CFP, 2022.

SANTOS, J. S. **“Questão social”**: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, R. B.; CARVALHAES, F. F. Psicologia e políticas públicas: impasses e reinvenções. **Psicologia & sociedade**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 247-256, 2016.

4

*Jaileila de Araújo Menezes
Tathyane Gleice da Silva Lira
Rebeca Kelly Gomes da Silva
Daniela Leal Dantas Vasconcelos
Jade Sarmento Santana
Ludmila Menezes de Oliveira*

**POÉTICAS E POLÍTICAS EM
TORNO DOS MUITOS TEMPOS
DE UMA PESQUISA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-502-2.4

CARA PESSOA LEITORA,

Ao encontrar esse texto, esperamos que possa sentar-se em uma cadeira confortável com tempo para proscar, jogar conversa fora, deixar as palavras aqui postas borbulharem e refrescarem as ideias. Trazemos cinco breves cenas de processos de pesquisa em psicologia social e, para manter o fluxo da conversa, optamos que cada sessão traga seu título, seguido de autoria específica. Deste modo, valorizamos nossas escritas singulares, ao discorrermos em torno de nosso plano comum, estabelecido na vida cotidiana do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (OriGEPCOL/UFPE), por mim fundado e o qual coordeno. É um experimento e esperamos que faça sentido.

Somos seis autoras, mulheres, pesquisadoras em uma universidade pública localizada no Nordeste do Brasil, sobreviventes e testemunhas de uma pandemia que ainda repercute em várias dimensões de nossas existências. Inclusive, repercute no titubeio, nas dúvidas e nos sofrimentos diversos, advindos do isolamento social e da distância entre o sonho – de poder mudar de Estado e se dedicar integralmente às várias ofertas de atividades da pós-graduação – e a realidade de uma pandemia no meio do (des)caminho: aulas *on-line*, orientações *on-line*, grupo de pesquisa *on-line* e o exercício de aprender a dar “*nó em pingão d’água*”. Fizemos todas um intenso trabalho de sustentar, compor e nutrir uma rede de pesquisadoras que atravessou a incerteza, o desespero e a desesperança. Portanto, esse é também um texto de celebração às tantas boas referências que encontramos no caminho de nossa produção acadêmica e que nos guiaram nessa estrada.



No dia 15 de dezembro de 2021, estávamos iniciando o debate de um dos textos da intelectual feminista negra bell hooks¹, quando soubemos de sua partida. Trêmulas e sem voz, ficamos um tempo processando a notícia diante da tela luminosa dos notebooks e celulares, até que entre nós se ergueu uma boa voz: “Ela será bem recebida no Orun!” – plano da espiritualidade no contexto das religiões afro-brasileiras, reino divino onde residem os Orixás. Gosto de pensar com Leda Martins (2021, p.65) que “canal da força vital, a ontologia na concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelos de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir”.

Diante da partida de bell, pensamos neste tão belo enlace possível de estabelecermos entre o papel da ancestralidade e o legado acadêmico. Através do texto vivo que pulsa em inspiração para a escrita dos que estão no tempo presente e no porvir, entendemos a ancestralidade como elo e exemplificação, tal qual as boas histórias que contamos sobre tempos de dificuldade e superação. Assim faz Conceição Evaristo (2016, p. 113) em seu conto sobre Ayoluwa, a alegria de nosso povo: uma criança gestada por toda a comunidade, “[...] todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo”.

Essas referências nos chegam como um chamado ao envolvimento com os processos de pesquisa em uma dimensão poética-sensível, somando a compreensões contracoloniais que reposicionam nossas relações com o espaço-tempo sócio-histórico. Nesses termos, pensar o cotidiano é produzir algum furo nos tamponamentos orquestrados pela colonialidade epistêmica eurocentrada do

1 Escolhemos manter a grafia em minúsculo ao longo do texto, respeitando o posicionamento da intelectual.



saber, do poder, do ser e de gênero, também produzir costuras com as palavras das/dos sujeitas/os que, a partir de suas experiências, nomeiam a seu modo as várias violências coloniais ainda em curso.

No trabalho de orientação, escuto e sugiro, principalmente, tenho recomendado um exercício intenso de imaginação emancipatória, colocar em imagens aquilo que se deseja para si e para as/os outras/os que destinam seus tempos e também a esperança de que nos contando algo, alguma coisa possa mudar. Afinal, o trabalho acadêmico é sobre tempo e esperança, é um pouco do exercício de compor com esses dois elementos que tratamos aqui. Na cena 1, Tathyane nos conta sobre as tecnologias mediadoras acionadas em um “doutoramento em acontecência”; na cena 2, Rebeca nos lembra das cartas, conversas, poesias e músicas como recursos de encontros para a construção de pesquisa; na cena 3, Daniela nos desafia a abrir brechas para localizarmos “o ouro” naquilo que é corriqueiro; na cena 4, Jade nos sensibiliza para a potência da linha nas tramas da ação de investigação; e por fim, na cena 5, Ludmila nos convida a entender a pesquisa como cuidado à vida.

Nesse trabalho coletivo, tomo meu ofício de orientadora em aliança. Estabeleço as orientações, unindo-me à bell hooks – que me ensina a abrir uma comunidade de aprendizagem como espaço-tempo de experiência das nossas vulnerabilidades no processo de composição do saber. Uno-me também à Conceição Evaristo, que alimenta a minha/nossa persistência cotidiana, pois “quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (*Ibidem*, p.114). Como tenho dito... sigamos!

CENA 1 – EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO PLANEJAMENTO DA PESQUISA: COTIDIANO CARTOGRAFADO



Na fase de planejamento de uma pesquisa, trivialidade e invenção interconectam-se e corporificam o cotidiano da práxis científica. Partindo desse pressuposto, podemos refletir sobre nosso modo de viver-construir pesquisas participativas, valorizando a mediação como uma tecnologia de comunicabilidade indispensável ao ato de pesquisar (Jeanneret, 2009). Para ilustrar, trago a cena da fase de construção de meu projeto de tese em Psicologia, sobre as práticas de cuidado e proteção de um Sistema de Garantia de Direitos, voltado a crianças e adolescentes sobreviventes de violência sexual. A cena compõe-se de experiências que tenho vivido, elas são singulares e compartilhadas, enfaticamente, correspondem a apenas um modo de interpretar essa realidade (Collins, 2022; Bondía, 2002).

Dedicando-me à escrita do projeto, transito por lugares e encontros, traçando um plano coletivo centrado na minha vontade de produção. Inspiro-me nas pistas cartográficas, ao alternar entre a atenção flutuante e a atenção seletiva, para fazer as buscas e entender minha “autoria” como um fenômeno processual e polifônico (Kastrup, 2020; Alvarez; Passos, 2020). É assim que venho construindo esse projeto científico, compondo meu cotidiano por diversos aspectos, entre a política de encomendas e o projeto ético-político em foco, concentrando-me nas sutilezas do caráter mútuo que há entre os acontecimentos.

Significa dizer, faço deslocamentos entre o exercício da sondagem e o da vigilância, desafiando-me a estabelecer uma interseção entre a circulação de saberes socioculturais, as convenções atribuídas à prática da escrita e algumas desobediências. Na prática, além de estudar livros, artigos, dissertações e teses, ou participar de



congressos, sigo por outras rotas, visando melhor definir o problema, os objetivos e a metodologia da tese. Recusando-me à escrita científica canonizada pela solidão, recorro a tecnologias que facilitam minha implicação feminista no cotidiano da pesquisa, ao imaginar um campo ainda não acessado. São tecnologias mediadoras que aciono neste “doutoramento em acontecência”, compenetrada nos preparativos de um projeto a ser enviado ao comitê de ética. Quais são?

Estabeleço diálogos contínuos com pessoas, em cafés, livrarias, *Google Meeting* e outros espaços. Assisto a longas-metragens sobre violência sexual praticada contra crianças, adolescentes e mulheres. Visito o Memorial da Democracia de Pernambuco e a Serra da Barriga em Alagoas. Desperto-me para ler *Conceição Evaristo!* Conecto-me às séries de podcasts da Rádio Novelo². Enquanto busco dados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, ouço cantos em reverência à lansã. Embora não tenha um vínculo religioso formal, encontro através dessas músicas – para esta atividade investigativa – uma força simbólica. Escuto-as, pedindo licença para ser aceita como uma aliada, em meio ao agir científico-político de “olhar” no sistema os rastros interseccionais da violência. Além disso, alimento meu “portfólio”, um diário digitalizado, com fotos, citações e memórias que antecedem o encontro com o campo, nutrindo-me teórica e afetivamente nesses preparativos.

E o OriGEPCOL³ incentiva esses mecanismos vitais para uma política acadêmica explicitamente posicionada contra as cristalizações do patriarcado capitalista de supremacia branca. Este coletivo nos ajuda a não sucumbirmos ao temor comumente sustentado pela

2 Produtora de podcast carioca, fundada em 2019 e presidida por Branca Vianna. Apresenta debates no âmbito da diversidade racial e de gênero. Vide: <https://radionovelocom.br/>.

3 O Núcleo OriGepcol (<https://www.instagram.com/origepcol/>), coordenado pela professora dra. Jaileila de Araújo Menezes, conecta a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Museu da Pessoa. Com pesquisadoras/es dos campos da Psicologia e Educação, somos um coletivo que objetiva construir ações de ensino, Pesquisa e extensão com foco na Memória Social, Racismo Ambiental, Trauma e Testemunho.



escrita acadêmica, por exemplo, marcando alguma reunião em *Work Coffee* ou no museu. Isso ocorre, pois a generosidade é a palavra-ação protetora e uma potência da vida; ela nos une no cotidiano desse grupo que investe em pesquisas antipatriarcais pela via do trabalho colaborativo em pós-graduação (Bondía, 2002; Pelbart, 2015; Diniz; Gebara, 2022; hooks, 2024). Os caminhos de nossas pesquisas evidenciam a indispensabilidade desses mecanismos.

CENA 2 – CAMINHOS DE PESQUISA E ESCRITA A PARTIR DA ESCREVIVÊNCIA: UM ENCONTRO COM CONCEIÇÃO EVARISTO

A vida acadêmica é marcada por encontros teóricos, metodológicos, analíticos, reflexivos e afetivos. Encontros com pessoas e histórias, nas quais aprendemos a identificar as vozes, gestos, silêncios, pausas, os conteúdos verbais e não verbais. É um caminho de muitas descobertas e, fundamentada no feminismo negro, comprehendo a pesquisa como implicada, realizada *com* as sujeitas (ou sujeitos) e que a produção de conhecimento se constrói enquanto política. Aprendi com bell hooks (2019) e Conceição Evaristo (2020) que a escrita e a publicação de textos de mulheres negras são atos políticos, e que a expressão desse conhecimento é fundamental para o enfrentamento ao epistemicídio, apresentando ao mundo o ponto de vista de um grupo que foi sistematicamente silenciado, subjugado e oprimido.

Ao receber o convite para escrever esse capítulo sobre o cotidiano na pesquisa, percorri o caminho de refletir sobre o meu lugar como pesquisadora, os temas que me interessam nesse mundo, a forma como desenvolvo as pesquisas e o porquê de minhas escolhas. É um lugar que foi sendo pavimentado em minha própria



história como mulher negra-ativista-nordestina-psicóloga-professora-pesquisadora. Uso o hífen ao invés da conjunção aditiva e é proposital. Os marcadores que compõem quem sou não são apenas adições, mas estão intrinsecamente conectados. Ser pesquisadora e as escolhas que faço nessa função são constituídas por essas minhas diversas experiências. Pesquiso feminismo negro, políticas de cuidado, saúde mental da população negra e de mulheres. Temas dos quais me aproximei por meio de minha inserção em movimentos sociais, em entrelaçamento com a Psicologia.

Fundamentada no feminismo negro, teoria e ação política construída por intelectuais negras, comprehendo como os sistemas de opressão como racismo, sexism e desigualdade de classe estão interligados e geram dinâmicas de opressões diferentes para os grupos sociais (Collins, 2019). Além de entender os eixos de opressão, o feminismo negro, a partir de uma análise interseccional, apresenta os processos de resistência de mulheres negras. Nesse sentido, desloca o grupo silenciado, subjugado e oprimido da margem ao centro, e não mais como objeto, e sim como sujeitas políticas. Esse deslocamento é fundamental, pois o processo de cada uma tornar-se sujeita fala sobre a tomada de consciência e posicionamento político desse grupo social (hooks, 2019).

Outra contribuição do feminismo negro, amplamente discutido por Conceição Evaristo, é a escrevivência que expressa o cotidiano, as experiências e as narrativas de mulheres negras. A escrevivência apresenta para a cena de pesquisa a implicação, as posições e os afetos. Mobilizar esse conceito-chave como fundamento teórico-metodológico é trazer para a academia políticas de escrita alicerçadas na justiça social e no enfrentamento às políticas de silenciamentos. É reivindicar a pesquisa-escrita através da política de memória, revelando para a sociedade as injustiças sociais, não apenas para as nomear, mas também para as enfrentar.



Inspirada em Carolina Maria de Jesus (2014), através do seu diário retratado em Quarto de Despejo, Conceição Evaristo (2020) recorre ao cotidiano e seu registro através da escrita como modo de visibilizar as histórias (re)contadas por mulheres negras. E é essa discussão que me constrói como mulher negra-ativista-nordestina-psicóloga-professora-pesquisadora, entendendo que a academia não é neutra e a produção de conhecimento precisa estar comprometida com o enfrentamento das opressões e com o objetivo de construir uma sociedade mais justa para todas nós.

Neste lugar, retomo às cartas, conversas, poesias e músicas como recursos de encontros para a construção de pesquisa. Diálogo com a literatura, principalmente a de Conceição Evaristo, para pensar políticas de cuidado de feministas negras, tema este que tenho me debruçado na tese de doutorado. Olho para mim e noto as afetações, as lembranças despertadas. Não sou neutra nessa relação. E na escrevivência, encontro um lugar para retratar essas nuances também do meu cotidiano, entendendo o que é meu, o que pertence às outras e o que compartilhamos. Uma narrativa que alterna entre o eu, elas e nós. Uma escrita que aproxima e, outras vezes, distancia. Um método de contar as histórias que provoca e as emoções sentidas precisam ser ditas por quem escolhe ler, na ativação de seus dispositivos.

CENA 3 – DISPOSITIVOS EXPRESSIVOS NO COTIDIANO DA PESQUISA EM PSICOLOGIA: ENTRE O IMAGINADO E O DESIMAGINADO

Estamos dizendo que a cotidianidade em pesquisa é posicionada. De minha parte, resgato que o conceito de cotidiano geralmente nos remete ao que é comum, ordinário, que ocorre todos os dias.



No automatismo das ações, pode parecer banal e sem valor. Se nos passam tantas coisas na contemporaneidade e quase nada nos acontece, penso que é justamente o cotidiano que possibilita a experiência, isto é, "aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (Bondía, 2002, p. 21). Pela perspectiva feminista e interseccional, entendemos que é exatamente na vida diária que as relações de poder ocorrem. É a partir dela, das afetações provocadas, que compreendemos as desigualdades que atravessam os diferentes corpos e podemos lutar por um mundo mais igualitário e equânime.

Como mulher, branca, cisgênero, classe média, que vem pesquisando com homens sobre amor e masculinidades na região metropolitana do Recife, preciso considerar ainda o que acontece de experiência quando o cotidiano da pesquisadora encontra o cotidiano dos interlocutores – homens cisgênero, autodeclarados negros e de diferentes classes sociais. O que isso faz operar no ato de pesquisa? Na metodologia, de costume, um planejamento é construído com base no que se imagina sobre os modos de viver dos interlocutores.

Certamente, isso levará em consideração os modos de viver da pesquisadora – minha relação com homens; os locais que pude acessar e acesso ao longo de minha história de vida; ainda, meu contato com músicas, filmes e literatura, contato este que reconhecemos aqui como tecnologias mediadoras e recursos de encontros. A partir disso, desenho o método, construo um roteiro, penso nas perguntas que irei fazer, como melhor formular cada uma delas, em acréscimo, vou em busca dos locais mais propícios para os diálogos.

No momento da entrevista, nossos mundos se encontram. A partir de então, engajada em um movimento autoanalítico, passo a perguntar: o que foi planejado com base no que se imaginava SOBRE o cotidiano dos interlocutores? Qual foi a parte do planejamento na qual não considerei essa imaginação? Como minhas experiências nas relações de poder participaram dessa condução em fusão com



o planejado e afastando-me dessas predefinições? O que foi provocado a partir do encontro COM o cotidiano deles?

Essas questões me lançam no exercício da “desimaginação” (Diniz; Gebara, 2022). Em um primeiro momento, é preciso desimigar o cotidiano para permitir o inusitado, as afetações, o espontâneo das relações humanas e as mútuas aprendizagens. Em segundo lugar, na lógica do “patriarcado supremacista branco capitalista e imperialista” (hooks, 2025, p. 39), é preciso estranhar o cotidiano – tanto da pesquisadora quanto dos interlocutores. É uma tarefa necessária para traçar novas rotas. Será necessário abrir brechas para tornar isso possível na pesquisa, bem como para localizar “o ouro” naquilo que é corriqueiro.

Nessa pesquisa que venho realizando, aposto no uso de mapas como dispositivo dialógico, reconhecendo brechas nesse “entre” da relação pesquisadora-interlocutores. Os mapas visibilizam as questões presentes em relação ao amor na vida dos interlocutores, passando também pelo meu olhar, minhas experiências. Construir mapas é uma forma de devolver e ilustrar a maneira que os diálogos suscitados nas entrevistas ressoam em mim, funcionando como um meio a partir do qual outras perguntas, reflexões e comentários podem ser feitos daquela nova criação⁴. Desse modo, entre experiências, uma aposta na dialogicidade é feita: as metáforas e os dispositivos expressivos são bem-vindos.

4 No mestrado, realizei a transcrição de todo o material (duas entrevistas) de cada interlocutor. Após transcrito, li e reli, adicionando comentários e sublinhando “palavras fortes,” aquelas que foram recorrentes e provocavam reflexões sobre o tema da t_{pesquisa}. O passo seguinte foi agrupar as palavras que tinham relações (ou homogeneidade) internas, as quais, juntas, formariam uma região. Eu imaginei, utilizando rabiscos e desenhos com lápis e papel, qual região seria próxima da outra – ou seja, qual tema teria relações próximas com o outro e, em seguida, criava títulos que funcionavam como metáforas para cada área. Formando o esboço, a imagem depois era transposta para uma plataforma digital que permitia a representação gráfica, composta por ilustrações e palavras. Cada mapa foi impresso e entregue ao interlocutor no momento da última entrevista.



Mapear as narrativas é um modo de processar os dados, desterritorializando-as, isto é, tornando-as “artefatos visuais”. Nem as palavras faladas, nem os mapas conseguem transliterar as subjetividades dos interlocutores, envolvidos em experiências de amor e de desamor. Ainda assim, a transposição de afetos e significações do vivido em imagens desloca esteticamente as palavras faladas a cru. Pelo viés científico-artístico-tecnológico, os mapas ilustram tais experiências, dando-nos acesso a novas dimensões delas. Eis uma resultante desse trabalho analítico por intermédio, entre imaginação e “desimaginação”. Ao final, entregar os mapas afetivos aos respectivos interlocutores, foi devolutiva científica, recontação, ainda, oportunidade de acolher as afetações geradas pela visualização intersemiótica das histórias. A dupla ação de elaborar e compartilhar os mapas foi um furo no cotidiano, permitindo-nos imaginar realidades mais amorosas e justas para o exercício da produção do saber.

CENA 4 –ENTRE LINHAS E TRAMAS: COSTURANDO UMA PESQUISA NO COTIDIANO

Na costura, nós nos deparamos com um duplo desafio: primeiro, o de trabalhar com disciplina e precisão, reconhecendo os benefícios do rigor para a fabricação do produto e, segundo, de ruptura com o primeiro passo, admitindo que a invenção se faz pela via do experimento. Costurar, mais do que uma palavra variável que expressa ação ou uma tradição transgeracional, é uma gestualidade que tenho usado na minha pesquisa de mestrado, acerca da saúde mental de mulheres usuárias de um Centro de Atenção Psicossocial; sobretudo, uso como referência metafórica. Tal prática pedagógica do pensar e do fazer, chama atenção para as elaborações que formulamos, costuramos e bancamos nos nossos entremeios do cotidiano.



Nesta investigação em curso, a costura foi também recurso metodológico que utilizei para escutar os fragmentos produzidos e espalhados no cotidiano, de modo a – como sugere Peter Spink (2008) – manter viva a arte de contar histórias. A artesania foi agitada pelo encontro com a narradora da minha pesquisa que, para falar de si, apresenta esse objeto tão estreito, mas que se expande no gesto de criar. A linha atravessou sua história de vida, enodando cenas de potência e de fragilidade. Por efeito, através do narrar, está sendo possível o alinhavo. Juntas, costuramos palavras, tempos e artefatos no cotidiano da pesquisa.

Oxigenada pela parceria, lancei-me em movimentos que permitissem alargar nosso encontro, ao torná-lo parte do meu dia a dia. Movimentos que pudessem, enfim, fortalecer a relação com meu campo-tema (Spink, 2008). Curiosa com as linhas de conexão entre arte e vida, também entre sujeita pesquisadora e sujeita narradora, busquei livros, personagens e voltei a trabalhar com a linha. Nessa cena, alinhavamos outras conexões, tal como a que ocorre entre a pesquisa e a clínica. Afinal, no chuleado das palavras que surgem em nossos encontros gerados para a confecção científica, a costura também faz efeito em nós duas.

Devo lembrar que o construcionismo social advogou não haver diferença fundamental entre curiosidade e ciência, assim como a ciência e os demais saberes (Spink, 2003). Nessa compreensão, a pesquisa deriva da curiosidade e da experiência, interpretadas como processos sociais e intersubjetivos. Refletindo sobre a minha pesquisa, observo como a relação que eu tinha com a linha foi modificada quando me inseri nas tramas de ação da investigação. De reserva e intocada, a linha que habitava meu guarda-roupa, transformou-se em conglomerado de fios coloridos que dançavam nos aposentos da minha casa — restos das minhas peripécias em costura e bordado. A linha tinha voltado a fazer parte do meu cotidiano e pareceu-me uma estratégia lúdica para escutar mais, para discutir mais, para aprender mais e para pesquisar mais.



Quando o cotidiano entra em cena como espaço privilegiado para análises micro e macropolíticas (Rocha; Aguiar, 2003), há a chance das costuras que confeccionamos se tornarem curiosas. Na minha pesquisa, comecei rastreando uma linha metodológica e terminei indo para outra, seduzida que estava pela vibração do meu campo-tema. Por último, queria compartilhar que costurar uma pesquisa – parecido com o que se faz através dos mapas – é também uma tentativa de confrontar, negociar e alargar as linhas disparadas no cotidiano, por meio dessa artesania interessada, principalmente, em fazer pontos de conexão.

CENA 5 –LEMBRETES DE UMA PESQUISADORA PARA OS DIAS EM QUE ESCREVER É (QUASE) IMPOSSÍVEL

Ao longo de nossas cenas, compartilhamos modos de estabelecer conexões com pessoas, fontes teóricas e literárias, ocupando espaços e gerando encontros, na direção de nossas produções científicas, envolvidas no projeto ético-epistêmico de ciência para fazer justiça social. No meu caso, enquanto produzo uma tese que visibiliza a população de rua com deficiência, tento observar meu corpo e meus pensamentos: estão acelerados, correm, voam, percorrem inúmeros caminhos, múltiplas possibilidades e não conseguem aterrissar no chão, são ventania presa no meu corpo. Por que tão rápido?

Ensaio uma resposta como quem conta uma anedota: "Quantos cafés são necessários para escrever uma página?" Logo me vem à memória uma brincadeira de infância: sabe daquele carrinho de plástico que precisava empurrar as rodinhas para trás várias vezes em um mesmo movimento, para que ele conseguisse ganhar velocidade e correr?! O carrinho ia embora ligeiro, até que perdia a



energia, daí, precisava de novo da mesma mecânica repetida para correr. Precisava de mais atrito.

No cotidiano da produção de uma pesquisa, o que acontece é que, às vezes, a gente aperta tão forte que não consegue produzir mais energia. A roda trava. Quando isso acontece, a sensação de estar parada não é respiro, é como estar atrasada entre uma corrida e outra. Nesse momento, tento escutar as sabedorias das pessoas ao meu redor. Coloco algumas ideias na gaveta para que eu possa descansar. Procuro respeitar um movimento de pêndulo: "entre lá e cá"; "vá, mas volte". Conselhos ouvidos em círculo, no grupo de pesquisa OriGEPCOL. Estar neste coletivo tem me ajudado a perceber a importância de desenvolver formas de estar segura enquanto pesquisadora. Ajuda-me a sentir que pesquisar com ética é assumir a responsabilidade do cuidado com a pesquisa, também como o coletivo do qual faço parte e que me cerca. Além disso, a entender a pesquisa como cuidado à vida. À minha vida também. Por isso, enquanto procuro asas para escapar do atrito do chão, repito ritmada a prece de Luedji Luna: "Vento vem me mostrar qual a força que tenho para seguir⁵".

Percebo que a arte, em forma de música, pintura, filmes, fotografias, literatura, cartas, poemas, mapas digitais e costura, por exemplo, pode ser a sustentação das nossas vidas, inclusive, pode atravessar nossas pesquisas de várias formas. É possível olhar/ouvir/ sentir a vida de tantos modos. Ser pesquisadora/artista é um outro modo de ser "escutadeira" do cotidiano, como um costurar em parceria. "Há treinamento na entrega à escuta, mas o treino é antes um gesto ético que acadêmico" (Diniz; Gebara, 2022 p. 19). Débora Diniz é quem nos diz que ser "escutadeira" feminista é um movimento não só de ouvir com os ouvidos, mas de se mobilizar, de estar com todos os sentidos abertos. É receber com o afeto, com a visão, audição, com a pele, com o olfato ou com qual sentido seja possível.

5

Luedji Luna. Asas, 2017, 4'34". Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=8bqvC6WbgLU>.



E o que pode fazer as várias expressões artísticas? Ampliar nossos sentidos, alargar, dobrar. Por isso, escuto/pesquiso/produzo em corpo. Com a minha memória. Afetada por onde a história toca. Escuto com os meus olhos e com o cheiro que sinto. Que barulhos fazem com que eu ouça, mas não escute? Que afetos precisam estar atentos para que, quando não for possível ouvir, ainda assim seja possível escutar? Mesmo assim, experiencio o medo de sentir toda dor que escuto nas palavras refletidas. De trazer à consciência o que meus sentidos já trouxeram para minha vida, no contato com as pessoas e o campo da pesquisa científica.

Às vezes, eu acho que escrever me rasga. Às vezes, eu acho que me junta. Tenho pensado que estes dois movimentos não se dissociam por aqui. Escrever tem sido perceber que o vivido é como um canto torto que corta como faca minha carne⁶. É uma escrita que não consigo fazer sem dor. Mas dor não é a única coisa que a escrita me traz. Acompanhada pela voz de Gloria Anzaldúa (2000, p. 232), comprehendo e sinto que "a escrita me salva da complacência que me amedronta". De mãos dadas com Anzaldúa e Diniz, percebo: sinto medo de escutar. Sinto mais medo ainda de não escutar. Com elas, almejo coragem. Portanto, tenho meus lembretes autoprotetivos, guiando-me pela eticidade feminista na pesquisa:

Quando for (quase) impossível escrever,

*Que me lembre que existem outras formas de me conectar
comigo mesma e com a pesquisa.*

*Que me lembre que existem diferentes formas de nos mover
pelo mundo.*

Que a arte é uma delas.

6

"E eu quero é que esse canto torto feito faca, corte a carne de vocês". (Amelinha, Belchior e Ednardo. A palo seco, 1974, 3'03". Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=74rz74F6Wns>.



Que eu me lembre: o meu diário de campo protege-me de não ter que dormir sem processar o que vivo ao pesquisar com/no cotidiano.

Que me protege de esquecer os dias bons.

E que seja assim possível criar redes:

As redes que nos fortalecem e nos potencializam dentro e fora da academia.

Sei que o processo de estar aqui envolve ventania, e, que vez ou outra, acelera.

Mas também sei que estar em coletivos seguros é onda.

Onda do mar.

Água pra refrescar.

Água pra inundar.

Água que faz brotar.

Sigamos: "Ventania é senhora, eu sei. E foi lá bem alto que eu vi. Inunda que é da água que faz brotar. Inunda que a água lava"

CONSIDERAÇÕES FINAIS

23 de maio de 2035 (tempo espiralar)

Sexta-feira, 12:55h, entramos pelo jardim com flores multicoloridas, ao canto um vaso de zamioculca vaidosa e faceira, folhas de verde vibrante. Caminhamos por entre um corredor ornamentado



com uma bela cortina de linhas que tocam com leveza nosso rosto. A mesa da cozinha está posta, ao centro um bolo de milho com um leve perfume de erva-doce, cafezinho e chá para o brinde do reencontro...tim tim...risadas alegres ecoam pelos cômodos até o quintal, os passarinhos respondem em sutil voo conjunto e orquestrado.

Abrimos com cuidado um papel dobrado em quatro partes, há nele marcas do tempo e nossas mãos também. É nossa rota-mapa, uma espécie de diário com registros em letras, colagens... Evaristo, ofício de orientadora, respiro, políticas de cuidado, (des) territorialização, metáforas e dispositivos expressivos, "aprende-se a costurar, costurando!", "aprende-se a pesquisar, pesquisando". Ao fundo, uma música suave na voz de uma mulher que não lembro o nome...até que uma de nós preenche o lapso... "É a Luedi, prof.a!"...rimos, rimos mais uma vez do ancestral maior que é o tempo, o tempo do (re)encontro. O tempo do cuidado que mantemos ativo em nós, na pesquisa e na vida.

Esse (re)encontro é sintonizado com o provérbio "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje". Em movimento sincronizado, abrimos a palma de nossas mãos e mostramos a linha firme que produzimos 10 anos antes para enfrentar a estratégia colonial da solidão como princípio maior da produção acadêmica. Nosso futuro é o enfrentamento de um passado canônico da genialidade acadêmica asséptica. A transgeracionalidade científica nos guiou ao longo dos anos através do gesto de ensinarmos e aprendermos umas com as outras, em aliança para o combate de cotidianos desesperançosos que ousem cruzar nosso caminho. O encantamento do cotidiano da pesquisa manteve-se como ouro em nossos dias, e segue iluminando o tempo (mesmo que ouse nublar) e guiando nossas encantarias coletivas.

Gratidão por mais um (re)encontro. Ubuntu!

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L (Orgs). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulivan, 2020, p.131-149.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. I.], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias:** a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DINIZ, D.; GEBARA, I. **Esperança feminista.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência:** a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- HOOKS, B. **A vontade de mudar:** homens, masculinidades e amor. São Paulo: Elefante, 2025.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 26^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.
- HOOKS, B. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.
- JEANNERET, Y. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 3, n. 3, p. 25-34, 2009.
- JESUS, C. M. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10^a ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L (Orgs). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulivan, 2020, p.32-5

PELBART, P. P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde e Sociedade.** São Paulo, v. 24, supl.1, p. 19-26, 2015.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão,** v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade,** v. 20, p. 70-77. 2008.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade,** v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.



5

*Gisele Michele da Silva
Juliana Catarine Barbosa da Silva*

GORDOFobia E TRABALHO:

**COMPREENSÃO DE SENTIDOS
DE MULHERES GORDAS
NO CONTEXTO LABORAL**

INTRODUÇÃO

Tendo como pano de fundo os contextos trabalhistas, buscaremos acessar, a partir de entrevistas semiestruturadas, os sentidos que mulheres autodeclaradas gordas produzem sobre gordofobia e trabalho, utilizando enquanto referencial teórico-metodológico o debate sobre práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (Spink; Medrado, 2013).

O termo gordofobia se refere ao “*comportamento social*, fundamentado no preconceito contra alguém que subjetivamente foi denominado como *gordo*” (Arruda, 2021, p. 40), é um fenômeno contemporâneo que opriime e estigmatiza as pessoas consideradas gordas, fora dos padrões estéticos, e as associa pejorativamente à falta de saúde e cuidado. As construções sobre o corpo ideal partem de diferentes contextos históricos e culturais, modificaram-se através do tempo, e atualmente são influenciadas pelo modo de produção capitalista e a expansão das grandes mídias, que defendem um padrão específico de beleza. (Sánchez, 2021). Acreditamos que quem se beneficia deste ideal, que tende a nunca se realizar, é a indústria da beleza, que cada vez mais lucra em cima de um modelo que se atualiza rapidamente.

A gordofobia é uma violência que pode ser considerada estrutural diante de suas diferentes formas de manifestação na sociedade (Jimenez, 2020). A dificuldade no acesso a cadeiras e assentos que caiba uma pessoa maior, o insucesso para encontrar roupas que as vistam adequadamente, a dificuldade de arranjar emprego e acessar assistência médica de qualidade são exemplos de violências que acontecem no dia a dia e que, não obstante, são institucionalizadas.

Alguns estudos no Brasil têm se dedicado a compreender a influência dos padrões estéticos no contexto do trabalho. Dentre os quais, Estevão-Rezende, Nascimento e Alves (2018) destacam a presença de posturas gordofóbicas em relação à (não) contratação



de mulheres consideradas “fora do padrão” para o setor de eventos. Sugerindo que a problemática pode iniciar desde o processo seletivo. Além deste aspecto, há ainda a questão relacionada aos salários, dada a análise de Adriano Dutra Teixeira (2016), que aponta a obesidade como um fator que interfere na remuneração de mulheres, onde à medida que possuem maior IMC, são menos remuneradas em seus empregos, ao contrário de homens obesos, que não sofrem efeitos negativos por conta de sua condição. Sendo possível concluir que mulheres podem sofrer mais com os estigmas da obesidade.

No contexto das relações de trabalho, a lei número 5.452 proíbe que mulheres sejam discriminadas em virtude do “sexo, idade, cor, situação familiar ou estado de gravidez” (Brasil, 1943), em situações de divulgação de vagas, admissão, remuneração e promoção. Apesar dessas proibições, não é encontrada nenhuma recomendação ou veto referente às comuns sugestões sobre boa aparência e apresentação em entrevistas de emprego, por exemplo. Dessa forma, fica a cargo dos contratantes, avalizados pelas noções subjetivas e excludentes de bonito, apresentável e saudável, fazer as decisões sobre quem se espera para ocupar um cargo naquela organização. É sabido que a problemática dos padrões em relação à mulher gorda não se isola na máxima do bonito e bem apresentável, ao corpo gordo é associada a prevalência de doenças e não obstante a lentidão, improdutividade, preguiça e desleixo, assim como estarem mais propensas ao desemprego e condições de trabalho desfavoráveis, como sinaliza Magdalena Piñeyro (2016) *apud* Marina Bastos Paim (2019).

O impacto da gordofobia contra as mulheres em diferentes contextos pode ser justificado pelo incentivo que existe sobre estas a se preocuparem com a aparência desde muito cedo (Jimenez, 2020), o que faz esta discussão estar fortemente associada aos estudos de gênero, e nos convoca à reflexão sobre como as estruturas patriarciais interferem e inferem padrões ao corpo feminino, de diferentes modos, esperando dele condutas de adequação, que podem gerar perdas, exclusão e sofrimento.



Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos que mulheres autodeclaradas gordas produzem sobre gordofobia e trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui desenvolvida trata-se de uma pesquisa qualitativa, que possui como referencial teórico-metodológico o construcionismo em psicologia social. Especificamente trabalharemos com análise das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (Spink; Medrado, 2013).

As participantes da pesquisa foram cinco mulheres, que participaram de forma individual e online, de entrevistas semiestruturadas, com perguntas norteadoras sobre a temática gordofobia e trabalho. Para o alcance do público-alvo, a pesquisa foi compartilhada nas redes sociais de uma das autoras, e como critérios de inclusão, era necessário que as candidatas fossem mulheres, cis ou trans, autodeclaradas gordas, ter mais de 18 anos e algum contato com diferentes aspectos do trabalho, seja nas condições de empregada, desempregada ou em busca de emprego.

Os critérios de exclusão, por sua vez, foram: mulheres que não se comunicavam na língua portuguesa, que não estivessem de acordo com o termo de consentimento ou não autorizassem a gravação dos dados produzidos na entrevista. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob o Certificado de Apresentação de Apresentação Ética (CAAE) nº 55668822.4.0000.0128, e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas e transcritas, e as análises foram feitas a partir da leitura das transcrições e reescuta dos áudios, e neste processo foram construídas compreensões sobre os discursos que se relacionavam aos eixos temáticos predefinidos: gordofobia e trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscaremos discutir as entrevistas a partir das dimensões gordofobia e trabalho com o intuito de construir diálogos sobre a temática. Na primeira sessão de análise, surgiram temáticas que se referem à gordofobia enquanto uma violência presente no cotidiano das mulheres desde a infância, o que contribui para a percepção comum de que quem veste um corpo gordo está desadaptado. Neste tópico também discutimos a invisibilidade da gordofobia enquanto violência que desencoraja mulheres trabalhadoras e influencia negativamente sua autoconfiança profissional.

No segundo momento, lançamos o olhar para a gordofobia no trabalho e pudemos observar que este é mais um dos ambientes comuns para esse tipo de violência, expressa muitas vezes nas relações entre os chefes ou supervisores, sendo considerada um fator determinante para a insatisfação no trabalho.

As participantes desta pesquisa foram cinco mulheres gordas que vivem em Pernambuco, entre os 21 e 32 anos de idade. Foram atribuídos nomes fictícios, todas as entrevistadas relataram ter algum contato com o trabalho, e elas são: Rita, 26 anos, maquiadora autônoma; Fabiana, 28 anos, trabalha em um comércio da família; Mariana, 22 anos, estudante de Enfermagem, doula, aromaterapeuta integrativa; Ellen, 21 anos, estudante de Pedagogia e estagiária em escolas; e Mari, de 32 anos, que atualmente está desempregada.

Para uma das autoras, enquanto mulher gorda, trabalhar esta temática e ouvir os relatos das entrevistadas foi um mergulho de identificação nas histórias, que apesar de ganharem forma a partir de vozes e lugares diferentes, em alguma medida se pareciam muito com a dela. Sendo assim, foi quase impossível não ser afetada enquanto vivia este processo que, por vezes, foi angustiante e desalojador. Quando desligava as chamadas, após as entrevistas,



a sensação é que uma longa viagem havia sido feita nas suas histórias, entre medos e traumas de menina e mulher gorda. E neste processo de coprodução de sentidos, possível por meio desta pesquisa, direcionamos os holofotes para que outras mulheres gordas contem as suas próprias histórias.

"A GENTE NÃO DEIXA DE SER GORDA EM NENHUM MOMENTO" (FABIANA, 28 ANOS) - GORDOFÓBIA NO COTIDIANO

Quando nos deparamos com os discursos das entrevistadas, observamos que para falar sobre gordofobia e trabalho precisaríamos compreender também um pouco das histórias dessas mulheres fora do ambiente laboral, uma vez que a gordofobia se apresentou discursivamente como um fenômeno que atravessa o cotidiano e está presente em várias ordens. Muito cedo, mulheres gordas são comumente sentenciadas à inaptidão para se relacionarem, ocuparem uma vaga de emprego, inaptas a serem consideradas bonitas e até mesmo de se sentirem felizes e realizadas. É dentro de casa, entre a família extensa ou mesmo na escola que essas falas apareceram. O que evidencia um ponto a ser tensionado neste debate, já que as percepções sobre gordofobia trazidas pelas entrevistadas estão associadas às suas histórias desde muito novas, onde relatam ter sofrido essas violências ainda quando crianças e dentro do contexto familiar, e levam a repercussões emocionais significativas.

Jimenez (2020) afirma que a maioria das mulheres começaram a sofrer gordofobia na infância, sendo uma violência difícil de identificar visto que são fundamentadas na preocupação com a saúde, e as sucessivas cobranças e humilhações costumam levar a um sofrimento que, por vezes, é difícil de ser superado. Nas entrevistas surgiram relatos sobre como aconteceram esses episódios e o modo como até hoje interferem nos comportamentos e crenças dessas mulheres adultas, lhes causando danos em termos de auto-estima e saúde mental.



Desde criança eu sou gorda e desde sempre as pessoas tão batendo nisso né... de que "você só vai arranjar um namorado se você for magra, você só vai arranjar um emprego se você for magra, você só vai poder ser feliz quando emagrecer". E isso acabou me podando um pouco, eu acho... Até hoje eu deixo de fazer certas coisas porque eu acho que as pessoas vão tá me julgando, e isso inclusive no trabalho, né? (Fabiana, 28 anos).

O trecho apresentado aponta para os efeitos da gordofobia ao longo da vida dessas mulheres, que crescem ouvindo que só poderão ser amadas, arranjarem um bom emprego ou serem felizes quando adultas se, e somente se, conseguirem emagrecer até lá. Essa violenta cobrança pelo corpo ideal infiltra a autoestima dessas mulheres e podam seus comportamentos, como colocou a entrevistada Fabiana.

Na contramão deste movimento, e no processo de virar o foco para mulheres gordas que sofrem com a gordofobia desde a infância, a autora e ativista gorda Jimenez (2020), em sua tese de doutoramento, discute a gordofobia sob a perspectiva da meritocracia social, onde ter um corpo gordo, fora do padrão, permite e justifica as violências que recebe na sociedade. Ou seja, a pessoa gorda é culpada por habitar o próprio corpo, cobrada inconsistentemente a emagrecer e responsabilizada caso não o queira ou não consiga. É a legitimação da violência pela via da inadequação.

Quando questionamos as entrevistadas se elas consideravam gordofobia uma forma de violência, as respostas que surgiram, em unanimidade, foram na afirmativa e justificaram também que além de ser uma violência, é uma violência que comumente passa despercebida, e por a gordura ser associada à falta de saúde, acaba sendo justificada. Elas relatam:

E é uma violência assim, que as pessoas ainda não defendem a vítima, sabe? Parece que esse tipo de violência você vai sofrer, e você tem que sofrer até que



você emagreça. [...] eu acho que é uma violência sim, e que é uma violência ainda muito aceitável para a sociedade (Fabiana, 28 anos).

É uma violência que foi normalizada... Acho que um pouco mais que as outras violências... E hoje em dia é que a gente para um pouco mais pra conversar e pra prestar atenção nesse assunto, sabe? Sendo que é uma violência que machuca também e que induz a vários comportamentos danosos, sabe? (Ellen, 21 anos).

As falas das entrevistadas são carregadas de dor e frustração por compreender que a gordofobia a qual elas foram e/ou são expostas é comum e aceitável socialmente. A repetição dos discursos sobre inadequação da pessoa gorda na sociedade parece contribuir para que essas mulheres sejam suprimidas no cotidiano (Arruda, 2021). Essa supressão ocorre de diversas formas, entre elas, a do próprio existir, da liberdade de ser o que se é e a do direito em participar. A marcante fala de Fabiana lança luz para o caráter quase que legítimo do sofrimento pela gordofobia, e que só acabaria quando a pessoa emagrecesse.

Agnes Arruda (2021) tece em seu livro “*O peso e a Mídia: as faces da gordofobia*” algumas considerações sobre como a existência da pessoa gorda é tolhida no cotidiano, nos relacionamentos, na moda, nos serviços públicos, no trabalho e entre outros. Compreendemos que para que seja possível enfrentar essa supressão no contexto trabalhista é preciso primeiro reconhecer do que se trata este fenômeno, dar nome à violência, às marcas e ao sofrimento que ele gera, abandonar a noção de que existem pessoas e corpos inadequados. Nesse sentido, argumentamos que o ambiente de trabalho é mais um dos campos possíveis para a reprodução da gordofobia e invisibilização do sofrimento repercutido, sendo urgente e necessária esta discussão para favorecer estratégias de enfrentamento.

"E QUEM DISSE A VOCÊ QUE EU TÔ SEM ENERGIA?" (MARI, 32 ANOS) - GORDOFOBIA NO TRABALHO

No tópico anterior discutimos sobre a gordofobia no cotidiano, um caminho necessário para que chegássemos a este momento, em que trataremos sobre a gordofobia no trabalho. As perguntas norteadoras foram construídas a fim de saber se as entrevistadas já haviam presenciado situações em que sua capacidade profissional foi questionada por conta do formato do seu corpo, se já se sentiram desconfortáveis ou desencorajadas por conta de situações que envolvessem questões sobre seu peso. Em alguns momentos, observamos a dificuldade que elas encontraram para compreender que passaram por situações de gordofobia, contudo, ao decorrer das entrevistas, algumas participantes evidenciaram a importância da pesquisa para lhes fazer refletir sobre suas vivências. Os discursos produzidos durante a pesquisa permitiram dar visibilidade às diferentes formas que a gordofobia acontece na vida dessas mulheres.

Os relatos foram diversos e entre eles estão as histórias da entrevistada Mari, que, no seu ambiente de trabalho, foi questionada sucessivas vezes por seu chefe quanto a sua energia para dar conta das demandas no escritório. Em um comentário justificado na preocupação com o desempenho no trabalho, podemos analisar a associação entre ser gorda e não ter capacidade para desempenhar sua função de modo satisfatório. Ela conta:

Ele dizia que por eu ser gorda eu não tinha energia [...]. Aí ele dizia pra mim "tu num pensa em malhar de manhã cedo, não? Pra chegar aqui com mais energia, não?" Eu dizia "e quem disse a você que eu tô sem energia?" Aí ele: "não, eu não tô dizendo que você não tá não... é só assim, pra você chegar com mais energia". Assim... mas a gente via, sabe? Que era preconceito... Teve várias situações dessas, não foi uma ou outra só não, várias nos três meses (Mari, 32 anos).



Identificamos ainda o relato da entrevistada Fabiana, que quando reclama de dores no corpo em seu trabalho, recebe a indagação sobre quantos quilos ela está pesando. Dessa vez de modo direto, o comentário está associado às questões de saúde, em que a gordura do corpo é associada à causa de dores, desconfortos ou doenças. É um comentário generalista, vindo de uma visão limitadora sobre saúde-doença, e que gera sofrimento pois associa a pessoa gorda a alguém doente e que precisa emagrecer para que seus problemas sejam resolvidos. É possível notar que a vigilância sobre o corpo chega antes da real preocupação com quem o veste, e invisibiliza o sofrimento da pessoa gorda diante de falas problemáticas que costumam ter impactos negativos. Além disso, a participante também relata sobre a percepção que as pessoas têm de quem é gorda, relacionando-as à sujeira e desarrumação constante:

Assim, minha mãe é minha chefe né... e eu acho ela um pouco gordofóbica. E as vezes eu sinto dores nas costas por carregar o peso, dor nas pernas por passar muito tempo sentada, e ela acaba associando isso com meu peso. Toda vez que eu faço um comentário assim "ah, minha coluna tá doendo", ela pergunta quantos quilos eu tô pesando. Isso antes me abalava muito, me abala ainda... mas não tanto, né. [...] parece que as pessoas têm um pouco de... nojo. Elas olham pra pessoa gorda, tipo eu, com um certo nojo quando vêm aqui (no local em que trabalha). Então minha mãe sempre diz pra eu tá limpa, pra eu tá perfumada, porque as pessoas já têm essa cabeça, né... que pessoas gordas são sujas, que elas não têm higiene. E aí ela sempre me disse pra eu ficar arrumada e tal, pra eu poder trabalhar (Fabiana, 28 anos).

Essas descabidas sugestões e perguntas feitas pelos chefes das entrevistadas podem nos auxiliar a lançar o olhar para como os estereótipos sobre a pessoa gorda se mantêm na sociedade, e como na relação trabalhista deveriam ser considerados assédio moral. Por assédio moral no trabalho, compreendemos enquanto "repetidos e frequentes ações, palavras, escritos, gestos, comportamentos,



expressões, dirigidas a um ou mais indivíduos, de forma consciente ou inconsciente, que tem por objetivo humilhar, constranger, ofender o alvo" (Nunes; Tolfo; Espinosa, 2018, p. 207). Logo, sendo intencionais ou não, estando justificadas no discurso de preocupação com a saúde ou melhor rendimento ou não, o ambiente laboral não deve ter espaço para comentários constrangedores e ofensivos, e esse tipo de conduta deve ser configurado enquanto assédio moral no trabalho.

Os autores Rafael da Silva Mattos e Madel Therezinha Luz (2009) apontam que em 2005 foi realizado nos Estados Unidos um estudo por Deborah Carr e Michael Friedman, com objetivo de perceber a frequência de relatos de discriminação no cotidiano. Para a pesquisa, foram contatadas mais de 3 mil pessoas adultas em diferentes condições em relação aos índices de massa corporal, e os resultados mostraram que a maioria das pessoas obesas relataram sofrer com a discriminação, considerando-se estigmatizadas. Esses resultados dialogam com o discurso da entrevistada Mari: "a gente via, sabe? Que era preconceito... teve várias situações dessas, não foi uma ou outra só não, várias nos três meses" (Mari, 32 anos), onde ela afirma que presenciou frequentes comentários em relação à sua energia para trabalhar, e que conseguia perceber a gordofobia carregada nas falas de seu chefe.

A participante Fabiana comenta também sobre as dificuldades de enfrentar a gordofobia no trabalho, quando ela afirma que "às vezes é uma situação que vem de cima pra baixo, às vezes é uma pessoa que tem um cargo maior que o seu falando isso... Como é que você vai responder a uma coisa dessas?" (Fabiana, 28 anos). A fragilidade das relações trabalhistas, ausência de mecanismos punitivos para situações violentas e inexistência do diálogo nos ambientes de trabalho contribuem para que situações de gordofobia continuem acontecendo. Demonstrar o desconforto diante de comentários ou situações constrangedoras não parece ser uma opção diante do medo de perder o emprego ou sofrer consequências, e por isso as vítimas podem preferir o silêncio.



Outra questão observada nos relatos das entrevistadas é que o modo como seus corpos eram julgados no ambiente de trabalho, as fizeram se sentirem desqualificadas para as atividades laborais. Essa percepção sobre inaptidão ou desqualificação das mulheres gordas para o trabalho pode ser encontrada também na literatura, quando estudos mostram que mulheres gordas tendem a receber um menor salário (Teixeira, 2016), bem como estarem mais propensas ao desemprego (Piñeyro, 2016 *apud* Paim, 2019).

Foi possível identificar nos discursos das entrevistadas que as consequências da gordofobia no trabalho vão da tristeza à sensação de incapacidade, chegando até mesmo a desencorajá-las a ir em busca de diferentes oportunidades no campo trabalhista. A entrevistada Fabiana relata que o fato de ter sofrido gordofobia na sua trajetória de vida contribuiu para que ela deixasse de concorrer a algumas vagas de emprego por ter sua autoestima prejudicada, nas suas palavras: "eu deixo de fazer algumas entrevistas de emprego, de tentar alguma vaga de emprego, porque minha autoestima é abalada" (Fabiana, 28 anos). Caso semelhante é trazido na fala de Ellen, onde ela relata ter se sentido desestimulada por algum tempo a concorrer a vagas na sua área de atuação por ter sofrido gordofobia em um contexto de entrevista de emprego:

Foi pra uma entrevista de emprego de um colégio que eu não passei. Eu fui questionada pela coordenadora se eu iria aguentar o pique da escola, por conta do meu peso. E eu nunca, desde que eu comecei a trabalhar, eu nunca me mostrei menos eficiente, eu nunca procurei me mostrar menos eficiente por conta do meu peso ou de qualquer outro agravante, ou algo que seja considerado agravante, sabe? Mas foi uma situação bem complicada, tanto que depois disso eu parei de mandar meu currículo durante um bom tempo pra outras escolas (Ellen, 21 anos).

Para além desse desestímulo na busca de diferentes oportunidades de emprego, percebemos também os danos que a gordofobia trouxe às relações dentro do trabalho, como traz a participante Mari:



Você tá num ambiente assim diariamente com uma pessoa que tá soltando gracinha todos os dias, realmente mexe, afeta um pouco. Eu não ia satisfeita pra lá, não vou dizer pra você que eu ia satisfeita, porque eu não ia. Eu passei três meses indo pra lá insatisfeita (Mari, 32 anos).

A entrevistada relata a insatisfação em ocupar aquele ambiente de trabalho, que por persistentes ofensas por parte de seu chefe, foi se tornando cada vez menos satisfatório. Segundo Mirlene María Matias Siqueira (2008), a satisfação laboral é compreendida enquanto um resultado dos vínculos que as pessoas podem construir com o trabalho, e nesta construção questões importantes aparecem, como os relacionamentos com as figuras de chefia e entre os pares. Na história de Mari, o autor dos comentários era o seu chefe, e ela afirma que a relação desrespeitosa foi cada vez mais lhe desestimulando e contribuindo para sua insatisfação com o trabalho. A manutenção das violências sobre o corpo de mulheres gordas é acompanhada pela culpa e o constrangimento, e quando são frequentes no contexto do trabalho, pode ser considerada um fator que contribui para a insatisfação laboral e influencia negativamente a autoestima e a carreira profissional.

Dessa forma, cabe destacar que a gordofobia no ambiente profissional pode impactar negativamente a autoestima de mulheres e afetar a qualidade dos vínculos, que são aspectos importantes na construção da satisfação no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos objetivos propostos neste estudo, foi possível identificar que a gordofobia é uma violência também vivenciada no contexto trabalhista, mas que para enfrentá-la é necessário que este fenômeno seja amplamente compreendido como violência, pois em



alguns casos ela é disfarçada de cuidado, principalmente com uso de discursos biomédicos. Nas entrevistas foi possível identificar como a gordofobia marcou as histórias dessas mulheres desde muito novas, e como as causou sofrimento diante de falas preconceituosas que as colocava num local inadequado. As violências se estendem para o campo do trabalho e podem ser consideradas um fator determinante para a insatisfação laboral.

Dessa forma, ressaltamos a importância de ampliar os debates sobre obesidade a partir de diferentes perspectivas que não sejam somente a biomédica, lançando o olhar para o comportamento das relações sociais fundamentado no preconceito contra pessoas consideradas gordas. Esperamos que o presente estudo possa contribuir com a visibilização do fenômeno gordofobia no trabalho para que seja possível problematizar e quem sabe legislar sobre situações de violências trabalhistas, contribuindo para a promoção de saúde e satisfação no trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. **O peso e a mídia:** as faces da gordofobia. São Paulo: Alameda, 2021.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.** Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 9 ago. 1943.
- ESTEVÃO-REZENDE, Y. A.; NASCIMENTO, S. C.; ALVES, K. S. "Você não tem o perfil dessa vaga": padrões de beleza, gênero e relações de trabalho. **CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 27, 2018.
- JIMENEZ, M. L. J. **Lute como uma gorda:** gordofobia, resistências e ativismos. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea), Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá, 2020.
- MATTOS, R. S; LUZ, M. T. Sobre vivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 489–507, 2009.

NUNES, T. S.; TOLFO, S. R.; ESPINOSA, L. M. C. Assédio Moral no Trabalho: A Compreensão dos Trabalhadores sobre a Violência. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 9, n. 2, p. 205-219, 2018.

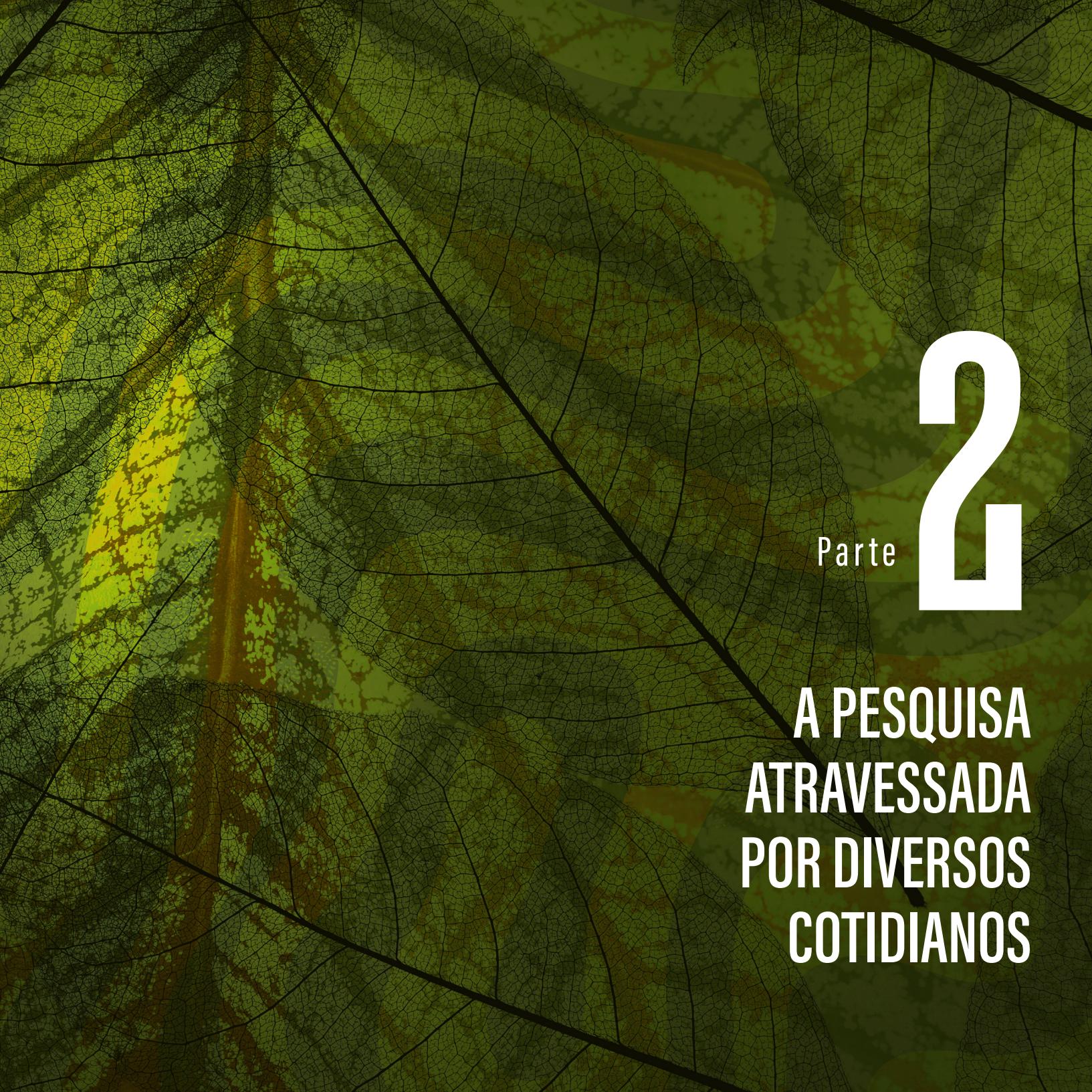
PAIM, M. B. Os corpos gordos merecem ser vividos. [Resenha do livro: *Stop Gordofobia y las panzas subversas*, de PIÑEYRO, M. Málaga: Zambra y Baladre] **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, 2019.

SÁNCHEZ, G. Q. Gordofobia: existencia de un cuerpo negado. Análisis de las implicaciones subjetivas del cuerpo gordo en la sociedad moderna. **Revista Latinoamericana de Derechos Humanos**, v. 32, n. 1, 2021.

SIQUEIRA, M. M. M. Satisfação no trabalho. In: SIQUEIRA, M. M. M. (Org.). **Medidas do comportamento organizacional**: ferramentas de diagnóstico e de gestão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (Org.), **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2013.

TEIXEIRA, A. D. **Maior o peso, menor o salário? O impacto da obesidade no mercado de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Ciências), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

The background of the entire image is a close-up photograph of a green leaf with a complex network of black veins. The lighting highlights the texture of the leaf's surface.

Parte

2

A PESQUISA
ATRAVESSADA
POR DIVERSOS
COTIDIANOS



6

Maria Isabel Cavalcante Almeida

Jorge Edielson Costa Gueiros

Maria Eduarda Sobral F. Sá Barreto

Hémerson Carlos Dovoezem Costa

Jullyane Chagas Barboza Brasilino

O COTIDIANO ENTRE NORMAS E RESISTÊNCIAS:

SUBJETIVIDADES DE GÊNERO
E SEXUALIDADE SOB OLHARES
CONSTRUCIONISTAS

INTRODUÇÃO



Este capítulo explora a intersecção entre a psicologia social, o construcionismo social, as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano, com foco particular nas relações de gênero, sexualidade e nos fazeres que foram construídos com essas lentes em três projetos de Iniciação Científica e um Trabalho de Conclusão de Curso, aqui abordados. Sendo assim, as produções realizadas abrangem debates sobre gênero, sexualidade, adolescentes e questões mais amplas relacionadas à saúde; gênero em interface com a saúde mental; e questões ligadas às temáticas de gênero e sexualidade, ampliando a discussão para o papel de interesses particulares do indivíduo, como divas *pop*, em seus processos de subjetivação. Desse modo, as investigações dos estudos aqui apresentados incluem abordagens específicas sobre masculinidades, cidades interioranas, áreas rurais, música *pop*, viudez e processos de luto. Estando todas elas ligadas à temática de “gênero” como abordagem central.

Posto isso, a caráter de contextualização, levou-se em consideração que a psicologia social foca nas pessoas e nas influências sociais que são específicas, examinando também os grupos e instituições aos quais as pessoas são pertencentes. Esse campo reflete sobre como as identidades sociais são formadas e reproduzem padrões considerados “naturais e universais” de comportamento social, o que está diretamente ligado às relações de poder e dominação (Lane, 2006). Enquanto isso, o construcionismo social e sua incorporação fundamental neste estudo ofereceram uma oportunidade para analisar as convenções sociais, entendendo-as como “regras socialmente construídas e historicamente localizadas” (Spink, 2013, p. 15).

Essas perspectivas, em especial o construcionismo, questionam a visão essencialista do indivíduo, argumentando que o sujeito é formado por meio das trocas discursivas que ocorrem no cotidiano.



De maneira que nos faz recorrer às práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano que implica na análise dos aspectos performativos da linguagem, bem como suas condições de produção. Dá-se, então, ênfase à relevância das vozes e das construções do senso comum que emergem no dia a dia, pois elas impulsionam a produção de significados. Dessa forma, reconhecendo que as conversas têm um papel ativo na construção do conhecimento (Batista; Bernardes; Menegon, 2014).

Sendo assim, ao estender as abordagens nas considerações sobre questões de gênero e sexualidade, observamos como essas relações são construídas e reproduzidas nas práticas sociais. De modo que os conceitos de sexualidade e gênero, conforme propostos por Butler (2018), não estão sujeitos a uma essência normativa, fixa e imutável. Levando isso em consideração, mas pensando em esmiuçar possíveis significados que são importantes às nossas produções, elucidamos que a sexualidade pode vir a ser entendida como comportamentos, relações e identidades; enquanto o gênero vai além da dicotomia entre o masculino e o feminino, se concebendo como “relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primordial de compreender significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Integrando esses conceitos às experiências vividas no cotidiano, busca-se analisar a contribuição das vivências e experiências cotidianas em pesquisas científicas para a construção do social. A vista disso, pretende-se dar voz às compreensões não findadas das dinâmicas de poder envolvidas nessas questões sociais e suas implicações para a subjetividade e as relações sociais – inclusive nossas – nas quais normas e resistências se encontram e reconfiguram. De maneira que este capítulo é relevante pois contribui para ampliar a compreensão do papel dos pesquisadores na construção do social, indo além de uma visão tradicional da ciência. Ele propõe uma reflexão crítica sobre a produção científica, evidenciando como as interações cotidianas no campo de pesquisa não apenas influenciam os resultados, mas também participam da cocriação do tecido social.

METODOLOGIA

Dos quatro estudos aqui discutidos, dois deles estão ligados ao projeto guarda-chuva intitulado “Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis”, que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco – CEP/UPE e aprovado com CAAE: 73164323.0.0000.0128, parecer: 6.454.374. O terceiro refere-se ao projeto “Sentidos construídos sobre luto pelas mulheres estudantes da faculdade 50+ do SESC Garanhuns: um olhar a partir da saúde mental”, sob o CAAE: 68058322.7.0000.0128 e parecer: 6.386.796. O quarto estudo se trata de um Trabalho de Conclusão de Curso, e a pesquisa também foi aprovada pelo CEP/UPE, sob o CAAE: 73129923.9.0000.0128, parecer: 6.386.759. Além disso, todos os integrantes do presente texto participaram do Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidades – NUEGES, projeto de extensão que faz parte do Laboratório em Ações Coletivas e Saúde da Universidade de Pernambuco – LACS/UPE.

Após a aprovação de todos os estudos pelo CEP/UPE, houve também, em cada uma das pesquisas, a construção de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, quando os participantes eram menores de idade, Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Outrossim, também foi elaborado o Termo de Uso de Mídias, que garantia a utilização de dispositivos gravadores de som e/ou imagem. A construção de dados teve início apenas após a leitura dos termos por parte dos participantes ou responsáveis (quando necessário), o esclarecimento de dúvidas e a assinatura em duas vias de igual teor.

Por se tratar de pesquisas qualitativas, a proposta teórico-metodológica deste estudo está baseada na abordagem construcionista em psicologia social, na qual tem buscado estudar as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano. Assim, se debruça na investigação dos modos como as pessoas explicam, descrevem



e veem o mundo no qual vivem (Spink, 2010). As pesquisas de base construcionista, aqui apresentadas, resultam “numa socialização do conhecimento que passa a ser algo que construímos juntos por meio de nossas práticas sociais e não algo que apreende do mundo” (Spink, 2010, p. 9).

A psicologia social, como área de investigação, enfrenta o desafio de validar a observação cotidiana como uma abordagem científica. Convencer a comunidade acadêmica e o público em geral da legitimidade de sentar-se em cafés, caminhar pelas ruas e dialogar com pessoas como formas válidas de pesquisa e produção científica requer uma discussão contínua sobre a importância e o rigor dessas técnicas. Esse debate é essencial para garantir a excelência e a confiabilidade dos estudos em psicologia social, sobretudo em pesquisas qualitativas que se fundamentam em vivências e interpretações subjetivas (Spink, 2008).

A partir de uma postura reflexiva e colaborativa, é possível fortalecer a psicologia social como um campo de conhecimento robusto e significativo para a compreensão das vivências humanas em diversos contextos sociais. Sendo assim, alguns procedimentos metodológicos foram usados para garantir a fidedignidade e rigor científico das vivências compartilhadas pelos participantes das pesquisas. Dessa forma, a partir deste ponto, iremos nos debruçar sobre os instrumentos e procedimentos específicos de cada estudo.

Posto isso, as informações de três das quatro pesquisas foram registradas em diário de campo. Dessa forma, além do detalhamento que permite fornecer uma base de dados para a pesquisa, também provoca reflexão do próprio fazer da pesquisa, promove *insights* e a identificação das afetações a partir da vivência, à medida que o passo a passo da pesquisa é sistematizado (Cardona; Cordeiro; Brasilino, 2014).



Outrossim, foram usadas técnicas de rodas de conversa, que, conforme aponta Pinheiro (2020), é uma estratégia pedagógica que consolida tanto a transmissão de assuntos educativos quanto a organização sistemática de informações. Assim, a referida metodologia se caracteriza por uma dinâmica que promove a construção coletiva de saberes e incentiva uma flexibilidade nos modos de compartilhar experiências e conhecimentos. Tal estrutura abrange desde a formação de círculos, nos quais a conversa ocorre em resposta a uma provocação temática, até à valorização da participação ativa e do protagonismo de cada pessoa envolvida.

Para as pesquisas que aconteceram fora do ambiente escolar, foram realizadas entrevistas individuais. Estas aconteceram tanto no formato presencial, no modelo de entrevistas narrativas, quanto no formato *online*, a partir de entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas individuais realizadas presencialmente, aconteceram no território pesquisado, em um lugar reservado que garantisse o sigilo das voluntárias participantes da pesquisa. Como estratégia metodológica a ser utilizada para seleção das participantes, fez-se uso da conhecida como 'bola de neve'. Vinuto (2014) aponta que esse processo se inicia com informantes-chaves, denominados *sementes*, que visam como intuito localizar pessoas com perfil que se adeque à proposta da pesquisa, assim as sementes passam ao pesquisador contatos iniciais e as indicações vão ocorrendo sucessivamente. Assim, uma participante foi indicando outra de acordo com o perfil solicitado, diante da temática relacionada.

Ademais, também utilizou-se da técnica entrevista narrativa. Esta diferencia-se de outros modelos pois neste a pesquisadora não formula perguntas preestabelecidas, mas apresenta às entrevistadas uma questão geral sobre o tema de investigação que encoraje uma narração espontânea e não previamente elaborada (Ravagnoli, 2018). É caracterizada como instrumento não estruturado que lança olhar sobre a profundidade de questões específicas, diante das quais



emergem histórias de vida da pessoa entrevistada e das entrecruzadas no contexto situacional (Muylaert *et al.*, 2014). Os mesmos autores destacam que:

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (Muylaert *et al.*, 2014, p. 194).

Sendo assim, utilizar da entrevista narrativa como instrumento de pesquisa em psicologia social, viabiliza a aproximação espontânea com o outro, visto que não há nada estruturado, o que poderia automatizar o diálogo que acontece em formato presencial, dessensibilizando-o diante de uma temática delicada. Além disso, favorece o surgimento de afetos, trocas, acolhimento e construção científica conjunta. Tudo isso a partir da escuta das vivências de participantes que, frente à narração de sua própria história e da disponibilidade ética de uma escuta atenta, podem apresentar seus discursos como um desabafo.

Já se tratando das entrevistas *online*, inicialmente, a fim de divulgar a pesquisa e alcançar o público-alvo, foram realizadas postagens em redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp* e também se fez uso da técnica bola de neve. Os encontros aconteceram na plataforma *Google Meet*, no formato supracitado de entrevista estruturada, em horários previamente agendados entre o pesquisador e os entrevistados. A partir da autorização dos participantes por meio de um Termo de Cessão de Direito de Uso de Voz/Imagem, todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo para posterior transcrição. Após a explanação ora feita sobre as diferentes estratégias

metodológicas utilizadas, passaremos a seguir para a apresentação da análise e discussões a partir dos materiais (co)produzidos junto aos diferentes participantes do estudo.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

A presente análise de resultados parte de recortes produzidos nessas quatro investigações articuladas. Todas as pesquisas adotaram como eixo comum a análise dos aspectos sociais das relações de gênero, a partir das contribuições da psicologia social. A seguir, serão apresentados subtópicos que visam elucidar como se deu cada uma dessas investigações, destacando os contextos, principais interlocutores e os sentidos (co)produzidos sobre as referentes temáticas. Essas análises permitem compreender como o social é (co)construído nas relações, práticas e discursos que atravessam os diferentes espaços investigados.

NARRATIVAS (CO)PRODUZIDAS SOBRE MASCULINIDADES E SAÚDE: ADOLESCÊNCIAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO AGreste PERNAMBUCANO

A pesquisa intitulada *Narrativas (co)produzidas sobre masculinidades e saúde: adolescências em uma escola estadual do Agreste Pernambucano* está vinculada ao terceiro objetivo específico do projeto guarda-chuva “*Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis*”, que busca identificar os sentidos sobre masculinidades produzidos pelos adolescentes. Com base na psicologia social e no construcionismo social, esta pesquisa se propôs analisar os sentidos sobre masculinidades que circulam entre os adolescentes estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual



do Agreste Pernambucano, como estes (re)produzem suas vivências em torno do que é ser homem, especialmente no que tange às práticas de saúde, ao corpo e à expressão emocional. A partir da escuta e da análise das narrativas emergidas nas rodas de conversa, o estudo problematizou os efeitos das normas de gênero e as possibilidades de ruptura com modelos hegemônicos, apontando para a pluralidade de sentidos que atravessam o cotidiano escolar.

A abordagem da (co)produção de sentidos sobre masculinidades nesta pesquisa se ancora na compreensão de que o sentido é (co)construído nas interações sociais mediadas pela linguagem, conforme apontam Spink e Medrado (2013). Para os autores, a produção de sentidos é uma prática sociolinguística que emerge do cotidiano e dos repertórios discursivos que circulam socialmente. Nesse sentido, as falas dos adolescentes nas rodas de conversa são compreendidas como formas de produzir e repensar sentidos sobre o que é esperado do que é ser homem, a partir de suas vivências e narrativas. Tais construções não ocorrem de maneira neutra, mas refletem disputas simbólicas entre a (re)produção de modelos hegemônicos e a emergência de ressignificações possíveis. Trazemos a seguir um recorte das reflexões produzidas a partir da primeira roda de conversa.

No início do encontro com os adolescentes, aconteceu um momento de apresentação deles e foi sugerida a seguinte técnica:

Jorge: Então, gente! Neste momento, todo mundo colocou aí o seu nome, né? Eu gostaria que vocês se apresentassem, né? Todo mundo colocou seu nome, então de forma aleatória, não precisa necessariamente a gente seguir o círculo horário ou anti-horário, mas que a gente possa dizer o nome e responder a pergunta que é: O que é que homem/menino/adolescente não pode fazer? Você apresenta seu nome, certo? Você apresenta seu nome, me chamo, por exemplo, Jorge e diz o que é que menino/homem não pode fazer?



Belzinhã: Aí fala claro!
Jorge: Um de cada vez! rsrs
Henrique: O que um homem não pode usar/fazer?
Jorge: Fazer/Usar. O que ele não pode
fazer perante sociedade?
Henrique: Usar maquiagem
Jorge: Como é teu nome?
Henrique: Henrique
Jorge: Henrique - homem não pode usar maquiagem

De acordo com Connell e Pearse (2015) é denominada "estrutura" a difusão da manutenção de padrões nas relações sociais, e o gênero é compreendido nesse contexto como uma estrutura social. A fala de Henrique deixa explícito o que essas autoras chamam de arranjos sociais, pois são nas atividades do dia a dia que esse padrão se manifesta. Portanto, o gênero e suas diferenças não são "[...] uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano" (Connell; Pearse, 2015, p. 47).

Assim, o homem usar maquiagem é visto por Henrique como algo que não pode ser realizado, pois as relações de gênero são ligações específicas com os corpos e como estes devem se portar perante a sociedade na qual estão inseridos. No decorrer da conversa, o assunto de homem não usar maquiagem voltou a ser tema:

Eric: pegando um pouquinho da fala de Amón, esse negócio de usar maquiagem eu acho que é construído da sua criação, dentro de casa, da sua família. Exemplo, minha família é muito tradicional, então eles não aceitam que o homem use brinco, que homem faça tatuagem, que o homem não faça nada desse tipo de coisa. Tem que ser aquele homem padrão, assim, que eu acho até uma forma meio machista, que a mulher não saia para trabalhar, que a mulher tem que ficar em casa fazendo as coisas, e eles (homens) sustenta aquilo, que essa seja a estrutura, é isso.

Henrique: Eu acho que acho que todo mundo aqui, já deve ter visto pelo menos uma vez em casa, que tipo homem tem que trabalhar e a mulher fica em casa fazendo as coisas, pelo menos uma vez na vida.



Aqui, é possível vermos o termo "homem padrão" surgir, seguido da palavra "estrutura" e Henrique ratifica a fala de Eric apontando que pelo menos uma vez na casa de cada um foram vistos repertórios semelhantes, que homem precisa sair para trabalhar, sustentar a casa e a mulher fica em casa cuidando dos afazeres domésticos. No que diz respeito aos papéis de gênero e as nuances do que um homem pode ou não fazer, trazemos o seguinte trecho da roda de conversa:

Belzinhã: vocês já pensaram sobre isso que foi falado? O que que vocês acham do que foi falado aqui?

Amón: Bom, eu já pensei só que assim faz bastante tempo. É como se fossem, digamos assim, regras que você aprende para viver em sociedade que você aprende desde o começo, então assim, normalmente lá pra sua infância, você já vai meio que aprendendo isso. Aí algumas partes, tipo, que o homem não deve usar maquiagem é mais algo construído pela sociedade numa forma que, vamos dizer, assim num preconceitozinho. Mas tipo, você pode ou continuar com isso ou tirar isso. Mas normalmente, isso já vai aparecer logo na infância.

E noutro momento quando é questionado sobre o lugar que essas normas ocupam na sua vida:

Jorge: Quem mais? Você conseguem ver alguma associação sobre a questão da sexualidade com a vida de vocês? O que a sociedade exige de nós, tanto homens quanto adolescentes? Quanto meninos? O que é que a sociedade quer que sejamos em relação à nossa sexualidade?

Amón: Assim, eu consigo ver mas não veio de casa. Porque eu fui criado pela minha mãe sozinha, e tipo assim, ela sempre foi bem de boa e sempre trouxe esses tópicos quando eu era mais novo. Assim, nunca tive esse problema, por exemplo, a parte da maquiagem eu nunca me maquiei, mas por exemplo, a minha mãe deixava pintar minha mãe com base, só para tipo passar o tempo. Então, assim não sei eu acho que dentro, tipo, eu não vejo a influência, mas é da parte de fora, e aí às vezes, você tipo



assim, cai e segue por esse caminho por influência ou você só ignora. Eu consigo ver, mas não se teve foi muito pouco dentro de casa.

Com esses relatos, é possível identificar um rompimento com a norma na dinâmica de vida de Amón com sua mãe. A relação estabelecida com atividades ditas como femininas para uma criança do sexo masculino pode ser, por vezes, questionada pelos papéis de gênero preexistentes pela sociedade. O que Amón tensiona é justamente a possibilidade de viver sua masculinidade mesmo tendo uma criação que o permitia brincar com objetos considerados de meninas.

Segundo Cardoso (2023), "A masculinidade é a organização de uma prática referente à posição dos homens na organização das relações de gênero e, como tal, baseia-se em uma narrativa convencional. Aspectos culturais compõem essa narrativa agregando definições de conduta e dos sentimentos adequados para os homens" (Cardoso, 2023, p. 34). Sendo assim, essa narrativa convencional das práticas sociais que definem o que é ser homem orienta as experiências e discursos dos adolescentes, fato este que exprime como as normas culturais e sociais são incorporadas, reproduzidas e, por vezes, tensionadas em seus cotidianos. A presente pesquisa contribui para a compreensão dessas dinâmicas, a partir da complexidade da (co)construção das masculinidades no contexto escolar do Agreste Pernambucano.

QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DO CAMPO: SENTIDOS (CO)PRODUZIDOS POR ADOLESCENTES

Sendo assim, a respeito da pesquisa que carrega a nomeação do tópico – que faz parte do projeto guarda-chuva com outra iniciação científica, abordada no tópico anterior – destacamos uma rede intrincada de interseções que envolvem a psicologia social, relações



sociais, gênero e sexualidade no contexto das escolas rurais. Isso evidenciando nuances importantes que parecem estruturar as interações e identidades dos adolescentes, mas que aqui serão resumidas. O estudo buscou identificar os sentidos produzidos sobre as questões de gênero e sexualidade que atravessam estudantes de escolas públicas da zona rural do Agreste Pernambucano. Nele, foi percebido que em meio a normatividades sociais e estruturas de poder, ainda reforça-se padrões conservadores que encontram respaldo nas dinâmicas familiares e comunitárias, ao passo que a localização na ruralidade não foi trazida como uma questão aos participantes.

A análise das rodas de conversa na pesquisa permite observar, em detalhes, como os estudantes internalizam normas e valores sociais, muitas vezes reagindo com risos nervosos e piadas às tentativas de discutir conteúdos relacionados ao tema. À exemplo, trazemos o recorte a seguir e explicitamos que as falas entre colchetes foram as respostas gerais no grupo de participantes:

Isabel: Tão com vergonha é?

[risos]

Isabel: Vocês já falaram sobre isso na escola?

[não]

Jorge: E na casa de vocês, vocês falam sobre isso com os pais de vocês?

[não]

[risos]

[burburinhos]

Ao mesmo tempo, a ausência de diálogo sobre sexualidade nas escolas rurais promove o silenciamento e a manutenção de padrões de gênero tradicionais, que restringem a autonomia e a liberdade de expressão dos adolescentes. Essa omissão, conforme refletido por Spink (2013), não pode ser vista como um simples descoberto, mas como um mecanismo de controle que visa manter a ordem normativa e evitar qualquer forma de desvio em relação ao que é considerado “aceitável”. Essa estrutura de controle se manifesta na falta de conversas sérias sobre gênero e sexualidade entre



os próprios estudantes, que, mesmo em ambientes de amizade e confiança, relutam em abordar o tema de forma atual, preferindo tratar o assunto com ironia e evasão. À exemplo:

*Isabel: E aí nem em casa... e aí vocês falam com os amigos?
[é, alguns]
[risos]
[eu não falo com amigos]*

Jorge: Mas aí vocês conseguem falar com os amigos de vocês de forma séria ou vocês ficam tirando onda sobre o assunto?

*[é...]
[risos]
[é porque com amigo...]*

Além disso, também foi entendido que a família e a comunidade desempenham papéis centrais na formação desses sentidos, geralmente reforçando valores conservadores que sustentam a heteronormatividade e limitam a abertura para temas relacionados ao gênero e à sexualidade. As falas dos participantes da pesquisa indicam que, embora alguns reconheçam a importância de se discutir essas questões, há uma predominância do entendimento de que certos temas “não devem ser tratados na escola” ou “não são assuntos para a família”. Ademais, o “não lugar” da escola como espaço para o debate sobre sexualidade, sugerido pelas respostas dos estudantes, indica a dificuldade de inserir essas temáticas de forma crítica e reflexiva no ambiente escolar, conforme exposto por Louro (2000) e Silva (2020).

Outro ponto significativo abordado no estudo refere-se aos processos de subjetivação e às performances de gênero que os adolescentes manifestam e interpretam nas interações cotidianas. As práticas observadas na pesquisa mostram que adolescentes, especialmente os meninos, internalizam padrões de masculinidade que repelem projeções de afeto entre si, sendo estas lidas como fraquezas ou indicativas de homossexualidade. Para as meninas, há uma permissividade percebida de maior maneira quanto à expressão



de afetos, mas que, ainda assim, não escapa dos padrões de controle social que reforçam expectativas de feminilidade e emotionalidade. Pensando em expostos que relacionassem o dito aos sentidos colados, trazemos o seguinte trecho e explicamos que "PNI" diz respeito à "pessoa não identificada":

[conversa sobre gestos de carinho entre pessoas de mesmo gênero]

PNI: Ele falou, ele falou... "eu vou viajar, ai eu vou dar boa viagem e te dou um abraço, pronto." Mas a pessoa toda vez que vê dá um abraço...

[é]

[risos]

[burburinhos]

Isabel: Fica meio o que?

PNI: Fica meio estranho... Eu acho [...]

[risos]

Ainda nessa perspectiva:

[perguntando se já ocorreram brincadeiras que envolvessem afetos]

Jorge: Algum tipo de brincadeira porque você demonstrou algum tipo de carinho com um amigo seu, por exemplo.

[...]

Jorge: E vocês meninas?

[a mulher é mais normal!]

Outrossim, para a realização desta pesquisa, é essencial destacar que seu sucesso é resultado de um esforço contínuo e ao suporte mútuo entre os participantes, bem como de suas redes de apoio. No que diz respeito à escrita, um aspecto comumente subestimado na construção teórica é o uso de ferramentas tecnológicas acessíveis. Isso pois são necessários dispositivos tecnológicos adequados que permitam o uso de múltiplas abas simultâneas, sem interrupções inesperadas, e que funcionem por longos períodos sem necessidade constante de recarga. Embora essas características sejam consideradas essenciais, nem sempre estão disponíveis. Em razão disso,



muitas vezes, a exemplo, foram necessárias inúmeras horas de trabalho em computadores de biblioteca, priorizando essas atividades em detrimento da segurança pessoal ao retornar para casa.

Essa carência de equipamentos, além de atrasar e examinar o processo de trabalho, aponta para outro obstáculo enfrentado: a falta de bolsas de apoio. A insuficiência de recursos financeiros destinada a iniciativas de impacto social expõe o descompromisso com o ambiente universitário e com o valor das pesquisas. Esse cenário também evidencia a precarização do trabalho docente, agravada pelos frequentes cortes de investimento em pesquisa, infraestrutura e contratação, em favor de uma política neoliberal (Schlesener; Lima, 2021).

Ainda que tais discussões enfrentem resistências e desconfortos, elas possibilitam que os adolescentes tenham voz e contribuam para a construção de narrativas que desafiem as normas vigentes, proporcionando um espaço de reflexão e escuta que é fundamental para a transformação das percepções sobre a diversidade. De forma que essa prática de pesquisa, como indicado por Batista, Bernardes e Menegon (2014), é parte de uma construção coletiva que não só evidencia as influências culturais sobre os adolescentes, mas também os posicionamentos como agentes ativos na redefinição dos sentidos sobre suas identidades de gênero e orientações sexuais.

SENTIDOS CONSTRUÍDOS SOBRE LUTO PELAS MULHERES ESTUDANTES DA FACULDADE 50+ DO SESC GARANHUNS: UM OLHAR A PARTIR DA SAÚDE MENTAL

O título supracitado nomeia uma pesquisa de iniciação científica voltada a mulheres acima dos 50 anos, academicamente ativas que passaram pelo processo de luto advindo da morte do cônjuge. Objetivou-se com isso identificar e compreender quais os sentidos construídos sobre o luto, durante e após essa vivência para este público.



A relevância da realização desse estudo evidencia-se como um canal potente que proporciona a essas mulheres a apresentação de suas perspectivas diante do que já vivenciaram no processo de luto por meio de conversas (entrevistas narrativas), contribuindo com a investigação da temática acerca dos impactos à saúde mental de mulheres adultas com 50 anos ou mais. Buscou-se compreender se existiram e quais foram as dificuldades encontradas no processo de construção de novos sentidos durante e após esse processo de luto. Bem como perceber e identificar quais as estratégias às quais recorreram quando visavam um conforto durante esse momento doloroso, em interface com a discussão da saúde mental, mapeando quais os repertórios de luto e enlutamento que existem para essas mulheres.

Aqui, cabe destacar que o lugar da pesquisadora de iniciação científica, uma mulher jovem, universitária e pesquisadora, que não passou pelo processo de luto de uma viúvez, proporciona posicionamentos que reverberam diretamente no diálogo com essas mulheres. Tendo ciência disso, comprehende-se que elas passam a endereçar esses discursos de um outro modo. Se tivesse experienteado a mesma vivência delas, provavelmente iríamos coconstruir aprendizados e sentidos a partir da troca de experiências e possivelmente teríamos a coconstrução de outras narrativas.

O estudo realizado possibilitou constatar que, todas as mulheres entrevistadas passaram por um momento doloroso durante o processo de luto advindo do falecimento do cônjuge. Tal consideração permite identificar que os sentidos construídos sobre luto, entre pesquisadora e participantes, estão associados a fatores como a solidão e tristeza. Para Tôrres (2006) a perda do cônjuge gera um impacto muito grande, é uma das perdas mais estressantes, acarretando variadas reações, tais como: o desespero, a angústia, a hostilidade, depressão, raiva e tristeza. A mesma autora continua a afirmar ainda que com o processo de feminização da velhice, a viúvez atinge mais as mulheres por diversas razões. Como por exemplo,



a procura pelos serviços de saúde ser mais presente e entre elas, que entre os homens (Almeida *et al.*, 2015).

Foi possível ainda identificar a existência de aspectos positivos diante da vivência da viuvez, compreendidos a partir do discurso sobre a liberdade. Buaes (2007) afirma que a circunstância da viuvez pode conceder à mulher uma autonomia e poder de realização de experiências não vivenciadas anteriormente. Percebemos isto como a viabilidade de reconstrução de si diante da nova configuração da vida, da expansão do próprio mundo, a partir do resgate da realização de antigos desejos e busca por novas experiências.

Conseguimos compreender a existência de dificuldades encontradas no processo de construção de novos sentidos durante e após o luto, como por exemplo, os impasses com as documentações de cunho obituário, problemas voltados aos aspectos financeiros e a falta de uma companhia. Assim como percebemos e identificamos quais as estratégias às quais recorreram quando visavam um conforto durante esse processo doloroso, como as práticas de cunho religioso, trabalho não doméstico e socialização. O que se conecta com a discussão da saúde mental, à medida que estas atividades dão suporte e atuam como estratégias de enfrentamento e melhora da qualidade de vida diante das adversidades relacionadas ao processo de luto enfrentado por elas.

Segundo Inouye *et al.* (2018) a educação na velhice pode viabilizar conhecimentos que impulsoram a qualidade de vida a partir de pressupostos de interdisciplinaridade, participação social e promoção da saúde. Nesse sentido, destaca-se a potencialidade das atividades promovidas pelo Sesc (aqui abordado enquanto espaço de promoção de educação formal) na vida dessas mulheres, ao passo em que promovem benesses em suas vidas, como suporte durante o luto, comemorações e festividades, estímulo cognitivo e desmistificações acerca do processo de envelhecimento, impactando diretamente na manutenção da saúde mental.



Em consideração ao exposto, cabe evidenciar que foi percebida a necessidade de algumas delas de falar sobre isso, ao passo em que procuravam na pesquisadora essa escuta, mesmo já tendo passado muito tempo desde o momento da perda.

DO REFÚGIO AO PERTENCIMENTO: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE FÃS DE DIVAS POP NO INTERIOR DE PERNAMBUCO

A pesquisa aqui referida trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso realizado por um homem gay, jovem, e fã de divas pop, que teve como público-alvo homens gays do Agreste Pernambucano, e objetivou compreender se/como o fanatismo atravessa os processos de subjetivação de homens gays que se autodenominam fãs de Divas Pop. Sua pertinência para a psicologia social se deu pela forma como pretendeu pensar a figura do fã, de modo a perceber tanto a constituição desse indivíduo a partir da influência do ídolo, quanto os impactos dessa relação nas suas formas de expressão e repertórios de si, bem como em suas relações sociais.

Durante as conversas com os entrevistados, alguns pontos importantes foram discutidos, como a identificação e admiração que cada um sente pela sua Diva Pop de preferência, a implicação destas em movimentos sociais, as ressonâncias da relação fã-ídolo em suas vidas pessoais, entre outros. Após as análises, foi possível compreender que a orientação sexual e performance de gênero do homem gay que ocupa o lugar de fã estão diretamente ligadas ao consumo da música pop e artistas desse meio cultural.

Sobre isso, Monteiro (2018, p. 14) argumenta que "no caso da identidade gay contemporânea, parte do que é ser gay envolve a música e a cultura pop. Estética, política, arte e cultura por vezes trabalham em conjunto para compor lutas contra aquilo que tenta



nos empurrar de volta para o armário". Assim, também é válido destacar que a música *pop* cumpre um importante papel como um instrumento de lutas políticas e identitárias, seja quanto aos aspectos sociais presentes nos discursos politicamente implicados das Divas ou as várias formas de representação em suas obras, que incluem álbuns, *singles* e videoclipes, bem como os posicionamentos presentes em entrevistas ou *shows*.

Em se tratando mais especificamente dos processos de subjetivação, estes perpassam todas as práticas em que o homem está inserido, sendo ele o ator principal ou um espectador que sofre influências do meio externo que perpassam sua história pessoal e coletiva, bem como o meio cultural em que vive (Oliveira; Trindade, 2015). Portanto, o ato de acompanhar a vida e carreira de uma cantora *pop* pode gerar grandes acontecimentos na vida de um fã, como o (re)conhecimento de movimentos sociais ou pautas identitárias.

Quanto à performatividade do gênero, em um viés binário do que seria masculino ou feminino, pode-se perceber que pela aproximação com a cultura *pop*, mesmo que se identificando enquanto homens cisgênero, os fãs são enquadrados num viés de feminilidade. Contudo, Gonzatti e Machado (2018, p. 251) argumentam que "é na identificação com signos da ordem feminina que emergem relações com a cultura *pop* potentes para enfrentar a opressão". Dessa forma, as Divas também desempenham um importante papel no processo de aceitação dos fãs LGBTQIAPN+ para com suas sexualidades e servem, ainda, como referência para estes, que a partir disso se aproximam e se identificam ainda mais com seus ídolos (Riboli, 2018).

É ainda, a partir da identificação e consumo da música *pop*, que esta gera uma sensação de pertencimento ao fã, que ocupa um lugar de dissidência em determinados contextos sociais, como as cidades interioranas. Sobre isso, Soares (2015) pontua que:



As performances da música pop acionam um senso de pertencimento transnacional que se alinha à própria perspectiva que as indústrias da cultura operam: a de que há uma espécie de grande comunidade global que, a despeito dos aspectos locais e da valorização de questões regionais, aponta para normas distintivas e de valores que estão articuladas a ideias ligadas ao cosmopolitismo, à urbanização, à cultura noturna (Soares, 2015, p. 28).

Desse modo, a partir da manifestação cultural, a música pop proporciona o fortalecimento de vínculos entre os fãs que vivem no interior e torna-se um “espaço” seguro para pessoas com performances de gênero e sexualidade dissidentes. Como posto por Velasco (2010, p. 120), “mais do que identificação e projeção, a apropriação dos *popstars* pelos jovens é uma forma de construir suas identidades sociais, em oposição às identidades dadas pelas instituições tradicionais da sociedade, como a família, a escola, a igreja, o trabalho etc.”

Ademais, tem-se que para além da admiração, identificação e/ou inspiração pela artista, a subjetividade atribuída ao “ser fã” contribui, ainda, para que este tenha conhecimento de movimentos sociais e políticos a partir do consumo de sua Diva e da música pop de forma geral, configurando-se também enquanto sujeito político. Com isso, e a partir da socialização com outros fãs também imersos em um contexto social e geográfico permeado por dificuldades acerca de questões como a orientação sexual e performance de gênero, os *fandoms* de cantoras pop e o próprio consumo dessas músicas são um espaço cultural de refúgio, que gera a identificação entre os membros e o pertencimento de alguém que um dia já foi excluído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste capítulo, ressalta-se a importância das vivências cotidianas e práticas discursivas na (co)construção do social, conforme a abordagem do construcionismo social na psicologia social. Ao longo da análise, ficou evidente que a interação entre pesquisadores e participantes vai além de uma simples coleta de dados, é um processo de (co)criação do conhecimento e da realidade social, no qual as práticas discursivas na produção de sentidos no cotidiano desempenham papel central na formação de novas compreensões.

O uso de diferentes metodologias qualitativas, permitiu uma investigação profunda nas experiências dos assuntos pesquisados, garantindo que suas narrativas fossem cuidadosamente preservadas e evidenciadas. Estes métodos não apenas fortaleceram a validade científica dos estudos, mas também geraram reflexões críticas sobre o próprio fazer científico, desafiando as noções tradicionais de neutralidade e distanciamento do/a pesquisador/a. A psicologia social, ao legitimar a observação e as interações cotidianas como práticas de pesquisa, abre novas possibilidades para entender as relações em comunidade em contextos sociais diversos.

Assim, os resultados das pesquisas aqui discutidas oferecem outras possibilidades de olhar para as relações de gênero e a diversidade sexual, evidenciando como esses aspectos são negociados e reconstruídos no cotidiano de diversos espaços sociais. As análises permitem vislumbrar a complexidade das práticas discursivas que compõem os processos de subjetivação e relações sociais, fortalecendo a ideia de que o conhecimento é, de fato, uma construção coletiva.



Portanto, este capítulo contribui para a ampliação do campo da psicologia social, reafirmando a relevância das vivências cotidianas e das interações sociais na produção científica e na compreensão das dinâmicas sociais. As pesquisas aqui apresentadas evidenciam a complexidade das construções sociais atravessadas pelas normas de gênero, sexualidade, luto e cultura *pop*. A partir de metodologias qualitativas e de uma abordagem fundamentada na psicologia social e no construcionismo social, os estudos mostram como os sentidos atribuídos às experiências humanas são (co)construídos nas interações sociais, ilustrando tanto a reprodução quanto o tensionamento de modelos normativos. De forma geral, as investigações reafirmam a importância de escutar os sujeitos em sua pluralidade, contribuindo para a construção de saberes comprometidos com a transformação social e o reconhecimento da diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA *et al.* Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, 2015, p. 115-131.
- BATISTA, N. C. S.; BERNARDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, M. J.; BRIGAGÃO J.; NASCIMENTO, V.; CORDEIRO, M. (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- BUAES, C. S. O envelhecimento e a viuvez da mulher num contexto rural: algumas reflexões. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 103-114, 2007.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARDONA, M.; CORDEIRO, R; BRASILINO. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, M. J.; BRIGAGÃO, J.; NASCIMENTO, V.; CORDEIRO, M. (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social:** Compartilhando ferramentas, p. 123-148, 2014.

CARDOSO, J. K. S. **Produção de sentidos sobre masculinidades e saúde entre profissionais em saúde mental, no sertão de Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero uma perspectiva global:** Compreendendo o gênero-da esfera pessoal à política-no mundo contemporâneo. São Paulo: nVersos, 2015.

GONZATTI, C.; MACHADO, F. V. K. Notas sobre o espalhamento da criança viada na cultura pop digital brasileira. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, 2018.

INOUYE, K.; ORLANDI, F. S.; PAVARINI, S. C. L.; PEDRAZZANI, E. S. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos, p. 39).

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MONTEIRO, G. H. **Born to Vogue:** Uma análise sobre a identidade gay e a música pop em Madonna e Lady Gaga. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda). Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

OLIVEIRA, A. L.; TRINDADE, E. Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 30-38, 2015.

PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, 2020.

RAVAGNOLI, N. C. S. R. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Especialist**. São Paulo, v. 39, n. 3, 2018.

RIBOLI, M. **Relações Fãs-Artistas Através das Mídias Sociais e os Processos de Identificação na Cultura Pop:** Uma análise a partir da experiência dos fãs. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

SCHLESENER, A. H.; LIMA, M. F. Reflexões sobre a precarização do trabalho docente no Ensino Superior brasileiro. **Práxis educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-17, 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, V. P. V. **Relato de experiência:** Discutindo Gênero e Sexualidade em uma Escola do Campo. Monografia (Graduação em Inclusão – Diversidade na Educação), Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2020.

SOARES, T. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (Orgs.) **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

SPINK, M. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro. cap.1, p.1-17, 2010.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade, In: SPINK, M. J. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro, 2013, p. 71-99.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. Edição virtual, 2013.

SPINK, P. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008.

TÔRRES, E. M. **A Viúvez na Vida dos Idosos.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

VELASCO, T. Pop: em busca de um conceito. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 9, n. 17, 2010.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

7

*Heloisa Gabrielle Alves Pontes Silva Flayban
Suely Emilia de Barros Santos
Antônio Genaldo Fagundes de Miranda
Giselle Oliveira Santos
Ingrid Jessiane Vieira Lima
Thalita Analyane Bezerra de Albuquerque*

REVISÃO CRÍTICA DE LITERATURA:

**ACESSO ÀS POLÍTICAS DE AÇÕES
AFIRMATIVAS ÉTNICO-RACIAIS POR
JOVENS QUILOMBOLAS NO BRASIL**

EDUCAÇÃO COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA NEGRA



A luta pela visibilização e garantia de direitos dos povos quilombolas no Brasil remete a uma longa trajetória de resistência frente às marcas profundas deixadas pela escravização e pelo racismo estrutural. Aqui, daremos enfoque ao acesso a direitos fundamentais, em especial ao direito à educação, mas não compreendemos que este existe separado dos outros, como se fossem categorias isoladas. Nessa direção, esse capítulo se vincula ao projeto guarda-chuva “Entrelaces de saberes com os povos da terra”, e nasce da tessitura entre pesquisa, ensino e extensão universitária, num diálogo com ações extensionistas dos programas “Um Pé de Saúde” e “transVERgente”, realizadas em contextos rurais/do campo e urbanos que enfatizam o cuidado da saúde coexistindo com a ação ético-política, educacional, cultural e ambiental, e com componentes curriculares como: temas contemporâneos, psicologia e perspectivas fenomenológicas, intervenção grupal, psicologia, questões étnico-raciais e de gênero.

Diante disso, propõe-se a refletir sobre os desafios e possibilidades que se colocam no acesso às políticas de ações afirmativas étnico-raciais por parte do povo quilombola, com especial atenção à literatura disponível acerca da temática, a nível nacional. Para tanto, realizaremos uma revisão crítica de literatura, através de uma artesanaria literária (Santos; Santos, 2024). Trata-se de “um diálogo entre publicações científicas de artigos, dissertações e/ou teses oriundas de plataformas digitais, com outros modos de compartilhamentos de saberes e sabedorias que, a partir de um giro decolonial, passam a ocupar espaços nos estudos acadêmicos” (Bezerra; Santos; Santos, 2024, p. 54). Nessa direção, realizaremos uma composição coletiva, situada com as singularidades das experiências de povos quilombolas.



Os quilombolas sofrem com a dificuldade no acesso à saúde e à educação. De um lado, muitas comunidades não possuem escolas quilombolas, e de outro aquelas comunidades que possuem escolas situadas no território quilombola muitas vezes não consideram os contextos socioculturais, regionais e territoriais próprios das comunidades quilombolas e restringe-se ao ensino fundamental, levando crianças, adolescentes e jovens quilombolas para unidades educacionais localizadas fora de suas comunidades de origem. Assim, as escolas “estão longe das residências, o acesso é difícil, os meios de transporte são insuficientes e inadequados, e o currículo das escolas localizadas fora da comunidade muitas vezes está longe da realidade histórica e cultural destes alunos e alunas” (Brasil, 2020).

O desafio enfrentado pelas comunidades tradicionais evidencia a herança histórica e colonial que reverbera na estrutura social brasileira até os dias atuais: o racismo. Nessa direção, é possível compreender o racismo estrutural como fenômeno enraizado na organização socioeconômica do País, afetando especialmente os grupos étnico-raciais. Para Rodrigues e Breder (2023), o racismo estrutural é resultado dos processos coloniais que marcam a história do Brasil, uma herança que se manifesta cotidianamente por meio de relações raciais pautadas pela dimensão do poder.

A cantora Elza Soares, numa das suas canções sobre a celebração da identidade negra, entoa a resistência do povo preto e a luta vivida numa sociedade estruturada no racismo: “Nunca foi fácil e nunca será, para o povo preto do preconceito se libertar. Sempre foi luta, sempre foi porrada contra o racismo estrutural, barra pesada” (Negão Negra, 2020, 0 min 14 s).

A educação é um território de luta e resistência negra, como possibilidade de enfrentamento aos desafios vividos no contexto educacional. Esta realidade distancia daquilo que preconiza a Resolução CNE 08/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012a),



como uma pedagogia própria, materiais didáticos e paradidáticos específicos, particularidades étnico-racial e cultural, aproximando saberes da comunidade e curriculares, bem como se afasta da proposta de que a educação quilombola aconteça nas comunidades. Eis um grande desafio para a continuação da formação acadêmica tanto pelo deslocamento geográfico, quanto por ter que se inserir em um cotidiano educacional distante da realidade rural e cultural em que se está inserido.

Entre os anos de 1978 e 2000 surgem no Brasil o Movimento Negro Unificado (MNU) e posteriormente o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) com o propósito de lutar contra a opressão racial, a violência, a marginalização, o desemprego, sendo um marco fundamental na direção do fortalecimento do poder político do movimento negro (Domingues, 2007). Assim, nessa união o movimento toma a educação como área para uma ação na qual há a revisão de conteúdos preconceituosos nos livros didáticos, bem como uma investigação sobre os modos como a história da África estava inserida nas escolas em busca de um resgate das culturas ancestrais e das religiões de matriz africana.

Diante do cenário encontrado em 2000, o movimento negro comprehende a importância de implantar ações afirmativas no Brasil, crescendo as discussões sobre o direito à educação como via de acesso para o acontecer da igualdade racial. Assim, em 2003, cria-se a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2003), e se inicia uma lenta implantação da política afirmativa das cotas nas universidades.

Este caminho nos leva a ressaltar que o direito à igualdade no Brasil, no que diz respeito aos direitos políticos, sociais, econômicos e culturais, tem relação com a adoção de medidas que eliminem a exclusão étnico-racial (Piovesan, 2008). Desse modo, temos ainda um caminho a percorrer quando falamos de ações afirmativas em nosso país, demandadas pelo povo afrodescendente. No entanto,



destacamos a sua importância como ações ético-políticas de reparação de uma história, de uma cultura.

Apesar da Lei de Cotas estar prestes a completar 13 anos, as discussões em torno da sua sanção e prorrogação continuam dividindo opiniões e reiterando discursos racistas, violentos e de invisibilização no Brasil. As tentativas de desmonte e do fim da Lei de Cotas (Brasil, 2012b) são extensas e seguem sendo propostas através de projetos de lei, especificamente por parte de representantes filiados a partidos políticos num espectro que perpassa de centro-direita até a extrema direita, tecendo críticas, considerando a Lei como uma "discriminação positiva" ou conjunto de ações que privilegia pessoas através de "tratamento diferenciado" (Mirkhan, 2022).

Esse é um cenário que evidencia algumas facetas da marca da colonização no País, bem como sua manutenção, e que nos intriga e nos faz questionar: a quem interessa o fim da Lei de Cotas? Como se beneficiam as pessoas que defendem calorosamente a sua não prorrogação? Podemos compreender esses movimentos como desconhecimento, amoralidade, falta de sensibilidade, mau caratismo, ignorância, imoralidade ou mesmo perversidade? Esse contexto nos lembra a música "Reescreve" (2024), da cantora Céu:

Acorda! Te ergue! Transforma! Reescreve! Não precisa se culpar das aulas que tu dormiu, nem as que tu cabulou de história do Brasil. O que tava ali eu nunca fui de acreditar. Cada página que eu lia era mais sono pra me dar. Desde os povos que calaram, a brasa veio queimar. A verdade vem à tona, é muito pano pra manga! (Reescreve, 2024, 2 min 17 s).

Tendo em vista o crescimento exponencial do acesso à informação e aos meios de comunicação, é difícil acreditar que esses discursos se devam ao desconhecimento das implicações da promoção ao acesso de pessoas negras e pardas, bem como quilombolas e indígenas, aos direitos fundamentais, em especial à educação.



Nós, enquanto autoria deste capítulo, “não somos de acreditar” nas narrativas colonizadoras a respeito do contexto realçado. Concordamos que o fim da Lei de Cotas interessa às pessoas incomodadas em ver pessoas pretas e pardas acessando e ocupando lugares e espaços onde antes apenas as brancas tinham acesso. Mas quais outras possíveis “verdades virão à tona”? Na escrita de uma nova página na realidade brasileira, as ações afirmativas não seriam um caminho para viabilizar o rompimento do silêncio, um modo do povo negro se erguer?

Sobre a disparidade vivida no que tange o acesso ao direito básico constitucional à educação, Bia Ferreira (2018), em sua música sobre as ações afirmativas, reflete acerca das diversas dificuldades enfrentadas pelas populações marginalizadas quando provoca:

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Você vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola! (Cota Não é Esmola, 2018, 2 min 13 s).

Diante desse cenário, que tem “muito pano pra manga”, esse trabalho parte do reconhecimento das dificuldades que os povos quilombolas enfrentam no acesso qualificado à saúde e à educação, no reconhecimento territorial e na luta contra o racismo.

ROMPENDO O SILENCIO: JUVENTUDES QUILOMBOLAS E A URGÊNCIA DA INCLUSÃO

Para compor essa revisão crítica de literatura, foram realizados levantamentos nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Brasil). Fizemos um recorte temporal de janeiro/2013 a janeiro/2023, utilizando as seguintes temáticas de interesse: comunidade quilombola; políticas afirmativas; educação; saúde e juventude.

Nas plataformas SciELO e PEPSIC não foram encontradas produções científicas ligadas às temáticas de interesse. Na plataforma BVS Saúde, foram encontrados 12 (doze) artigos. No entanto, 2 (dois) não atendiam ao critério do recorte temporal citado acima, e nenhum deles relacionava-se diretamente com o tema. Na plataforma BD TD foram encontradas 27 (vinte e sete) dissertações, das quais apenas 4 (quatro) se encontravam dentro do recorte temporal estabelecido, e apresentavam discussões referentes à temática deste estudo, sendo estes, portanto, o material utilizado para construirmos uma compreensão acerca do acesso dos jovens quilombolas às políticas de ações afirmativas, a partir de estudos já existentes.

Diante desse panorama, podemos dizer que há uma ausência de artigos científicos e teses sobre ações afirmativas e comunidade quilombola, o que aponta para a relevância deste estudo. Nota-se que a discussão sobre as ações afirmativas para o ingresso da juventude quilombola nas universidades ainda se encontra reduzida.

As quatro pesquisas encontradas que fundamentaram este estudo foram dissertações de mestrado. Em 2018, dois dos referidos estudos foram publicados na plataforma BD TD, sendo estes



"O acesso de estudantes quilombolas no IFRN: análise da lei 12.711/2012", com autoria de Fabiana Teixeira Marcelino, e "Democratização do ensino superior: acesso e permanência de estudantes quilombolas na universidade federal do Recôncavo da Bahia", autorado por Tiara Santos Melo. Em 2019 mais duas pesquisas foram lançadas na BDTD, intituladas "Memórias e trajetórias formativas de jovens universitários da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins-TO", escrito por Elma Vital da Silva, e "A implementação da ação afirmativa de cotas étnico-raciais no IFPE: um olhar sobre a Comunidade Quilombola do Castainho", autoria de Edvânia Kehrle Bezerra.

ENTRE DIÁSPORAS E TRAVESSIAS: OS (DES)CAMINHOS DO PERTENCIMENTO QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO FORMAL

Diante deste levantamento, apresentaremos uma breve discussão acerca de cada trabalho encontrado. Iniciando por Marcelino (2018), que nos apresenta uma pesquisa de caráter qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas, objetivando analisar como tem se dado o ingresso de estudantes de comunidades quilombolas, excepcionalmente ao ensino médio integrado nos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Essa análise foi realizada a partir da Lei nº 12.711/2012, conhecida como a "Lei de Cotas" (Brasil, 2012b), a fim de identificar se sua implementação está de fato sendo efetivada. Para tanto, foi observado pela autora o cenário político brasileiro no período de implantação da supracitada Lei, e após sua pesquisa, nota-se que ainda há dificuldades a serem enfrentadas para que tal processo se torne isento de rejeições.

A Lei de Cotas foi sancionada durante o governo da ex-presidente da república, Dilma Rousseff, e dispõe sobre a reserva de 50% (cinquenta por cento) das vagas das universidades e institutos



federais para estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas, quilombolas, e de pessoas com deficiência, bem como estudantes procedentes de famílias com renda igual ou inferior a 1 (um) salário-mínimo per capita (Brasil, 2012b).

Embora a Lei de Cotas represente um marco histórico na democratização do acesso ao ensino técnico e superior, inicialmente ela não contemplava a complexidade das especificidades das comunidades quilombolas. O pertencimento racial, contemplado nas declarações de reconhecimento como “pretos e pardos”, ainda desconsiderava o vínculo territorial, cultural e as singularidades que constituíam os modos de vida quilombola. Nesse sentido, a política corria o risco de reproduzir silenciamentos e invisibilizações ao não reconhecer integralmente as dimensões coletivas e históricas que estruturaram as violações que afetam esses povos. No entanto, esse cenário foi mudado a partir da redação dada pela Lei nº 14.723/2023, (Brasil, 2023), que passou a mencionar os quilombolas.

Vale realçar que os autores do presente capítulo estão vinculados à UPE *campus* Garanhuns e à Universidade Federal do Agreste Pernambucano (UFAPE) *campus* Garanhuns, instituições que se encontram no Agreste Pernambucano. Nesse viés, a perspectiva desse trabalho está alinhada com o contexto de interiorização do ensino, bem como se insere numa cidade que está dentro dos quilombos Castainho, Estivas, Estrela, Timbó, Caluete e Tigre, o que nos leva a dialogar com Nego Bispo (Santos, 2015), que, em sua obra “Colonização, Quilombos: modos e significações”, reflete sobre a importância de reconhecer as especificidades culturais e territoriais das comunidades quilombolas na construção de políticas educacionais que respeitem e valorizem seus saberes e modos de vida.

Nessa perspectiva, também dialogamos com Marcelino (2018) quando ela diz que, no contexto do IFRN, mesmo com a interiorização dos *campi*, que poderia significar uma maior aproximação da instituição com as comunidades quilombolas, o número de estudantes



pertencentes a essas comunidades ainda é baixo e concentrado em poucos *campi*. A ausência de um sistema eficaz de identificação e registro do pertencimento quilombola dos estudantes, bem como a falta de políticas de permanência adequadas, contribuem para o apagamento dessas trajetórias nos registros institucionais e dificultam o acompanhamento das ações afirmativas com atenção a essas pessoas. Assim, a autora faz questionamentos importantes:

Em que medida a expansão da Rede Federal trouxe benefícios para essas comunidades? O caminho foi o de levar ao interior o padrão de ensino socialmente referenciado para essas comunidades? Ou será que foi dado espaço ao longo da implementação de cada Campus para dialogar com as comunidades em volta, em especial com as comunidades quilombolas, visando o atendimento de expectativas locais nessa instituição de ensino? Alguns municípios que possuem Campus podem ter até três ou quatro comunidades quilombolas no seu entorno. Será que os jovens dessas comunidades estão conseguindo chegar ao IFRN? Se sim, como estão sendo tratadas as especificidades dos quilombolas no meio escolar? (Marcelino, 2018, p. 10).

Nessa direção, refletir sobre os desafios e possibilidades das ações afirmativas étnico-raciais, a partir da perspectiva quilombola, implica reconhecer que o direito à educação para esses povos está relacionado à luta por território, por memória, por coletividade e por autonomia. Implica também tensionar para que o Estado se comprometa com a promoção de um projeto pedagógico que reconheça, valorize e dialogue com a diversidade de saberes e lutas dos povos quilombolas e tradicionais do Brasil, em consonância com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em vigor no Brasil através do decreto nº 10.088 (Brasil, 2019) e outros marcos sobre os direitos dos povos quilombolas.

Já em um estudo realizado na Bahia, Melo (2018) analisa o contexto de acesso e permanência de estudantes quilombolas na



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Importa realçar que também se trata de uma instituição no interior do estado e, assim como vimos com Marcelino (2018), existem barreiras materiais, simbólicas e institucionais que limitam a democratização, acesso e permanência de quilombolas ao/no ensino superior.

A autora inicia nos trazendo à memória grupos minoritários que foram durante séculos negligenciados, prejudicados e até impedidos do acesso à educação, para os quais hoje existem as políticas de ações afirmativas, a fim de tornar a sociedade mais igualitária. Referindo-se aos quilombolas, sua pesquisa nos remete à baixa qualidade da educação dos anos iniciais, que dificulta a elaboração de uma perspectiva de um futuro universitário nesses grupos, pois até mesmo as informações sobre seus direitos às cotas lhes são negadas.

A precariedade das escolas localizadas em territórios quilombolas, a escassez de professores, a ausência ou pouca disponibilização de conteúdos que dialoguem com a realidade e a cultura local, bem como a falta de informação sobre processos seletivos para o ingresso no ensino superior, dificultam que jovens quilombolas possam visualizar a possibilidade da formação de nível superior e a universidade como um contexto a ser considerado em seus caminhos. Quando ingressam na universidade, outros desafios se apresentam, a exemplo temos o mantimento financeiro que, por vezes, é causador de desistências, além da dificuldade em se reconhecer como parte integrante da universidade, tendo em vista que este sentimento de pertencimento não foi regado ao longo da vida. Frente a isso, recordamos da poesia Slam de autoria de Felipe Marinho (2022) para refletir o lugar “das cotas que são resarcimento dessa dívida que ainda é longe de todos os seus privilégios” (Tinha que Ser Preto, 2022, 1 min 22 s).

Apesar disso, Melo (2018) realça que os estudantes quilombolas da UFRB também construíram alguns caminhos de resistência, como a criação de redes de apoio entre si, encontrando estratégias



de permanência através de espaços de acolhimento e luta por direitos. Esse movimento realça que existem pessoas quilombolas, universitárias, politizadas e críticas, que reivindicam o acesso, a ocupação e, sobretudo, a transformação da universidade em um espaço democrático e de pluralidades.

Silva (2019), realizou um estudo com jovens quilombolas no norte do Tocantins, com a finalidade de registrar memórias das suas trajetórias até a formação universitária, a começar pela escolarização. A partir de entrevistas e pesquisas de campo com os jovens da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pôde ser feita uma análise do acesso e também dos desafios da permanência desses estudantes na universidade.

Para essa comunidade, o ingresso universitário é motivo de orgulho e conquista. Nessas histórias de vida, as políticas afirmativas foram um fator crucial para chegar à faculdade e permanecer nela, mesmo enfrentando problemáticas como racismo e preconceitos no contexto acadêmico. Além disso, como também visto nas pesquisas de Marcelino (2018) e Melo (2018), foram desveladas a escassez de recursos financeiros, a ausência de infraestrutura, a falta de práticas pedagógicas que valorizem as experiências e a cultura quilombola, e a falta de efetividade na aplicação da legislação.

Silva (2019) realça que esse cenário também é um reflexo da fragilidade no acompanhamento da implementação das diretrizes no contexto escolar, como da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) que versa sobre a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial da rede de ensino, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Resolução CNE/CEB n.º 08/2012) (Brasil, 2012a). Nessa direção, uma vez que "o processo educacional deve contribuir para a continuação da comunidade, valorizando seus costumes e tradições" (Silva, 2019, p. 43), a autora evidencia a necessidade das ações afirmativas não se restrinjam ao acesso, mas que se alinhem com as políticas



institucionais de permanência e valorização da diversidade étnico-racial, assegurando o direito à educação superior com equidade e respeito às singularidades dos povos quilombolas.

A pesquisa de Bezerra (2019) foi realizada com a comunidade quilombola de Castainho, situada em Garanhuns-PE. O objetivo central do trabalho foi contribuir com a inclusão e com o fim das discriminações raciais. Para tanto, buscou compreender os impactos da Lei de Cotas e como vem sendo feita sua efetivação no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – campus Garanhuns. Nesse cenário, a autora realça que apesar da instituição estar localizada no município onde se encontra o quilombo Castainho e outras cinco comunidades quilombolas, a ausência de estudantes quilombolas no IFPE é uma realidade preocupante, o que evidencia um abismo entre a política afirmativa e sua efetivação, bem como no percurso trilhado no ensino básico até a chegada ao ensino técnico:

Diante desse quadro, vislumbra-se a ação afirmativa de cotas para ingresso nos Institutos Federais como uma forma mais rápida de acesso à educação de qualidade, a partir do ensino médio, e também que essas crianças, jovens e adolescentes possam ter a oportunidade de estar num espaço educacional que valorize as diferenças étnico-raciais e reconheça a desigualdade social que as envolve (Bezerra, 2019, p. 19).

Tendo em vista esse cenário, a pesquisa foi realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental da escola da comunidade do Castainho, e teve como fruto do objetivo da pesquisa o desenvolvimento de um curta-metragem, intitulado “trajetórias de José e Maria: (des)caminhos da escola”, e uma intervenção temática, buscando dar visibilidade às comunidades quilombolas.

Dentre os seus métodos de pesquisa, estão a pesquisa-ação, o grupo focal e o levantamento de dados para análise documental. Diante de todos os dados recolhidos, a autora chegou à conclusão



de que é necessária a associação da Lei de Cotas com outras políticas e leis que assegurem a igualdade nesse espaço de construção:

Apenas a Lei de Cotas não é suficiente para incluir de fato a população quilombola nas nossas Instituições Federais de Ensino, é necessário articular a essa política uma série de outras políticas de promoção da igualdade racial, para que tenhamos a participação de quilombolas nesses espaços privilegiados de saber, pois as dificuldades que os separam vão muito além do desconhecimento da Lei de Cotas, são abismos sociais em meio a um contexto cultural e identitário colonizador e excluente (Bezerra, 2019, p. 89).

Nesse sentido, evidencia-se que o afastamento geográfico e simbólico entre as instituições federais, e porque não dizer também, as instituições estaduais e as comunidades quilombolas, mesmo quando próximas territorialmente, escancara a ausência de políticas de aproximação, acesso, acolhimento e permanência.

FRUTO DA LUTA, SEMENTE PARA TRANSFORMAÇÃO

Todos os estudos mencionados foram realizados em estados diferentes do Brasil. Aspectos semelhantes foram encontrados em todos. Como exemplo, temos a dificuldade de implementação das leis que regulamentam as políticas afirmativas, os métodos de ensino que excluem a história dos quilombos, preconceitos diversos que permeiam a história desse povo, inclusive na atualidade. Essa rotatividade de estados diferentes e resultados semelhantes revelam que esta é uma problemática presente em diversas partes do País.

Cada jovem quilombola que chega à universidade traz consigo a trajetória coletiva de luta, a sua ancestralidade e resistência.



Logo, as ações afirmativas surgem não como um privilégio, mas como um possível caminho de reparação histórica e justiça social. Para os jovens quilombolas, elas representam uma chance real de romper com o ciclo de invisibilidade e exclusão, abrindo caminhos antes negados pelo racismo estrutural e a lógica burguesa do sistema educacional. A garantia do direito à educação ao povo quilombola é, sobretudo, o enfrentamento da disparidade social a partir da ocupação e permanência em espaços historicamente negados. No entanto, sua efetividade depende de muito mais que a existência da política pública: exige a implementação, fiscalização e investimento.

A realidade dos jovens quilombolas ao acesso às políticas afirmativas revela, de maneira contundente, que a simples existência de leis não é suficiente para garantir direitos. O abismo entre a letra da lei e a inclusão desses povos historicamente marginalizados escancara as falhas de um sistema que ainda reproduz, de forma silenciosa, e às vezes explícita, as marcas profundas do colonialismo e do racismo estrutural.

A exclusão persistente, expressa na precariedade das escolas, na invisibilização dos saberes quilombolas e na ausência de políticas de permanência, ressoa como um grito que insiste em não ser silenciado. O diálogo entre os saberes acadêmicos e tradicionais não pode ser apenas um discurso bonito nas políticas públicas: precisa ser prática cotidiana que garanta protagonismo às comunidades quilombolas, rompendo com a lógica excludente que historicamente lhes foi imposta.

Negar essa luta é compactuar com a manutenção de um Brasil desigual e marcado pela injustiça racial. A luta quilombola é resistência, memória e esperança. É um convite urgente para que repensem, coletivamente, os caminhos da educação e da cidadania no Brasil, reconhecendo que, sem justiça racial, não há democracia plena. Continuar negando isso é negar a humanidade daqueles que, mesmo diante de tantas barreiras, insistem em sonhar e construir um futuro digno.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, E. K. **A Implementação da Ação Afirmativa de Cotas Étnico-Raciais no IFPE:** um olhar sobre a Comunidade Quilombola do Castainho. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Olinda, 2019.

BEZERRA, M. C. F. M.; SANTOS, S. E. B.; SANTOS, G., O. Pesquisa extensionista na promoção em saúde mental: um balanceiro para transitar por uma artesania literária. **Concilium**, v. 24, n. 17, p. 50-69, 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 26-30, 21 nov. 2012a. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/1307/resolucao-cne-ceb-n-8>. Acesso em: 6 mai. 2025.

BRASIL. Decreto nº 10.088, de 5 de novembro de 2019. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 12-135, 5 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 12. 9 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 1. 29 ago. 2012b.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 5. 13 nov. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Educação escolar quilombola, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/etnico-racial/educacao-escolar-quilombola>. Acesso em: 12 mai. 2025.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, [s. l.], v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

FERREIRA, Bia. **Cota Não é Esmola** – Sofar Curitiba. Sofar Latin America. Youtube, 29 jan. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM&list=RDQcQlaoHajoM&start_radio=1&ab_channel=SofarLatinAmerica. Acesso em: 11 mai. 2025.

MARCELINO, F. T. **O acesso de estudantes quilombolas no IFRN:** análise da lei nº 12.711/2012. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MARINHO, F. **Tinha que ser preto.** Slam da Guilhermina. **YouTube**, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ld0CDov-3ks>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MELO, T. S. **Democratização do ensino superior:** acesso e permanência de estudantes quilombolas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2018.

MIRKHAN, A. Por mais 50 anos? Conheça a opinião de parlamentares sobre a Lei de Cotas, que completa 10 anos. **Brasil de Fato**, Brasília, 26 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildedefato.com.br/2022/03/26/por-mais-50-anos-conheca-a-opiniao-de-parlamentares-sobre-a-lei-de-cotas-que-completa-10-anos/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

PIOVESAN, F. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 887-896, 2008.

CÉU. **Reescreve.** Céu (Oficial). YouTube, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hnhQsg5YdTU>. Acesso em: 10 mai. 2025.

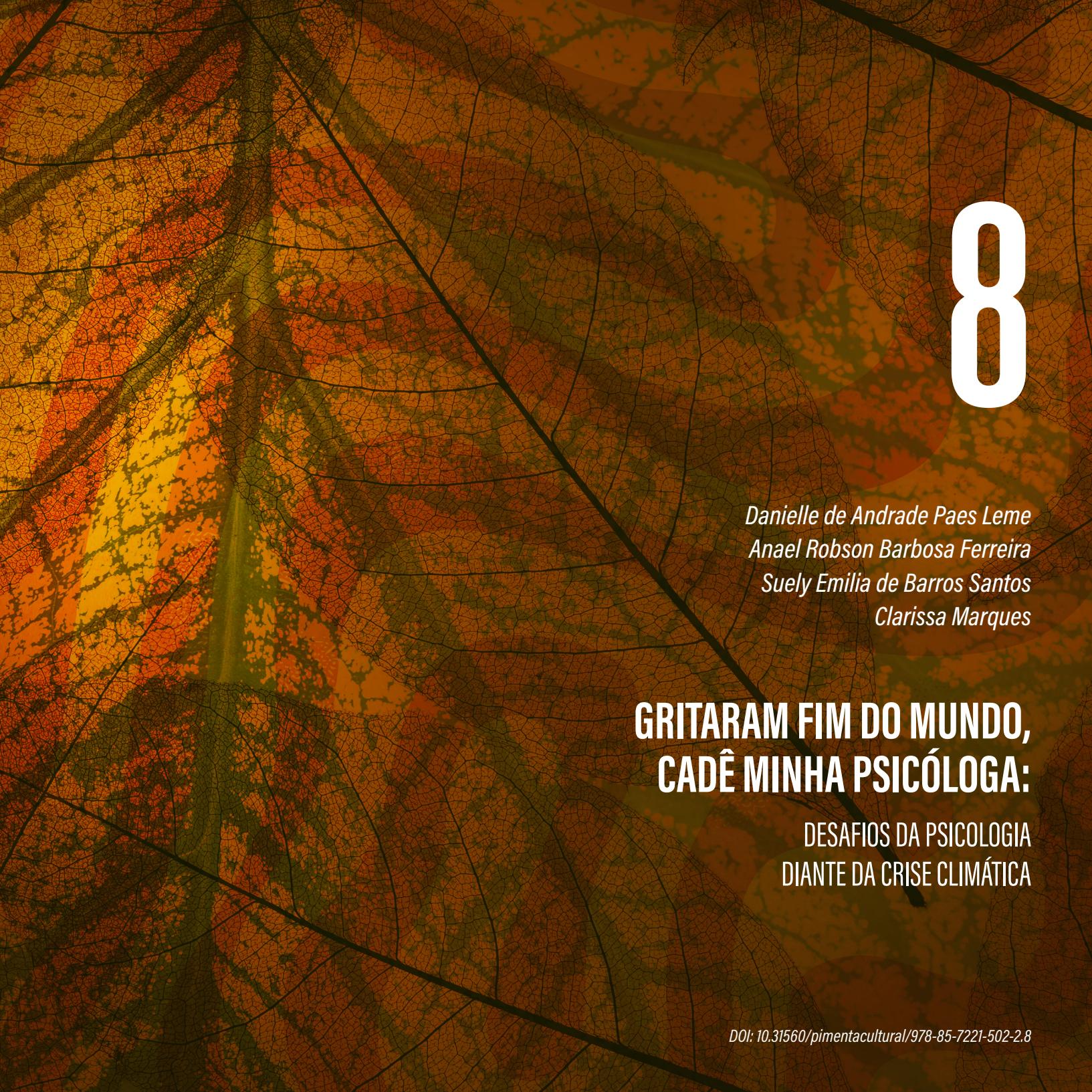
RODRIGUES, G. F.; BREDER, D. “Raça” e racismo estrutural: (re)pensando a formação de professores na educação básica. **Revista Brasileira de Política e Administração Educacional**, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 1-22, 2023.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos:** modos e significações. Brasília: Saco-Curtume, 2015.

SANTOS, G. O.; SANTOS, S. E. B. "Os ventos do norte não movem moinhos": caminhos metodológicos para uma psicologia sertão-centrada. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1141–1165, 2024.

SILVA, E. V. **Memórias e trajetórias formativas de jovens universitários da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins-TO.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SOARES, E.; RENEGADO, F. **Negão Negra** (Videoclipe Oficial). Elza Soares. Youtube, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E087HGB7EU8>. Acesso em: 11 mai. 2025.

A close-up photograph of several autumn leaves, showing intricate venation patterns in shades of orange, yellow, and green. The leaves overlap each other, creating a textured and organic background.

8

*Danielle de Andrade Paes Leme
Anael Robson Barbosa Ferreira
Suely Emilia de Barros Santos
Clarissa Marques*

GRITARAM FIM DO MUNDO, CADÊ MINHA PSICÓLOGA:

**DESAFIOS DA PSICOLOGIA
DIANTE DA CRISE CLIMÁTICA**

O GRITO DA TERRA



O planeta Terra vivencia um pico de crise que demanda a adoção urgente de grandes mudanças estruturais. A crise climática segue em pauta nos noticiários e no cotidiano da grande maioria das comunidades de todo o mundo. Diariamente são noticiados desastres ambientais: altas de calor; enchentes e cidades inteiras devastadas, como vivido no Rio Grande do Sul; incêndio nas florestas, como na Amazônia, Pantanal e Califórnia; poluição do ar; pandemias, a exemplo da COVID-19; fome; poluição e seca dos rios.

Frente aos desafios ecológicos e sociais, as Nações Unidas (ONU), desenvolveram os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), no qual apresentam propostas e incentivos de ações voltadas à preservação ambiental; erradicação da pobreza, da miséria e da fome; igualdade de gênero; empregabilidade; acesso à moradia; inclusão social, na compreensão que essas pautas se inter-relacionam (ODS BRASIL, 2025).

Percebe-se, assim, que a dimensão da sustentabilidade perpassa dimensões para além do ambiental, necessitando para isto a expansão ao olhar holístico, transdisciplinar e sistêmico. Assim, a viabilidade de vida no planeta Terra depende da união de líderes governamentais, empresas e da sociedade civil em torno de ações e investimentos. Como afirmou o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres: "deve-se isto a toda humanidade, em especial, as comunidades mais pobres e vulneráveis que são mais afetadas pelas mudanças climáticas, apesar de não serem responsáveis por estas" (United Nations, 2021).

Apesar dos ODS serem assinados por mais de 190 países, organizações e instituições, na busca de juntos evitar um maior aquecimento do planeta, foi constatado que a emissão de gases causadores do efeito estufa estão em maior crescimento em comparação à última década, o que provocou que o planeta alcançasse 1,6°C,



como informa a UNEP (2024). Portanto, as consequências do avanço do aquecimento global podem desenfreadamente provocar danos irreversíveis aos ecossistemas terrestres, assim como, aos seres humanos que integram esses ecossistemas. Com o aquecimento, o planeta pode se tornar inabitável para algumas espécies animais, ao ponto de extingui-las, causando um desequilíbrio nas complexas e delicadas relações ecossistêmicas. Além disso, o derretimento das calotas polares aumentará os níveis dos oceanos, que por sua vez invadirá as cidades litorâneas, gerando crises humanitárias sem precedentes (Moreira *et al.*, 2022).

Deste modo, constata-se que as medidas não estão sendo eficazes na mitigação da crise climática e está havendo um agravamento no que se refere ao aquecimento global e proteção das florestas, como se observa nas queimadas intencionais em todo o mundo, em especial na Floresta Amazônica e no Pantanal, no território brasileiro. Apesar dos níveis recordes de calor e do desencadeamento de tantas catástrofes, mortes e perdas econômicas, a sede de consumo e “desenvolvimento” ainda se apresenta como fio condutor das ações mundiais.

Com base na urgência das mudanças que precisam ser enfrentadas e da descredibilidade em um amanhã possível, é imprescindível que a Psicologia assuma uma posição menos tímida diante da problemática, pois, ao integrar perspectivas psicológicas nas discussões sobre ação climática, pode-se desenvolver uma abordagem mais holística, que considere as dimensões ambientais e sociais em sua integralidade. Para isto, é preciso que a Psicologia, enquanto ciência, também amplie sua compreensão sobre o próprio ser humano, na quebra da perspectiva cartesiana, ocidental e antropocêntrica.

Tal perspectiva cartesiana surge no século XVII estabelecendo novos parâmetros para a concepção de homem-mundo para todo o Ocidente. Assim, os modos hegemônicos da interação homem/natureza têm sido viabilizados por uma lógica mecanicista



que entende os recursos naturais como meio para um fim de acúmulo de capital. Nessa perspectiva, o homem passa por uma cisão entre mente e corpo, desprendendo-se de aspectos que o ligam com a natureza. Assim, caminhou para conceber a verdade sobre as coisas, e o conhecimento alcançado passou a ser universalizado (Grosfoguel, 2016). Desse modo, a natureza passa a estar a parte do homem, estabelecendo uma desconexão e distanciamento entre a subjetividade humana e aquilo que é externo, ou seja, o mundo (Pompeia; Sapienza, 2011).

Nesse sentido, é permissivo enunciar que as ciências e a construção de conhecimento no Ocidente carregam consigo uma noção e/ou conceito de ser humano, que por sua vez influencia diretamente o modo como as disciplinas entendem a relação homem/natureza. Assim sendo, também, com a Psicologia, que herdou da Filosofia as noções maquinistas do ser humano (Roehe, 2020), vemos reflexos de tais concepções se não a construção de uma ciência alinhada aos conceitos biomédicos que enfatizam uma separação hegemônica entre os humanos e o cosmos. Percebe-se, então, que é urgente que as diversas áreas de conhecimento e saberes se articulem na construção de novos paradigmas para podermos nos concebermos em relação e coletividade.

A Psicologia, enquanto ciência, possui muitas vertentes na produção de conhecimento, dentre elas a psicologia ambiental, na qual o enfoque se justifica na compreensão da relação homem e meio ambiente. Nesse sentido, comprehende-se por relação a concepção de que homem e meio estão intrinsecamente ligados. Assim, o mundo deixa de ser do homem, passando a estar no homem e o homem no mundo (Campos-de-Carvalho; Cavalcante; Nóbrega, 2017). O que a princípio parece apenas um jogo de palavras, pode ajudar a diferenciar modos distintos de se relacionar com a natureza, assim como na escolha das palavras de Nego Bispo, no poema Aquilombe-se:



Nós extraímos os frutos nas árvores... / Eles expropriam as árvores dos frutos! / Nós extraímos os animais na mata... / Eles expropriam a mata dos animais! / [...] / Nós extraímos a vida na terra... / Eles expropriam a terra da vida! (Santos, 2019, grifo nosso).

Nego Bispo, em sua poesia, aponta um modo de vida que olha para a natureza enquanto dono dela, alguém que está distante, inclusive do próprio autor do poema quando se refere a "Eles". Contudo, faz questão de declarar seu próprio modo, quando se remete a "nós". Com isso, reafirma durante todo o poema, seu lugar de integralidade com o cosmos.

Nesse sentido, podemos afirmar que a psicologia ambiental busca olhar para o ser humano enquanto um homem na terra, e desse modo, para os desdobramentos dessa interação. Nessa mesma direção, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), publica o Catálogo de Práticas em psicologia ambiental onde defende que:

A Psicologia necessita dar também a sua resposta, compreender e explorar as suas contribuições para o enfrentamento da grave crise humano-ambiental que vivemos. Se esse tema é interesse de várias áreas há décadas, a Psicologia tarda ao não o abraçar (CFP, 2022, p.7).

Embora seja uma publicação importante, faz-se necessário destacar o reconhecimento do CFP, na demora da Psicologia cuidar deste fenômeno tão crucial para a existência das vidas na terra.

Além disso, o CFP anuncia a necessidade da Psicologia compreender e atuar no enfrentamento das crises existencial e ecológica. Para que isto seja possível, é preciso que essa e outras áreas das ciências acadêmicas quebrem com o paradigma ocidental-capitalista-dicotômico, de forma que se implique ativamente tanto no cuidado dos que foram afetados diretamente pelos desastres ambientais, como na compreensão holística da dimensão de que a conexão/desconexão com a natureza afeta a nossa saúde nos âmbitos físico,



mental, comunitário e espiritual. Fica evidente a necessidade das ciências em suas diversas áreas, aqui em especial as ciências humanas e da saúde, expandirem a compreensão de mundo e a compreensão sobre saúde, de forma a integrar a sustentabilidade.

A Aliança Global de Psicologia (GPA) criou, em 2022, um documento de compromissos de enfrentamento à crise climática, assinado por mais de 70 organizações e associações de psicologia, entre elas a Sociedade Brasileira de Psicologia. O documento tem como objetivo fornecer estrutura para auxiliar seus membros e a Psicologia, enquanto ciência, na compreensão das mudanças climáticas. Apesar das intenções do GPA, observa-se que, na prática das atividades no campo da psicologia, esse debate é incipiente. Assim, as malhas curriculares dos cursos de Psicologia, de forma geral, não contemplam esse debate, bem como não há dentro do sistema conselho, diretrizes disseminadas para o enfrentamento desses desafios.

Mesmo com uma atitude tímida da Psicologia, alguns passos têm sido dados quanto a necessidade da categoria de se colocar enquanto profissão e ciência. Este texto tem como objetivo central discutir o papel da Psicologia frente à crise climática.

GERMINAR DE NOVOS OLHARES

Notadamente, urge a necessidade de um aumento expressivo dos compromissos com a agenda de políticas climáticas e suas implementações. Do contrário, manter o aquecimento global em 1,5 °C não será viável (UNEP, 2024), pois é sabido que ultrapassar essa temperatura tem implicações expressivas que podem descamar em perdas da biodiversidade e eventos climáticos mais extremos. Assim, a lida com eventos climáticos mais extremos e perigosos é certa, de forma que a diminuição drástica do aquecimento do planeta faz-se necessária para não chegarmos a um ponto de não retorno, em que



nossas medidas serão ineficazes, como é o caso da desertificação da Floresta Amazônica, avanço do mar e derretimento das geleiras. Apesar da emergência climática impactar o globo como um todo, percebe-se a desigualdade nos seus impactos.

De forma injusta, as regiões e populações mais afetadas pelas mudanças climáticas são as que menos contribuem para o aquecimento da Terra. Segundo relatório da OXFAM Brasil (2025), nos primeiros 10 dias do ano de 2025, 1% da população mais rica já consumiu a quantidade máxima de dióxido de carbono (CO_2) que pode ser emitida durante todo o ano. Nafkote Dabi, líder de Política de Mudanças Climáticas da OXFAM Internacional, alerta que apesar da vida da Terra está por um fio, uma pequena elite rouba, com seus modos de vida consumistas e extravagantes e investimentos em atividades exploradoras, a possibilidade de segurança alimentar de bilhões de pessoas (OXFAM BRASIL, 2025).

Portanto, percebe-se que os modos capitalistas tratam limites naturais como meros obstáculos a serem superados, conduzindo inexoravelmente todo o planeta — e seus seres — a uma falha metabólica, minando sistematicamente as bases ecológicas da existência humana e de outras vidas. Frente a isso,

Na medida em que as conexões psíquicas entre ser humano e a natureza forem reconhecidas como dimensão fundamental da saúde mental tanto quanto do adoecimento mental, o futuro trará novas formas de organização da vida social e econômica. O reconhecimento dessas conexões põe em xeque crenças disfuncionais e o valor ético de práticas que perturbem essas conexões (Carvalho, 2013, p. 164).

Pode-se lançar mão do conceito da ecopsicopatologia que se fundamenta no paradigma que o ser humano se relaciona bio e psiquicamente e com a natureza. Tal relação faz necessário revisitar as condições em que se estabelecem essas conexões, com fins de reorganização da vida social e econômica, dada a percepção que



agressões à natureza, ao meio-ambiente se convertem em agressões também ao bem viver, que traz “uma proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades” (Acosta, 2016, p. 33).

A lida com as mudanças climáticas exige da humanidade uma mudança radical de atitude. Tal quebra pede um olhar holístico, implicado, aterrado com a realidade de si e do mundo, de forma a integrar a dimensão ecológica como parte da constituição e pertencimento humano. Uma vez que a sustentabilidade do planeta passa necessariamente pela superação da separatividade que o homem experimenta, quase sempre de modo tão inconsciente, de que ele é filho e não senhor da Terra, como reflete Ribeiro (2009).

Cabral (2022), anuncia a diferença entre o mundo e a Terra, na qual define o mundo como sendo essencialmente mundano, ou seja, antropoceno. Ao limitar a dimensão da Terra ao mundo, cria-se a ilusão de que seu funcionamento se limita ao funcionamento humano. A Terra, por sua vez, não se reduz ao mundo. Apesar de por ele ser afetada. Assim, não podemos limitar a pluralidade e complexidade da Terra ao alcance e forma de existência humana. É preciso que a humanidade passe a se ver como parte, não como dono da natureza. Afinal, “não habitamos o mundo; somos filhos e filhas da Terra” (Cabral, 2022, p. 151).

Este mesmo autor reflete que a Terra é algo singular no universo, estando a humanidade ligada através da vida aos outros organismos, mesmo que produza um mundo de artificialidades, assim como uma muralha, que cinde a relação do sujeito com a teia da vida. Apesar de constituirmos a natureza, ao mesmo tempo que ela nos constitui, muitas vezes ela nos é apresentada de forma ameaçadora. A partir desta perspectiva intimidadora em que somos apresentados à natureza, há a desconexão do sujeito de sua dimensão de casa. Desta forma, o medo se apresenta como elemento de desligamento, que afeta a relação do sujeito consigo próprio, com o próprio corpo e seu território.



Nesse mesmo sentido, Nego Bispo (Santos, 2023, p. 26), questiona: "Por que os povos da cidade não se relacionam com a natureza? Porque têm medo. Porque são cosmófobicos". O referido autor denomina a "cosmófobia" enquanto um medo para o qual não se tem cura e que esse se dá pelo distanciamento entre o homem e o cosmos. Por exemplo, o medo da escassez dita um modo acumulativo de posses, resultando na expropriação da vida da natureza. Desta forma, distante daquilo o qual faz parte, o homem se torna responsável pelo cruel sistema de armazenamento, expropriação e extração exacerbada em que o desperdício e o acúmulo são resultados da necessidade desenvolvimentista de se afastar daquilo que é original.

Pensar sobre as noções desenvolvimentistas nas quais nossa sociedade é construída, faz necessária uma reflexão sobre o que compreendemos por desenvolvimento. Segundo Acosta (2016), podemos afirmar que o desenvolvimento é uma narrativa fundada e sustentada pelo imperialismo estadunidense, que divide os países dicotomicamente, entre aqueles que se desenvolveram e aqueles que ainda não são desenvolvidos. Tal narrativa institui, também, um modo pelo qual o mundo deve agir para alcançar os países mais ricos. Nesse sentido, dita uma estrada única que destrói, desapropria e extermina vidas e saberes que não concordam em seguir esse mesmo caminho.

Frente a isso, o líder quilombola Nego Bispo (Santos, 2023), contribui nas discussões sobre as noções de desenvolvimento vigentes. Nesse sentido, comprehende o termo enquanto um desenvolvimento, ou seja, no processo de acumulação capitalista, o homem nega sua própria natureza e o meio ambiente, o objetificando segundo seu desejo de acúmulo.

Ao observar os modos do ser humano dentro do campo ecológico, fica fácil deduzir a atuação autoritária, desconectada do todo e alienada do seu próprio território e sentido de coletividade. Segundo Ribeiro (2009), não há como fugir da responsabilidade sobre a Terra, sem se tornar cúmplice das crises climáticas. Assim,



é necessário que a Psicologia provoque e atue sobre a insustentabilidade da forma em que coletivamente se comprehenda o que é vida.

Frente a isso, faz-se necessário lançar mão de uma proposta circular de vida, onde o desenvolvimento dá lugar ao envolvimento. Nesse sentido, o homem passa a compartilhar lugar no mundo com outros seres (Santos, 2023), fugindo da perspectiva utilitarista que entende os ecossistemas como recursos a serem explorados.

Nessa mesma direção, a perspectiva do bem viver, enquanto modo de pensar um futuro que se desprende das noções desenvolvimentistas hegemônicas e se baseia nas cosmopercepções de povos originários para pensar um futuro possível para todos, apresenta-se “como oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” (Acosta, 2016, p. 35). Para que isto se torne viável, é preciso romper com a lógica da monocultura, da racionalidade, do capitalismo e antropoceno, por meio de um processo de descolonização intelectual nas esferas social, política, econômica e cultural. Isto abre espaço para o resgate e criação de outras formas de estar no mundo, no qual o ser humano coabita de maneira integrada com a complexa teia da vida.

Portanto, a Psicologia enquanto produtora de conhecimento e de cuidado pode trilhar um caminho junto a saberes outros que rejeitem, que se opunham às ideias colonialistas que engessam os modos de promoção em saúde, dialogando com saberes dos povos originários, tradicionais e da terra. A Psicologia, assim como outras ciências, pode/deve alcançar uma concepção de saúde que permeia as comunidades e não apenas as academias. Nesse sentido, no trabalho de Lima, Santos e Barbosa (2024), há uma aproximação de uma comunidade quilombola no Nordeste brasileiro em busca de compreender sua concepção de saúde, e afirmam:

Os depoimentos oriundos das rodas de conversação revelam que as práticas tradicionais em saúde na comunidade quilombola contrapõem-se ao engendramento



capitalista emergente na modernidade, posto que provocam uma ruptura com a influência do mercado e com a proposição do cuidado enquanto mercadoria [...]. A práxis do cuidado nos quilombos tem uma dimensão coletiva e se põe a serviço de toda a comunidade (Lima; Santos; Barbosa, 2024, p. 7).

Ao escutar a comunidade, é possível compreender saúde para além das artimanhas neoliberais que concentram o poder do conhecimento e do cuidado em saúde nas mãos apenas do saber acadêmico. A concepção de saúde transborda o saber individual e desemboca no compartilhar de sabenças coletivas passadas transgeracionalmente pela presença da ancestralidade. Saúde e conhecimento podem se tecer na intimidade da conversa, na construção de sentido junto ao outro, no mergulho na terra. Como afirma Krenak (2022, p. 37), "estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis". Quiçá Psicologia se constitua capaz de reinventar mundos possíveis, ou melhor, de desvelá-los.

Diante disso, a Psicologia pode semear a construção de um novo viver. Urge lançarmo-nos na construção de um novo paradigma em que seja possível tecer outras formas de relação com o meio ambiente, com a Terra, que não a exploração, mas a integração, o envolvimento. Na compreensão de que andar com o pé na terra, respirar um ar puro é quebrar as estruturas de rigidez do automatismo da vida; de que é um papel político de todos nós cuidar dessa terra que habitamos e que nos habita; de que não há como almejar um estado saudável em um planeta-casa em colapso, escutemos: "se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já está aqui" (Krenak, 2022, p. 11).

COLHEITAS E NOVAS SEMEADURAS



Na sobrevida do sujeito-máquina não há espaço para a vivência do vazio, do relaxamento, angústia, corpo, víscera. Perda de sentido, tempo acelerado... Sem aterrimento, o ser humano se colocou à parte da natureza. Perfil digital, curtidas, cancelamentos, *ifood*, respostas instantâneas. Tudo é imediato, ao mesmo passo que parece vazio. A urgência não condiz com a necessidade, a não ser a crise climática.

Causador da crise ecológica, o ser humano também é vítima de suas consequências, em especial as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilização. É preciso que a Psicologia se coloque de forma mais ativa e expressiva no debate e ações em relação à crise climática. Para tal, é imprescindível “a valorização das ações que se voltam para esse enfrentamento e para a construção de uma preocupação constante de nossa área com o presente e o futuro da nossa vida no planeta” (CFP, 2022).

Em 2021, o Conselho Federal de Psicologia, junto a Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA) e com o GT de Psicologia Ambiental da ANPEPP, criou o Grupo de Trabalho Psicologia Ambiental (CFP.2022), o que representa um avanço da psicologia brasileira. Porém, a pauta ainda segue muito invisibilizada dentro das formações de Psicologia. É preciso compreender que a crise já está vigente e que não é preciso esperar o desastre para atuar. Embora assinalamos que os desastres estão a acontecer cotidianamente.

Logo, é necessário considerar as mudanças climáticas e outras questões relacionadas à Terra como fator de sofrimento no acolhimento às pessoas, seja no âmbito privado do consultório, seja na atuação do SUS no acolhimento dos seus usuários. Para isto, é urgente e imprescindível que a Psicologia se implique e abra “espaços de escuta e que possibilite que a manifestação dessa angústia se transforme em demanda efetiva de transformação, de possibilidade



de movimento, saindo da paralisia e abrindo a possibilidade de imaginar um futuro que não seja o apocalipse" (Reckziegel, 2023). Apesar do cenário assustador que se apresenta e é também anunciado, quebrar com as cristalizações advindas do medo são essenciais para que possamos transformar nossos sofrimentos em ação coletiva e individual. Para isto, precisamos atentar para sofrimentos advindos desta crise climática contemporânea.

O interesse em estudar, compreender e encontrar modos de cuidar da relação pessoa-mundo-natureza vem se desenvolvendo em diversas áreas do conhecimento acadêmico. Entretanto, para que isso aconteça afinado com as demandas das populações, faz-se necessária a abertura para o partilhamento com outros saberes. Krenak (2022), ao afirmar que o futuro é ancestral, fala do retorno aos conhecimentos dos povos tradicionais e da terra. Desta forma, é preciso que a construção dessa outra forma de conviver seja costurada no fiar de várias mãos, de forma que os saberes ancestrais e populares confluam com o conhecimento científico. Como nos ensina Krenak (2022, p. 102): "sim, nós podemos muito, mas nem tudo! Um aprendizado que recebi em fricção com a natureza". Assim, é necessária a mobilização e diálogo de diversas áreas de conhecimento científico, atreladas e em parceria com saberes plurais.

Assim, o momento pede presença e pés firmados no chão para lidar com os impactos que estão e serão vividos por populações de todo o mundo. Como desfecho deste capítulo, ficam questionamentos que desejamos compartilhar buscando sensibilizar uma práxis psicológica que envolva menos modelação e mais criação, menos individualidade e mais coletividade, menos antropocentrismo e mais cosmopolítica: como disseminar e sensibilizar a Psicologia, enquanto ciência e profissão, sobre os impactos da crise climática? Como atuar junto a outras áreas e saberes na construção de uma forma mais sustentável e integrada com a vida? Quais contribuições a Psicologia pode apresentar para criação de programas e políticas públicas voltadas à mitigação da crise climática? Como incentivar atitudes ambientalmente sustentáveis?

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver:** Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BRASIL. Agenda 2030: **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. 2025 Acesso em: 28 de jan. 2025.

CABRAL, A. M. **Ecofenomenologia decolonial:** variações fenomenológicas sobre a alteridade.1 ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Ambiente. In. CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2017.

CARVALHO, M. A. B. **De frente para o Espelho:** Ecopsicologia e Sustentabilidade. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Catálogo de práticas em psicologia ambiental.** Conselho Federal de Psicologia. 1. ed. Brasília: CFP, 2022.

GLOBAL PHCYOLOGY ALLIANCE. **A psicologia e a crise climática - um quadro de ação climática da população -** 'Pessoas e o Planeta - estamos todos juntos nisso.' [s. l: s,n]. Disponível em: [https://www.sbponline.org.br/arquivos/GPA_Quadro_de_A%C3%A7%C3%A3o_Clim%C3%A1tica_\(Janeiro_2024\)_-_port.pdf](https://www.sbponline.org.br/arquivos/GPA_Quadro_de_A%C3%A7%C3%A3o_Clim%C3%A1tica_(Janeiro_2024)_-_port.pdf). 2022. Acesso em: 10 mai. 2025.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral.** Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

LIMA, I. J. V.; SANTOS, S. E. B.; BARBOSA, J. M. Saúde no Quilombo Castainho no Nordeste Brasileiro: veredas para uma Psicologia Rural. **Revista de Psicología**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 1-13, 2024.

MOREIRA, A. T. R.; SANTOS, E. C.; NOBREGA, G. T.; CARVALHO, S. R. B. O Impacto da Ação Antrópica no Meio Ambiente: Aquecimento Global. **Revista Educação em Foco**, n.14, p. 22-27, 2022.

OXFAM BRASIL. 1% da população mais rica esgota seu limite anual de emissões de carbono em apenas 10 dias. **OXFAM Brasil**, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/1-da-populacao-mais-rica-esgota-seu-limite-anual-de-emissoes-de-carbono-em-apenas-10-dias/#:~:text=0%201%25%20mais%20rico%20emite,emiss%C3%B5es%20em%2097%25%20at%C3%A9A9%202030>. Acesso em: 12 jan. 2025.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. A Terapia e a Era da Técnica. In: POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem:** escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

RECKZIEGEL, N. F. X. Psicologia e pesquisa para além de imaginários apocalípticos: A psicologia frente a emergência climática. **Entrelinhas**, 2023 Disponível em: <https://crprs.org.br/entrelinhas/227/psicologia-e-pesquisa-para-alem-de-imaginarios-apocalipticos-a-psicologia-frente-a-emergencia-climatica>. Acesso em: 20 jan. 2025.

RIBEIRO, J. P. **Holismo, Ecologia e Espiritualidade:** Caminhos de uma Gestalt Plena. São Paulo, Summus Editorial, 2009.

ROEHE, M. V. Psicologia, saúde e concepção de homem: Um estudo de orientação heideggeriana. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 82–92, 2020.

SANTOS, A. B. AQUILOMBE-SE. **Usina de Valores**. 7 jun. 2019. Disponível em: <https://usinadevalores.org.br/aquilombe-se/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

UNITED NATIONS. Secretary-General Calls Latest IPCC Climate Report 'Code Red for Humanity', Stressing 'Irrefutable' Evidence of Human Influence. **United Nations** 9 ago. 2021 Disponível em: <https://press.un.org/en/2021/sgsm20847.doc.htm>. Acesso em: 15 jan. 2025.

UNEP. Relatório sobre a lacuna de emissões de 2024: chega de calor... por favor! **UNEP**. 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorio-sobre-lacuna-de-emissoes-2024>. Acesso em: 15 jan. 2025.



9

Bárbara Oliveira de Moraes
Flávia Manuella Uchôa de Oliveira

UM BREVE RETORNO À ESTAMIRA:

A NOÇÃO DE CORPO-TERRITÓRIO
NO JARDIM GRAMACHO

INTRODUÇÃO

Eu não tive sorte, Nenhuma. A minha sorte foi morar no lixão.

Fala de Estamira Gomes de Sousa no documentário "Estamira" de Marcos Prado (2006).

Este capítulo busca estabelecer a noção de corpo-território em um território específico, o Jardim Gramacho, sub-bairro da cidade de Duque de Caxias no Rio de Janeiro, que abrigou por mais de 30 anos um dos maiores lixões da América Latina. Nosso argumento é o de que a noção de corpo-território auxilia um "mapeamento sensível das explorações vividas cotidianamente em conexão com as outras para alimentar maneiras radicais de pensar o território e, em particular, o corpo como território" (Gago, 2020, p. 28). A busca por esse mapeamento torna-se instrumento ético-político fundamental pelo qual a identificação das múltiplas violências a que os corpos estão submetidos no Jardim Gramacho transforma-se em "*capacidade estratégica*" (Gago, 2020, p. 28, grifos da autora).

As vivências das moradoras e moradores do Jardim Gramacho foram o foco de estudos acadêmicos anteriores (Morais, 2020). E, para além da academia, Gramacho foi sintetizado no documentário de Marcos Prado, intitulado "Estamira", lançado em 2006. O filme nos apresenta uma mulher, catadora de lixo reciclável, cuja missão "além de d'eu ser a Estamira, é revelar... é a verdade, somente a verdade" (Prado, 2006). A loucura da personagem expressa a não submissão de seu pensamento e de sua linguagem, mesmo diante das mais brutais explorações do corpo e das mais violentas expropriações do território. Estamira cumpre um mapeamento sensível, em uma lógica própria, pela qual mostra verdades e aponta as violências doméstica, psiquiátrica e econômica a que foi submetida. A mirada de Estamira nos coloca de frente com "os mecanismos de naturalização da violência" (Moreano; Arrazola, 2023, p. 252).



Ao anunciamos no título um breve retorno à Estamira, portanto, apresentamos nosso objetivo de atualizar e registrar o mapeamento sensível do território do Jardim Gramacho. Enfatizamos que esse mapeamento ainda está em andamento e se estrutura a partir da convivência ao longo de seis anos e de entrevistas semiestruturadas com catadoras de lixo reciclável, realizadas nos últimos dois anos. Por isso, retornamos à Estamira, às suas falas sobre a vida e o trabalho em Gramacho. Essas falas nos servem aqui como as fronteiras do mapa em construção e compõem os títulos e subtítulos deste texto.

Conforme explicamos mais acima, nosso esforço é de relacionar a noção corpo-território ao Jardim Gramacho. Para tanto, organizamos o capítulo em duas partes: na primeira, descrevemos de forma detalhada o território e os corpos. Isto é, detalhamos o sub-bairro e, em específico, o espaço que já foi um dos maiores lixões de nossa região no mundo, bem como apresentamos as condições de trabalho na catação de lixo reciclável em Gramacho. Na segunda parte, apresentamos nossa apropriação da noção de corpo-território, especialmente, a partir de autoras latino-americanas e discutimos como essa noção pode servir para identificar violências, estabelecer estratégias e apontar para os mecanismos de naturalização das violências no Jardim Gramacho. Por fim, trazemos nossas considerações finais, reconhecendo os limites da relação proposta e as potencialidades para pesquisas futuras.

"SOU A BEIRA": O TERRITÓRIO E OS CORPOS

O SR. GRAMACHO

Embora existam dados oficiais que classificam Jardim Gramacho como um bairro, conforme o documento oficial elaborado pela prefeitura da cidade de Duque de Caxias, assim como o documento referente ao Fundo de Revitalização e Valorização do Bairro Jardim Gramacho, instituído pela Lei nº 2.430 de 26/12/2011, que também estabeleceu seu Conselho Gestor, optou-se por utilizar o termo "sub-bairro", considerando o contexto específico da pesquisa. Na concepção de espaço elaborada por Santos (2021), o espaço é enfatizado por reproduzir a totalidade social e influenciar o desenvolvimento de outras estruturas, tornando-se um componente fundamental da sociedade e de seus movimentos. Por isso, damos um uso afirmativo ao "sub-bairro", retirando-lhe a carga pejorativa, reconhecendo-o como uma forma de apropriação do espaço em busca de identificação e pertencimento.

Conforme detalhado em outro espaço (Morais, 2020), na década de 1970, o Jardim Gramacho teve sua primeira área loteada através de um Conjunto Habitacional (COHAB), modelo de moradia popular que se expandiu em todo o Rio de Janeiro e em outras grandes cidades do sudeste no mesmo período. Por decisões ditas "estratégicas" do governo municipal, foi tomada a decisão de se instalar no bairro um aterro que passaria a receber os resíduos da cidade. A abertura formal do aterro ocorreu conforme Juncá (2004), resultado de um convênio estabelecido entre a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (FUNDREM) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).



A criação do aterro foi declarada como uma resposta aos problemas com os locais anteriormente existentes para destinação de lixo, pois operavam sem os devidos controles sanitários e técnicos, gerando sérios problemas ambientais e de segurança. Um dos principais depósitos de lixo, situado na Rodovia Rio-Petrópolis, era, segundo Juncá (2004), fonte significativa de poluição na Baía de Guanabara e apresentava um risco direto para o Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão), devido à atração de urubus pela concentração de resíduos, o que aumentava o risco de colisões com aeronaves.

Assim, na década de 1970, o aumento expressivo na produção de lixo impulsionado pelo crescimento do consumo, juntamente com as mudanças legislativas advindas da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, levaram à criação de instituições voltadas para a modernização da gestão de resíduos, como a COMLURB e a FUNDREM, em 1975. Nesse contexto, uma das metas essenciais dessas novas instituições foi a transferência da estação de destinação final de resíduos para uma área capaz de atender à crescente demanda, principalmente dos municípios de Rio de Janeiro, Nilópolis, Duque de Caxias e São João de Meriti, além de Petrópolis, Nova Iguaçu, Queimados e Mesquita.

Para dar início ao projeto, a COMLURB foi encarregada de identificar um local adequado, optando por uma área pública próxima à Baía de Guanabara e ao rio Sarapuí. Embora se tratasse de um ecossistema de manguezal sensível, essa área estava disponível para doação oficializada pelo INCRA, e a FUNDREM ficou responsável pela liberação dos recursos necessários para as operações iniciais, incluindo a construção de estações de transferência em Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti. Jardim Gramacho ao ser visto como um local adequado para o recebimento de resíduos tem então organização do comércio local e industrial alterados, configurando-se como um território do lixo, uma vez que as atividades passam a ser voltadas à reutilização e reciclagem dos resíduos,



configurando-se como um corredor de lixo, cujo a última parada era o aterro (Juncá, 2004).

O funcionamento do aterro atraiu um intenso fluxo migratório de pessoas para o território. A maioria desse contingente de mulheres e homens chegavam de outros aterros desativados ou de outros vazadouros, e com a promessa de ganhos no aterro, cada vez mais divulgada, tornava-se também um atrativo para quem buscava um refúgio ainda que forçado, especialmente em um período em que o trabalho formal era escasso e a renda média baixa. Para essas pessoas, o aterro representava uma oportunidade concreta de geração de renda.

No final daquela década, o ano de 1978 foi um marco para o que viria ser um local de degradação ambiental e desigualdades sociais. Localizado próximo aos rios Sarapuí e Iguaçu, e à beira da Baía de Guanabara, o aterro se tornou ponto de lançamento de lixo nos cursos de água e em suas proximidades imediatas (Rodrigues, 2014). Essa localização, a extensão do terreno e sua “disponibilidade” seriam as justificativas encontradas para que o aterro fosse ali estabelecido. Gramacho está distante o suficiente do centro da cidade de Duque de Caxias e dos municípios que despejavam diariamente os materiais em seu solo. Em tese, a localização garantiria que os moradores da cidade ficassem distantes do lixo armazenado.

Diariamente, entre 1978 e 1988, o aterro recebeu uma estimativa de 3 a 5 mil toneladas de lixo, tendo como parâmetro uma vida útil até o ano de 2002 (Morais, 2020). Na fundação do aterro, foi planejado que os municípios, por meio de consórcios, organizassem ações de melhoria e minimização dos impactos dos resíduos. Entretanto, o aterro funcionou como um lixão nos primeiros anos de sua instalação. A ausência da gestão dos resíduos e de políticas públicas de trabalho, emprego e renda tiveram impactos devastadores no ambiente e mantiveram a precariedade da vida de mulheres e homens que ali trabalhavam.



Na década de 1990, o talude de lixo metropolitano media aproximadamente 32 metros de altura (IETS, 2011). Como sede da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente, conhecida como Eco-92, o Rio de Janeiro foi pressionado para intervir na poluição causada e para promover a minimização dos danos ambientais relacionados ao aterro. No final desta década, foram investidos cerca de R\$150 milhões de reais na recuperação do Gramacho, que passou a ser oficialmente chamado de Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, funcionando como um aterro controlado, isto é, um aterro no qual a presença do catador é permitida (Bastos, 2008).

Sob a supervisão da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), em virtude da constante destruição dos manguezais e da poluição que se expandiu na Baía de Guanabara, foi tomada a decisão de terceirização da gestão do aterro que passou a ser realizada pela empresa Queiroz Galvão, entre 1996 e 2001. Em 1996, a cooperativa de reciclagem COOPERGRAMACHO foi criada, sendo influenciada diretamente pela COMLURB, pela Queiroz Galvão e pela Assistência Social. A iniciativa não obteve êxito, com baixa adesão dos catadores, sendo menos de cem cooperados. Para os catadores que viviam até então com sua remuneração à vista, diária e sem a necessidade de taxação de impostos, a cooperativa significava se submeter a regras e perder a autonomia do quanto se trabalha e do quanto se ganha (IETS, 2011).

Os anos 2000 foram marcados pelo discurso de que o projeto de terceirização da gestão do aterro traria o tratamento do chorume e do biogás provenientes do lixo, recuperação da área, controle da poluição na Baía de Guanabara e a implementação de uma organização social voltada ao credenciamento dos catadores que atuavam no aterro (Bastos, 2008; Rodrigues, 2014). Tais planos, embora promissores, foram repassados da gestão de uma empresa para outra. Nessa década, são iniciados os primeiros levantamentos para substituir o aterro. No início da década de 2010, Gramacho recebia diariamente



entre 8 e 9 mil toneladas de lixo. O talude de lixo e do material de recobrimento ultrapassava os 40 metros de altura (IETS, 2011).

No ano de 2012, com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), foi intensificada a mobilização para que houvesse a eliminação e recuperação dos lixões, bem como a promoção do trabalho do catador juntamente a sua inclusão social e emancipação econômica (Brasil, 2010). Em junho daquele mesmo ano, Gramacho foi desativado, o que gerou significativos impactos para as trabalhadoras e trabalhadores. Segundo Cárcamo (2013, p.14), o lixo da região metropolitana passou a ser enviado para o município de Seropédica. Para a autora, houve a diminuição do grau de exposição às questões da vida ao redor do lixo na mesma medida em que houve preocupação e revolta, pois, a sobrevivência de parte significativa da população de Gramacho dependia do lixo.

A criação do Polo de Reciclagem – fruto de um Termo de Ajustamento de Conduta, assinado em 2011 – só saiu do papel após 17 meses do encerramento do lixão. Apenas 30 catadores efetivamente trabalhavam no espaço, um número bem abaixo do quantitativo de catadores que atuavam no aterro (Bastos, 2015, 2019). Passados mais de uma década do fechamento do aterro, a situação de exclusão social, vulnerabilidade e precariedade do local não foi modificada, ao contrário, foi expandida, agora com o agravante da atuação direta do crime organizado no território. Os impactos do fechamento do aterro e a situação de completa desproteção dos que ali trabalham e residem mostram a intensa exploração do ambiente e dos corpos de trabalhadoras e trabalhadores a partir e por meio do “território extraordinário do lixo” do Jardim Gramacho (Bastos; Silva, 2021).

"NO LIXÃO, HÁ RESTOS E DESCUIDOS": CORPO-TERRITÓRIO EM GRAMACHO



Haesbaert (2020) propõe que dentre possíveis compreensões teóricas sobre o território, uma delas traz consigo a "escala primordial do corpo", trata-se da noção "corpo-território", que ganha substância a partir das perspectivas feministas, ecofeministas e dos movimentos indígenas na América Latina. Esta "ideia-força" (Gago, 2020, p. 79) relaciona a superexploração dos corpos diretamente à expropriação da terra e o extrativismo do meio ambiente. A união das palavras revela um contínuo da exploração dos territórios comuns, sejam eles urbanos, suburbanos, camponeses ou indígenas, e implicam violência contra os corpos dos indivíduos e da comunidade, entendida como um corpo coletivo. O corpo e o território se relacionam metabolicamente, de tal forma que não se pode "isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem" (Gago, 2020, p. 80).

Seguindo a discussão de Verónica Gago (2020), corpo-território é tanto um instrumento teórico-metodológico quanto uma ferramenta de estratégia política. É um instrumento teórico-metodológico por explicar como está organizada a exploração dos territórios devastados pelo (neo)extrativismo, o que é justificado por um suposto e nunca alcançado "desenvolvimento" das comunidades exploradas. A organização dessa exploração pressupõe uma determinada força de trabalho, isto é, exige que os corpos sejam submetidos a um regime de exploração pelo trabalho.

Para Federici (2023), foi a partir do capitalismo que os corpos foram transformados em ferramentas de trabalho, maximizando a exploração da força de trabalho por meio de formas diferenciadas de controle. Por sua vez, essa força de trabalho é impactada diretamente pela espoliação daquilo que são os bens comunitários em



suas vidas cotidianas. A força desta noção como estratégia política reside precisamente na possibilidade de identificar essa organização como um campo de forças e as batalhas que nela ocorrem.

O corpo-território nos fornece um mapa das conflitualidades e expande nossa compreensão por oferecer uma mirada “a partir dos corpos experimentados como territórios e dos territórios vividos como corpos” (Gago, 2020, p. 79). A provocação de Gago sobre essa experimentação é apropriada por Chaves (2021) na compreensão do corpo-território como instrumento capaz de “desenfeitiçar” aquilo que deliberadamente é mantido como oculto, a relação metabólica entre produção e reprodução no sistema capitalista. Nas palavras de Chaves (2021, p. 67), o corpo-território provoca a reflexão para a “superação dos feitiços capitalistas”, aqueles “que escamoteiam a dualidade entre sociedade e natureza, entre produção e reprodução”.

No contexto de mulheres racializadas e não racializadas, os corpos são geopoliticamente localizados (Oliva, 2022). Significa dizer que o modo como um corpo é percebido, tratado e valorizado varia conforme o lugar e o contexto em que ele está inserido, pois a precarização tem cor e origem (Oliveira, 2021). Uma mesma característica corporal – como gênero, raça ou condição socioeconômica – pode ser vista de maneiras diferentes, dependendo das relações de poder e dos significados culturais, sociais e ambientais associados ao território ou localidade que o sujeito ocupa. Gago (2020) afirma que não é possível separar o corpo individual do corpo coletivo ou o corpo humano do território. E o que isso nos diz a respeito dos corpos racializados e não racializados em Jardim Gramacho?

Ao considerarmos a lógica capitalista e colonial de apropriação, o território e os corpos são vistos como mercadorias e ao situarmos a noção de corpo-território no “território extraordinário do lixo” em Jardim Gramacho, podemos identificar a relação violenta entre território e corpos desde a fundação do aterro. Em Gramacho, foi escondido um território periférico (distante dos centros das cidades), onde



estão localizadas moradias populares de pessoas empobrecidas, para o despejo do lixo de uma das maiores regiões metropolitanas do Brasil. Por anos a fio, aquele território do lixo não foi um espaço reconhecido em políticas mínimas de saneamento básico para a população local, nem para a ínfima gestão dos resíduos ali depositados. Segundo Santos (2021), a chegada do aterro alterou as dimensões geográficas com o aumento da população e a organização social do lugar com o estabelecimento de diversas empresas da indústria da reciclagem.

Conforme o mapa de conflitos sobre as injustiças ambientais e saúde no Brasil (Fiocruz, sd), o lixão foi instalado onde antes era um manguezal e teve como consequências “diversos acidentes, ameaçando a baía com o despejo de toneladas de lixo e chorume diretamente em suas margens e águas”. A poluição do ar, o chorume que se espalha a céu aberto, a falta de limpeza pública, de saneamento básico e infraestrutura sanitária, além dos vazadouros e dos depósitos clandestinos de lixo formam um ambiente insalubre em que se proliferam doenças infecciosas como tuberculose e hanseníase. Atualmente, estima-se que operem no estado do Rio de Janeiro um número próximo a 98 aterros, lixões ou depósitos de materiais recicláveis irregulares (Fiocruz, sd). Parte significativa desses espaços são de propriedade privada, de empresas e de parcerias com o tráfico de drogas. Duque de Caxias continua a abrigar esses espaços, sendo um dos municípios em que se estima que quase 40 depósitos clandestinos estejam em atividade.

Nesse sentido, a poluição e a espoliação do território refletem as doenças e a exploração dos corpos. A pesquisa de Cárcamo (2013), em particular, tem o potencial de revelar o corpo-território a partir de entrevistas com moradores do Gramacho. Por exemplo, quando perguntados sobre as fogueiras – constantes no local pela falta de coleta do lixo – e suas consequências, os moradores afirmam que elas são um “problema de saúde e ambiente”, pois causam “doenças respiratórias e poluição do ar”. Ao mesmo tempo que os moradores identificam de forma precisa essa relação, Cárcamo (2013, p. 82)



aponta que, por vezes, ela é justificada pelo “desenvolvimento para o bairro”, especialmente entre aqueles que possuem sua renda e seu trabalho atrelados ao aterro.

No lixão, podemos encontrar a unidade contraditória que mantém o sistema capitalista entre reprodução e produção (Bhattacharya, 2022; Fraser, 2017), mapeando como e a quais violências está submetido o corpo-território. O lixo tornou-se central na manutenção da precariedade da vida das pessoas. É no lixo que se dá a devastação do ambiente e o adoecimento do corpo coletivo. Igualmente, é dele que se faz a sobrevivência daquele corpo coletivo. Assim, o corpo torna-se uma extensão do território, e as práticas cotidianas — no trabalho, na comunidade, no lar ou nas pequenas práticas de resistência — tornam-se formas de afirmação de presença e de contestação ao controle imposto sobre seus corpos e territórios.

Como aponta Oliva (2022, p. 145), “há lugares onde os atributos do nosso corpo nos mobilizam; há lugares onde os atributos do nosso corpo nos imobilizam”. Gramacho, então, torna-se um corpo-território “extraordinário” pela junção e revelação agudas que oferece: a devastação do meio ambiente e a extrema exploração dos corpos no trabalho da catação formam um contínuo que se sustenta pelo mínimo de proteção e de renda derivado da própria devastação do ambiente e do trabalho precário organizado ao redor dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo busca relacionar a noção de corpo-território ao território e aos corpos no Jardim Gramacho, local que abrigou por décadas um dos maiores lixões da América Latina. As falas de Estamira, documentário que conduz um mapeamento sensível das brutalidades do lixão, nos servem suas linhas-guias para as verdades do cotidiano em Gramacho.



Argumentamos que Estamira elabora um mapeamento que pode ser relacionado à noção de corpo-território, promovida como ferramenta teórico-metodológica e de estratégia política. Por essa noção é possível a elaboração de um mapeamento das violências a que o território e o corpo coletivo de uma comunidade estão submetidos. Ao relacionarmos o Jardim Gramacho – pelas falas de Estamira e pelo levantamento da realidade do território – ao corpo-território, podemos revelar a unidade contraditória que sustenta o sistema capitalista: o lixão tornou-se central na manutenção da precariedade da vida das pessoas. Como afirmamos mais acima, é no lixo que se dá a devastação do ambiente e o adoecimento do corpo coletivo. Igualmente, é dele que se faz a sobrevivência daquele corpo coletivo.

Mesmo após 12 anos de seu fechamento oficial, o aterro de Jardim Gramacho ainda influencia a articulação do corpo coletivo com o território, pois a população local vivencia novas condições de vulnerabilidade e silenciamentos. Como mostram as falas de Estamira, os impactos do aterro afetaram a saúde física e mental dos moradores, sustentando relações de trabalho precárias em torno dos resíduos até os dias atuais. A maioria das catadoras e catadores que não foram absorvidos pelas cooperativas e associações, dependem dos resíduos geridos pelos depósitos e que são despejados ilegalmente nas “rampinhas clandestinas”, controladas pelo tráfico. As opções permanecem restritas: continuar em um trabalho precário na reciclagem ou ingressar no tráfico, opção que atrai cada vez mais adolescentes e jovens da comunidade.

Mapear em mais detalhes esse circuito é uma das tarefas que pretendemos desenvolver em escritos futuros. Pensamos que este exercício promove o uso de uma noção preciosa para os movimentos sociais em nossa região do mundo e para pesquisadoras que buscam estudar a unidade contraditória na qual vivemos. Especialmente, ao considerarmos os trabalhos ocultados, colocados na extrema precariedade, realizados em nossa sociedade por uma maioria de mulheres. Para além do gênero, é possível reconhecer



uma organização a partir dele pelo qual reprodução e produção são colocadas deliberadamente como espaços separados. Questionar a separação é produzir o “desenfeitiçamento” e revelar a totalidade e a contradição em um só momento.

Embora tenhamos em vista o potencial de desmistificação, temos também em mente os limites do exercício aqui proposto, em particular, quando lidamos com violências extremas do narcotráfico que se apropria da vida nas periferias brasileiras e do Estado. Pesquisas sobre as condições insalubres e a presença do tráfico na catação de materiais recicláveis têm impactado o ambiente das conversas e entrevistas, revelando os dilemas severos enfrentados pela população de Jardim Gramacho. Escolher entre risco e sobrevivência são questões que, em uma sociedade mais justa, sequer deveriam existir.

Por isso, sugerimos que pesquisas futuras possam se voltar a essa relação ao pensar nos legados do Jardim Gramacho, dos impactos e efeitos que esses corpos-territórios vivenciam, de como resistem e sobrevivem às múltiplas situações de violências. Por fim, insistimos na relevância deste exercício a partir da realidade concreta, do corpo-território que une as urgências de nosso tempo no ambiente e na desproteção social, para que se possam produzir políticas públicas que levem em conta a indissociabilidade entre corpo e território.

REFERÊNCIAS

BASTOS, V. P. **Catador:** Profissão – um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Tese (Doutorado em Serviço Social) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BASTOS, V. P. O fim do lixão de Gramacho: Além do risco ambiental. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 265-287, 2015.

BASTOS, V. P. Os sentidos do trabalho invisibilizado dos catadores na realidade fluminense. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, Vitória, v. 1, n. 1, 2019.

BASTOS, V. P.; SILVA, M. T. Questão ambiental, racismo ambiental e covid-19: velhos e novos desafios. **Mundo Livre**, Campos dos Goytacazes, v. 7, n. 1, p. 190-208, 2021.

BHATTACHARYA, T. Introdução. In: BHATTACHARYA, T. (org.). **Teoria da reprodução social**: remapeamento de classe, recentralização da opressão. São Paulo: Elefante, 2022.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Brasília, 2010.

CÁRCAMO, M. I. C. **Configuração territorial e problemas de saúde e ambiente em uma periferia metropolitana**: o caso do bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

CHAVES, K. A. Corpo-território, reprodução social e cosmopolítica: Reflexões a partir das lutas das mulheres indígenas no Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 25, n. 4, Artigo 4, 2021.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: RioFilme/Zazen Produções, 2006. Documentário (115 min).

FEDERICI, S. **Além da pele**: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). RJ – Jardim Gramacho – catadores de materiais recicláveis lutam pelo direito ao trabalho, apesar das condições de marginalização, doenças e insalubridade. **Mapa de Conflitos**: injustiça ambiental e saúde no Brasil, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rj-jardim-gramacho-catadores-de-materiais-reciclageis-lutam-pelo-direito-ao-trabalho-apesar-das-condicoes-de-marginalizacao-doencas-e-insalubridade/>. Acesso em: 6 set. 2025.

FRASER, N. Behind Marx's Hidden Abode: For an Expanded Conception of Capitalism. In: Deutscher, P.; Lafont, C. (EE.). **Critical Theory in Critical Times: Transforming the Global Political and Economic Order**. Columbia University Press, New York, 2017.

GAGO, V. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, 2020.

IETS. **Estratégia de desenvolvimento urbano, socioeconômico e ambiental para o entorno do aterro metropolitano de Jardim Gramacho:** Diagnóstico socioeconômico de Jardim Gramacho. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, 2011.

JUNCÁ, D. C. M. **Mais que sobras e sobrantes:** Trajetórias de sujeitos no lixo. Tese (Doutorado em Saúde Pública) — Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2004.

MORAIS, B. O. **O Legado de Gramacho:** a miséria sob o manto da invisibilidade e o papel da educação ambiental no enfrentamento dessa crise. Dissertação (Mestrado em Práticas em Desenvolvimento Sustentável) – Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MOREANO, M.; ARRAZOLA, I. O mapa como guia: o mapeamento das violências feminicidas e o devir feminista. In: HERNÁNDEZ, D. T. C.; JIMÉNEZ, M. B. **Corpos, territórios e feminismos:** Compilação latino-americana de teorias, metodologias e práticas políticas. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

OLIVA, V. F. Do Corpo-Espaço ao Corpo-Território: o que a geografia feminista tem a dizer? **Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 8, n. 17, p. 165-187, 2022.

OLIVEIRA, D. **Racismo estrutural:** uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

RODRIGUES, A. S. **Análise das repercussões sociais do processo de desativação do Aterro Controlado de Jardim Gramacho em Duque de Caxias.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, M. M. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Edusp, 2021.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Anael Robson Barbosa Ferreira

Natural de São José do Egito, bacharel em Psicologia pela Universidade de Pernambuco – UPE, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental – PPGSDS/UPE, membro do Laboratório em Ações Coletivas e Saúde – LACS. Gosto de temas relacionados às cosmovisões de povos tradicionais e da terra, cultura popular, meio ambiente e saúde mental.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0931595851078267>

E-mail: anael.ferreira@upe.br

Antônio Genaldo Fagundes de Miranda

Preto e quilombola de Castainho, Garanhuns. Técnico ambiental pelo IFPE campus Garanhuns e graduando em Letras – Português pela UFPE. Atuante nas ações quilombolas e de movimentos negros em visão da conquista e permanência de direitos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0057342381081000>

E-mail: antoniogenaldo12@gmail.com

Bárbara Oliveira de Moraes

Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/145954405004604>

E-mail: bomorais@id.uff.br



Bruno Robson de Barros Carvalho

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2020). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2014). Docente e coordenador do Grupo de Pesquisa em Psicologia e Existência Sertaneja no Centro Universitário do Rio São Francisco.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4091903533583111>

E-mail: brunorobson@outlook.com

Clarissa Marques

Pós-doutorado desenvolvido na The New School for Social Research. Doutora em Direito pela UFPE com estágio doutoral na Universidade de Paris. Professora do PPGSDS/UPE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6617245097291351>

E-mail: clarissa.marques@upe.br

Daniela Leal Dantas Vasconcelos

Psicóloga e mestranda pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem especialização em psicologia junguiana com enfoque na prática clínica, pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional (IDE) e atua nessa área. Dedica-se aos estudos interseccionais perpassando amor e masculinidades.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4423508949674528>

E-mail: danilealdv@gmail.com

Danielle de Andrade Paes Leme

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental (Prismal) da Universidade de Pernambuco; especialista na abordagem Gestalt-terapia; graduada em Psicologia; graduada em Direito; psicóloga clínica; sócia fundadora e cogestora do Espaço Açuena; diretora do Instituto Arapuá; militante climática; mãe; mulher latino-americana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6696657023169622>

E-mail: danielle.apaesleme@upe.br



Eduardo Matos de Oliveira

Graduando no curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco. Integrante do Grupo de Pesquisa em Psicologia Social do Trabalho, do Programa de Extensão "Psicologia, Trabalho e Ações Coletivas" (PTAC/UPE). Vice-presidente da Liga Acadêmica de Psicanálise e Sociedade (LAPSO/UPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6940520441297407>

E-mail: eduardo.matos@upe.br

Flávia Manuella Uchôa de Oliveira

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta do Departamento de Administração e colaboradora permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense. Integrante do GT - Trabalho e Processos Organizativos na Contemporaneidade, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1336320203039409>

E-mail: flaviauchoa@id.uff.br

Gisele Michele da Silva

Psicóloga, formada pela Universidade de Pernambuco - UPE (2022). Atualmente é residente no Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde, do Hospital das Clínicas de Pernambuco HCPE/EBSERH.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8973762003537367>

E-mail: psigiselesilvaa@gmail.com

Giselle Oliveira Santos

Mestra em Psicologia com ênfase em Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL) e graduada em Psicologia pela Universidade de Pernambuco. Professora na Residência Multiprofissional em Saúde Mental (REMUSM). Psicóloga técnica no Programa transVERgente, vinculado ao Laboratório em Ações Coletivas e Saúde - LACS - UPE, onde é também pesquisadora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4969447579532655>

E-mail: giselleoliveiraps@gmail.com



Heloísa Gabrielle Alves Pontes Silva Flayban

Psicóloga graduada pela Universidade de Pernambuco – UPE, e pós-graduada em Teoria Psicanalítica e Adolescentes em Conflito com a Lei. Ainda na universidade, fui pesquisadora em Comunidade Quilombola junto ao LACS e integrante do programa de extensão um Pé de Saúde. Atuo na psicologia clínica e na Fundação de Atendimento Socioeducativo – Funase.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8961438826851250>

E-mail: heloisa.flayban@gmail.com

Hémerson Carlos Dovoezem Costa

Psicólogo. Pós-graduando em Gestalt-terapia pelo Núcleo Construir/UNIFACOL. Graduado em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE). Pesquisador nas áreas de gênero, sexualidade e cultura pop.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1658149833843175>

E-mail: hemerson.dovoezem@upe.br

Ingrid Jessiane Vieira Lima

Caminha e aprende com povos tradicionais e da terra. Dialoga sobre contracolonialidade e educação popular. Psicóloga-extensionista no programa Um Pé de Saúde (LACS/UPE). Mestra em Psicologia (PPG PRISMAL/UPE) e pós-graduada em Fenomenologia Decolonial e Clínica Ampliada (Nucafe).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0919043602186931>

E-mail: ingrid.vieira@upe.br

Jade Sarmento Santana

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em saúde mental, na modalidade residência multiprofissional, pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (FCM/UPE). Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3967723162514525>

E-mail: jade.sarmento@ufpe.br



Jaileila de Araújo Menezes

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação (DPSIE) e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (OriGECOL/UFPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5042948325884329>

E-mail: jaileila.santos@ufpe.br

Jailton Bezerra Melo

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2019). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2015). Docente no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Supervisor e psicoterapeuta. Integrante do LACS-UPE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5133343245992160>

E-mail: jbmelo@pucsp.br

Jaíze de Andrade Araújo

Graduada em Psicologia – Centro Universitário do Rio São Francisco – UNIRIOS. Psicóloga clínica no Centro de Atendimento Psicoeducacional – CAPED no município de Água Branca – AL.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2119949428227143>

E-mail: jaize.andrade.a28@gmail.com

Jhenyffer Lays Ribeiro Silva

Graduada em Psicologia pela Universidade de Pernambuco/UPE. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental (PPGSDS/UPE) da Universidade de Pernambuco/UPE.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4192043330410727>

E-mail: psicojhennyfer.lays@gmail.com



Jorge Edielson Costa Gueiros

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental – PPGSDS/UPE. Pesquisador nas áreas de masculinidades, sexualidades e educação. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6879497698300729>

E-mail: jorge.ecosta@upe.br

Juliana Catarine Barbosa da Silva

Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade de Pernambuco (UPE). Integrante do GT – Psicologia Social nos Estudos Urbanos: Diálogos Interdisciplinares, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4905384507965814>

E-mail: juliana.catarine@upe.br

Juliano Almeida Bastos

Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco. Coordenador do Programa de Extensão Universitária "Psicologia, Trabalho e Ações Coletivas". Integrante do GT – Trabalho e Processos Organizativos na Contemporaneidade, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5441532286749666>

E-mail: juliano.bastos@upe.br



Jullyane Chagas Barboza Brasilino

Doutora em Psicologia Social (PUC/SP). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE. Desenvolve pesquisas e ações extensionistas na área de gênero, diversidade sexual e saúde mental. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em psicologia social. Docente do curso de graduação em Psicologia na Universidade de Pernambuco/UFPE, campus Garanhuns, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental (PPGSDS/UFPE); pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Laboratório em Estudos de Ação Clínica e Saúde (LACS/UFPE | CNPq). Coordenadora do Serviço de Atenção Psicológica da UFPE (SAP/UFPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/092722237731886>

E-mail: jullyane.brasilino@upe.br

Larissa Raposo Diniz

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2017). Possui mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2010) e graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (2006). Tem experiência em docência e conduz pesquisas com ênfase em psicologia social e psicologia política.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5190019872886916>

E-mail: larissardiniz@gmail.com

Ludmila Menezes de Oliveira

Psicóloga. Residência em Saúde da Família (Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP). Mestrado em Saúde Pública (Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ/PE). Doutoranda em Psicologia (UFPE). Servidora da Prefeitura de Recife, atuando em consultório na rua. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (OriGEPCOL/UFPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0959765253205189>

E-mail: menezes.ludmila@gmail.com



Maria Cauane da Silva Souza

Graduanda no curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco. Possui experiências em extensão e liga acadêmica nas áreas de psicologia social, psicanálise, gênero e sexualidade. Interessa-se em abordagens e lentes com ênfase em psicologia social, fenomenologia e territorialidades.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8921925313838792>

E-mail: cauane.souza@upe.br

Maria Eduarda Sobral F. Sá Barreto

Psicóloga graduada pela Universidade de Pernambuco (UPE). Pesquisadora nas áreas de luto, gênero e saúde mental.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9324916814181777>

E-mail: eduarda.sobral@upe.br

Maria Isabel Cavalcante Almeida

Graduanda em Psicologia na Universidade de Pernambuco. Pesquisadora no campo de Gênero, Sexualidade e Psicologia Jurídica. Bolsista em Iniciação à Docência pelo Programa de Fortalecimento Acadêmico (PFA/UPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9324916814181777>

E-mail: isabel.cavalcante@upe.br

Rebeca Kelly Gomes da Silva

Paraibana, feminista negra, psicóloga (CRP-13/9434) e mestra em Psicologia Social pela UFPB. Doutoranda em Psicologia pela UFPE e pós-graduanda em Saúde Mental Perinatal. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (OriGEPCOL/UFPE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1909648130344435>

E-mail: rebekakelly3@gmail.com



Suely Emilia de Barros Santos

Aprende com povos tradicionais e da terra. Atua numa Ação Clínica Social no viver cotidiano, voltada para a promoção em saúde mental nas ruralidades e ruas urbanas periféricas. Inspira-se no pensamento contracolonial, saberes tradicionais, fenomenologia, saúde e educação popular. Psicóloga. Professora doutora da UPE - campus Garanhuns. Pesquisadora extensionista do LACS, dos Programas de Pós-Graduação PPGSDS e PRISMAL. Mulher parda, antirracista, latino-americana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/95877855933174>

E-mail: suely.emilia@upe.br

Tathyane Gleice da Silva Lira

Psicóloga (CRP 02/13.307). Especialista em saúde pública. Mestre e doutoranda em Psicologia pela UFPE, desenvolvendo a tese sob orientação da Prof.^a Elaine Magalhães Costa Fernandez. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (OriGECOL/UFPE). Tem experiência como docente, também na clínica psicanalítica com bebês e demais crianças no SUS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8803695713092081>

E-mail: tathyane.silva@ufpe.br

Thalita Analyane Bezerra de Albuquerque

Enfermeira sanitária, atuo na atenção básica à saúde de Bom Conselho; estou docente na Afya Faculdade de Ciências Médicas de Garanhuns; na UPE, componho o LACS, estou mestranda no PPGSDS e contribuo como tutora e professora em residências de saúde.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8753719822809296>

E-mail: thalita.analyane@upe.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

- abordagem construcionista 109
- abordagem metodológica 10
- abordagens específicas 107
- ação política 33, 34, 48, 77, 189
- ações afirmativas 14, 131, 132, 134, 136, 137, 140, 141, 142, 145, 189
- ancestralidade 72, 144, 159
- artefatos visuais 81
- assistência social 12, 23, 49, 50, 53, 54, 56, 58, 60, 63, 65, 67, 189
- atenção básica à saúde 188

C

- cartografia 88, 89
- colonialidade epistêmica 72
- comunidade de aprendizagem 73
- condições de produção 108
- construcionismo social 82, 107, 113, 127, 128
- contexto laboral 13, 26, 90, 189
- corpo-território 14, 164, 165, 166, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 189
- cotidiano 9, 10, 11, 12, 13, 15, 22, 31, 32, 41, 48, 49, 51, 54, 65, 67, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 127, 128, 129, 130, 134, 150, 175, 188, 189
- crise climática 14, 149, 150, 151, 154, 160, 161, 162, 189
- cuidado à vida 73, 84

D

- devolutiva científica 81

E

- educação popular 183, 188

- equipes multiprofissionais 12, 16, 18, 189
- escrevivência 77, 78, 88
- escuta ativa 10
- estamira 14, 164, 189
- estratégias metodológicas 112
- experiência 9, 11, 55, 61, 68, 73, 79, 82, 88, 112, 130, 186, 188, 189

F

- feminismo negro 76, 77
- fenomenologia 187, 188

G

- gênero 13, 53, 73, 75, 92, 103, 106, 107, 108, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 150, 173, 176, 183, 186, 187, 189
- gordofobia 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 189

I

- interlocutores 79, 80, 81, 113
- interseccionalidade 88
- isolamento social 71

J

- jovens quilombolas 14, 131, 133, 137, 141, 142, 145, 189

L

- livros 74, 82, 134, 189
- luta de classes 12, 33, 189
- luto 107, 109, 121, 122, 123, 128, 187

M

- mapas afetivos 81
- masculinidades 79, 88, 107, 113, 114, 117, 129, 181, 185
- movimentos sociais 34, 37, 38, 46, 77, 124, 125, 126, 176

- 
- mulheres gordas 13, 90, 94, 95, 96, 101, 102, 189
- N**
- normas 13, 35, 106, 108, 114, 116, 117, 118, 121, 126, 128, 189
- O**
- olhares construcionistas 13, 106, 189
- P**
- pandemia 12, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 71, 189
- pesquisa 9, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 34, 37, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 98, 100, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 127, 128, 129, 130, 132, 138, 141, 143, 163, 167, 174, 189
- pesquisa-intervenção 88, 89
- pesquisas qualitativas 109, 110
- podcasts 38, 75
- poética 72, 189
- política acadêmica 75
- política de memória 77
- políticas públicas 12, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 67, 69, 145, 161, 169, 177, 189
- político 11, 12, 37, 49, 51, 66, 67, 74, 75, 77, 126, 134, 138, 159, 165, 189
- práticas discursivas 19, 20, 28, 91, 93, 104, 107, 108, 109, 127, 130
- práticas sociais 9, 108, 110, 117
- produção científica 108, 110, 128
- produção de sentidos 31, 32, 91, 93, 104, 107, 108, 109, 114, 127, 130
- psicologia 12, 14, 20, 32, 36, 37, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 59, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 93, 107, 109, 110, 112, 113, 117, 124, 127, 128, 129, 186, 187
- rede de pesquisadoras 71
- resistência 9, 12, 33, 37, 41, 44, 46, 48, 57, 67, 77, 132, 133, 141, 144, 145, 175, 189
- R**
- saúde mental 12, 16, 17, 19, 21, 23, 24, 25, 29, 30, 32, 64, 77, 81, 95, 107, 109, 121, 122, 123, 129, 146, 155, 180, 183, 186, 187, 188, 189
- sexualidade 13, 106, 107, 108, 116, 117, 118, 119, 126, 128, 129, 183, 187, 189
- social 12, 17, 21, 23, 24, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 77, 82, 83, 88, 91, 93, 96, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 133, 143, 145, 150, 155, 158, 167, 170, 171, 174, 177, 178, 186, 187, 189, 190
- subjetividade 88, 89, 108, 126, 129, 152, 190
- T**
- tecnologias mediadoras 73, 75, 79
- trabalho 12, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 54, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 73, 76, 81, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 121, 123, 126, 130, 136, 138, 139, 143, 158, 166, 169, 171, 172, 175, 176, 178, 190
- U**
- uberização 34, 35, 36, 37, 44, 47, 48, 190



www.pimentacultural.com

O COTIDIANO COMO HORIZONTE DE PESQUISA

